



INRC DO CAVALO-MARINHO

Inventário Nacional de Referências Culturais

Volume 3
Sítio Inventariado

Sumário dos Volumes

Volume 1

Relatório Analítico

Volume 2

Dossiê

Volume 3

Ficha de Sítio (F10)

Bibliografia (Anexo 1)

Registros Audiovisuais (Anexo 2)

Fichas de Identificação (F60)

Volume 4

Extremo Norte e Limítrofes

Ficha de Localidade (F11), Bens Culturais Inventariados (Anexo 3),

Contatos (Anexo 4), Fichas de Identificação (F60)

Volume 5

Norte-Centro e Paulista

Ficha de Localidade (F11), Bens Culturais Inventariados (Anexo 3),

Contatos (Anexo 4), Fichas de Identificação (F60)

Volume 6

Sul-Oeste

Ficha de Localidade (F11), Bens Culturais Inventariados (Anexo 3),

Contatos (Anexo 4), Fichas de Identificação (F60)

Ficha de Sítio (F10)



INRC DO CAVALO-MARINHO
Inventário Nacional de Referências Culturais

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SÍTIO	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F10	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

DENOMINAÇÃO DO SÍTIO		ZONA DA MATA NORTE, PAULISTA
OUTRAS DENOMINAÇÕES		Mata Norte, Paulista
ESTADO		Pernambuco
MUNICÍPIO		Itambé, Pedra de Fogo, Camutanga, Ferreiros, São Vicente Ferrer, Condado, Goiana, Aliança, Chã de Camará, Araçoiaba, Lagoa de Itaenga, Passira, Feira Nova, Glória de Goitá, Paulista
DISTRITO OU SUBDISTRITO		Cidade Tabajara
LOCALIDADES INVENTARIADAS	NO SÍTIO	1: Extremo Norte e limítrofes, 2: Norte-Centro e Paulista, 3: Sul-Oeste
	NO ENTORNO	

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

Vide DVDs de Fotos.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE
F20 – CELEBRAÇÕES Dia de Reis; Festa de Fim de Ano
F40 – FORMAS DE EXPRESSÃO Baiano; Cavalo-Marinho Memórias; Mestres
F50 – LUGARES Casa da Cultura; Terreiros - Memória
F60 – OFÍCIOS E MODOS DE FAZER Artesão de Rabeca; Modos de Fazer Rebeca; Rabequeiro

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO DO SÍTIO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA .

4.1. LOCALIZAÇÃO

O sítio do Inventário do Cavalo-Marinho foi delimitado, de acordo com a presença dos grupos da brincadeira estudada: foram definidos a Mata Norte de Pernambuco e o município de Paulista. Da Mata Norte, derivam todos os grupos de Cavalo-Marinho do estado. É também nesta região onde está a mais significativa ocorrência da brincadeira, com especial destaque para o município de Condado que conta, atualmente, com 4 grupos e muitos brincadores de grupos de outros municípios moram lá. Em Paulista (no bairro de Cidade Tabajara), está localizado o Cavalo-Marinho Boi Matuto, da família Salustiano. Lá também estão situadas a Casa da Rabeca do Brasil e a Ilumiara Zumbi, lugares importantes para os Cavalos-Marinheiros do estado, por conta dos encontros de Cavalos-Marinheiros, que já ocorrem há 18 anos, reunindo diversos grupos de Pernambuco e da Paraíba.

A Zona da Mata Norte de Pernambuco está localizada a cerca de 50 quilômetros de Recife, entre o litoral e o agreste; é composta por 19 municípios. Até bem pouco tempo, a maior parte desta área era referendada como "região canaveira", pelo histórico cultivo de cana-de-açúcar na região. É uma das regiões de maior potencial econômico do Nordeste, pelos recursos naturais disponíveis (água, solo, etc.), pelas vantagens locais (próxima e em torno da Região Metropolitana do Recife), com razoável infraestrutura econômica (estradas estaduais, como a PE-90; e federais, com destaque para a BR-408) e abundante contingente de mão-de-obra.

O município de Paulista conta atualmente com uma população de cerca de 300.466 habitantes, distribuída em uma área de 93,52 km²; faz parte da região metropolitana do Recife, está localizado ao norte da capital pernambucana; é cortado pela rodovia federal BR-101 (Norte) e por quatro rodovias estaduais.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

A Zona da Mata Norte possui, predominantemente, clima tropical quente e úmido, mas também há alguns municípios que apresentam características de clima tropical quente subúmido seco. Suas unidades de paisagem são a Planície Costeira, os Tabuleiros Costeiros e as Colinas da Zona da Mata. Os principais rios que estão localizados na região são o Rio Goiana e o Rio Capibaribe. Também estão presentes na Mata Norte cinco Áreas de Proteção Ambiental (APA), das quais três são estuarinas e uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

A ocupação agrícola dos diferentes ambientes da Mata Norte expressa, de forma forte, as raízes socioeconômicas e histórico-culturais da colonização do Nordeste, com a predominância da lavoura canaveira. Nas "Chãs" presentes na região, de solos bastante ácidos, observa-se o surgimento de atividades como: avicultura, suinocultura e os cultivos do inhame, abacaxi, coco-anão e, ultimamente, da acerola, entre outros. Outras culturas também podem ser encontradas, como: a da banana-anã ou nanicão, concentradas em poucos municípios e, mais recentemente, o cultivo da seringueira e do cacau, além da exploração de gado bovino (de corte e leiteiro), de bubalinos e de pequenas criações de peixes e camarões.

Nas últimas décadas, as condições ambientais restritas para a cultivo da cana-de-açúcar e as crises do mercado de açúcar fizeram com que os senhores de engenhos e fornecedores de cana desmembrassem suas terras, vendendo porções pequenas ou mesmo procurassem outras alternativas para o uso do solo. Isto, de certa forma, vem conduzindo a um aumento da diversificação dos agroecossistemas existentes. Assim, por conta da topografia do terreno e variada disponibilidade de água, ecossistemas agrícolas constituídos pela cultura da bananeira, da uva preta - em alguns municípios -, além da pecuária de corte, são encontrados ocupando a grande maioria das encostas. Podem ser encontrados, também, outros tipos de exploração vegetal, como as da cultura do inhame da Costa, da batata-doce, da mandioca, além de algumas espécies frutíferas e uma expressiva atividade avícola, com pequenas granjas e enormes indústrias com a Mauriceia, em Nazaré da Mata.

No município de Paulista, o meio ambiente e a paisagem naturais são marcados pela faixa litorânea e pelas matas. A parte litorânea, cujos terrenos são influenciados pelas marés, apresenta uma vegetação de mangue. Esse ecossistema desempenha uma função muito importante como filtro biológico e químico das águas contaminadas por resíduos industriais e domésticos, além de servir como viveiro natural. Ainda na planície costeira, a ocupação urbana tomou o lugar da vegetação de praia, ali representada por espécies herbáceas.

No interior da parte urbana, ou próximo dela, encontram-se ainda matas. As principais matas de Paulista são: a Mata do Janga, a Mata Jaguarana e a Mata dos Caetés, além de serem reservas ecológicas protegidas por lei, são também locais de atividades de educação ecológica, pesquisa científica e lazer da população local. O Município possui ainda outras matas, situadas nos bairros do Parque do Janga, Jaguarana, Mirueira (a Mata do Ronca) e Paratibe. (ÂNCORA, s/d)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4.3. MARCOS EDIFICADOS

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

A Zona da Mata Norte está em uma área cuja ocupação histórica, em parte remonta ao final do século XVI. Ali existiram grupos indígenas (fala-se que os Tabajara ou Tabaiaras foram um destes grupos) que foram assimilados pelo sistema colonial e que deixaram fortes marcas em diversas manifestações culturais; o trabalho escravo sempre foi presente na região, especialmente nos engenhos de cana-de-açúcar, que deram origem às atuais usinas, atividade ainda predominante na região de toda Mata Norte de Pernambuco. A principal mão-de-obra utilizada no trabalho canavieiro foi de negros africanos escravizados, especialmente dos grupos étnicos bantos. Os donos dos engenhos eram portugueses ou seus descendentes, em sua grande maioria, cristão-católicos ou judeus. Basicamente esta foi a constituição étnica da região: povos originários – indígenas – que foram assimilados em parte de seus costumes, especialmente na língua, modos de vestir; povos africanos trazidos para o trabalho escravo especializado – os bantos, em especial nesta região, que dominavam com excelência as artes da agricultura e das grandes culturas da terra, do ferro, da madeira, da alfaiataria, etc.; os portugueses que se constituíram, desde o início da colonização, como colonizadores, os senhores-de-engenho, donos dos cartórios, políticos, governantes.

Esta formação étnica constituiu e constitui até a atualidade a base da cultura local: na culinária, nas relações sociais e econômicas, no artesanato, na religiosidade, nas manifestações culturais, vemos a força desses elementos étnicos. Manifestações como o Caboclinho e o Maracatu de Caboclo (Rural ou de Baque Solto) são exemplos da presença negro-indígena na região. Ou ainda na religiosidade vemos a força do dominador português e ao mesmo tempo, a expressão de uma 'fé misturada' através do catolicismo popular que mescla elementos católico-cristãos com cultos aos orixás, ancestrais e antepassados; o catimbó, jurema, macumba e outras manifestações religiosas que mesclam formas de culto negra e/ou indígenas. (TENDERINI, 2009)

A concentração de terras, assim como o caráter essencialmente comercial da agricultura nordestina, produziu a decadência das lavouras de subsistência e dificultou as condições de vida dos trabalhadores rurais, além de prejudicar a fertilidade da terra e a diversidade da produção agrícola. A monocultura da cana, associada ao trabalho escravo, desde o período colonial até meados do século XX, representou a maior fonte de renda do Estado de Pernambuco.

Por razões históricas de sua formação, com raízes coloniais que remontam ao Século XVI, o setor canavieiro de Pernambuco continuou nas mãos da oligarquia latifundiária, que usa a terra como base de poder. O monopólio da terra garantiu a monocultura canavieira e inibiu o surgimento de outras atividades econômicas, gerando problemas estruturais e permanentes como o desemprego (estrutural e sazonal), o subemprego e grandes déficits sociais, além da degradação do meio natural.

Na década de 1970, com a implantação do PROALCOOL, programa do Governo Federal, ampliou-se a plantação de cana em áreas de solos e relevo não adequados à cultura, agravando as dificuldades crônicas de baixa produtividade agrícola (por atraso tecnológico). Outro efeito negativo do PROALCOOL foi a enorme redução das pequenas áreas exploradas com culturas alimentares (mandioca, macaxeira, inhame, batata-doce, feijão e milho), e algumas espécies frutíferas. Só mais recentemente, diante do agravamento das dificuldades do setor canavieiro, é que se observa uma tendência para a retomada dessas iniciativas de diversificação das atividades agrícolas.

Sintetizando, a Zona da Mata de Pernambuco como um todo (Norte e Sul) herda do seu passado uma série de problemas estruturais nas dimensões econômica, social, ambiental, política e cultural, que podem ser resumidos abaixo da seguinte forma:

- uma estrutura fundiária exageradamente distorcida: de um lado, grandes latifúndios, produtivos ou não, que exploram a monocultura da cana-de-açúcar e, ao mesmo tempo, convivem com as unidades familiares produtivas (fornecedores de cana, etc.), os minifúndios que são incapazes de absorver a mão-de-obra de uma família, tentando explorar culturas alimentares diversificadas;
- uma defasagem tecnológica do setor sucro-alcooleiro (agrícola e industrial) com relação aos seus competidores do Centro-Sul do Brasil;

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

- um elevado índice de inadimplência do setor sucro-alcooleiro com débitos bancários, tributários e previdenciários;
- um meio natural degradado com raros vestígios originais dos ecossistemas, terras erodidas, rios poluídos e ameaçados de desperenização pelo assoreamento;
- elevados índices de desemprego (estrutural e sazonal) e de subempregos, que repercute nas periferias das cidades da Região e da área metropolitana do Recife;
- uma infraestrutura social deficiente, na saúde, na educação, na habitação, nas condições de saneamento e de abastecimento de água, contribuindo para explicar os péssimos índices de qualidade de vida da população e a existência da maior concentração de bolsões de pobreza do estado;
- um baixo índice de educação formal e de participação política;
- uma cultura fundamentada na crença de que a cana de açúcar é a única possibilidade da Região. Dessa crença compartilham políticos, trabalhadores, fornecedores de cana, empresários e grande parte dos técnicos e instituições públicas atuantes na região. (ÂNCORA, s/d)

O município de Paulista recebeu este nome por conta do antigo engenho de cana-de-açúcar pertencente ao mestre de campo Manuel Alves de Moraes Navarro, natural da Capitania de São Paulo, de onde havia partido no comando de um terço de Primeira linha para a Campanha dos Palmares. Um fato marcante da história de Paulista ocorreu em 20 de maio de 1817, quando o padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, participante da Revolução Pernambucana, suicidou-se ao ver que a causa estava perdida. Seu cadáver, que fora sepultado na Capela do Engenho Paulista, foi desenterrado e mutilado, a cabeça foi separada do tronco e levada para o Recife, colocada no pelourinho por ordem do Almirante Rodrigo Lobo, comandante da esquadra enviada da Bahia pelo Conde dos Arcos, para reprimir o levante. Por conta deste fato, em 2005, foi criada a lei nº 3.843/2005 que determina o dia 28 de fevereiro como feriado municipal, em comemoração ao nascimento do Padre João Ribeiro, considerado herói da Revolução Pernambucana de 1817.

Paulista foi marcada pela presença da família Lundgren, que iniciou sua presença lá com a chegada, em 1904, do sueco que se naturalizou brasileiro Hermann Theodor Lundgren. Este comprou a maior parte das ações dessa indústria têxtil, inaugurando um novo período da história daquela povoação. Nas mãos do novo proprietário e de seus filhos (Alberto, Frederico e Arthur Lundgren), as máquinas obsoletas da fábrica foram substituídas por equipamentos modernos, que foram importados da Inglaterra e que produziam algodões brancos, lisos e trançados. Uma das primeiras medidas do novo proprietário foi a construção de uma vila com 500 casas de tijolo e telha para a moradia dos operários, em substituição às palhoças que ali existiam. Herman Theodor Lundgren faleceu em 1907, com 72 anos de idade e sua obra empresarial teve continuidade e expansão com seus filhos e netos.

No final da década de 1970, com a criação do Distrito Industrial de Paratibe, Paulista transformou-se num importante polo industrial da Região Metropolitana do Recife. Ao mesmo tempo, a implantação de conjuntos habitacionais da COHAB* aumentou consideravelmente a área urbana, o que resultou num grande crescimento da população. (IBGE, 2013) (Site oficial da Prefeitura de Paulista)

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Dezembro 1994	1º Encontro de Cavalos-Marinheiros em Cidade Tabajara
21-04-2002	Fundação da Casa da Rabeca do Brasil

6. PERFIL SOCIOECONÔMICO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO**PE****01****00****13****F10****01****6.1. POPULAÇÃO**

De acordo com o censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010), a população da Zona da Mata Norte era de 577.191 habitantes, distribuídos em uma área de 3.219,27 km², indicando uma densidade demográfica igual a 179 hab/km². Nessa região, concentra-se a monocultura canavieira, que, em uma área de aproximadamente 450 mil hectares, chegou a empregar, em épocas de safra, mais de 200 mil pessoas.

A migração do campo para a cidade atualmente acontece em duas direções: (a) para o centro-sul na busca de conseguir emprego; e (b) outra parte migra para as periferias do Recife e de outras cidades de porte médio da região, em condições precárias, passando à condição de subempregados na informalidade. Muitos se marginalizam ou sobrevivem com os programas compensatórios do governo federal.

A migração continua, especialmente, entre os mais jovens. A preferência ainda é pela cidade grande. De acordo com estudo feito pela universidade católica de pernambuco (SICSU, MEDEIROS, 2002), informações das escolas agrícolas da mata norte indicam que:

“Os jovens que se profissionalizam nas cidades apresentam o seguinte perfil: 10% voltam para aplicar o que aprenderam nas propriedades rurais dos próprios pais; cerca de 30% ficam na cidade à procura de oportunidades, de concursos da prefeitura, de um contrato numa escola ou emprego no comércio local; os outros, 60%, quando terminam o curso, vão fazer vestibular na capital e lá se fixam, procurando, na capital ou em outra cidade próxima, uma profissão que melhor remunere seu trabalho e dificilmente voltam. Nesse sentido, é bom notar que vem ocorrendo um esvaziamento de quadros qualificados que poderiam ajudar nas modificações estruturais da região.”

O quadro apresentado abaixo relaciona os municípios da Zona da Mata Norte, indicando, para cada um, a sua população residente total (Censo IBGE, 2010), a área do município e a densidade demográfica relacionada.

Caracterização da Mata Norte de Pernambuco

Municípios	População residente	Área (km²) (2010)	Densidade demográfica (hab/km²) (2010)
Aliança	37.415	272,79	137
Buenos Aires	12.537	93,19	135
Camutanga	8.156	37,52	217
Carpina	74.858	144,93	517
Chã de Alegria	12.404	48,46	256
Condado	24.282	89,64	271
Ferreiros	11.430	89,35	128
Glória do Goitá	29.019	231,83	125
Goiana	75.644	501,88	151
Itambé	35.398	304,81	116
Itaquitinga	15.692	103,42	152
Lagoa do carro	16.007	69,67	230
Lagoa de Itaenga	20.659	57,28	361
Macaparana	23.925	108,05	221
Nazaré da Mata	30.796	150,26	205
Paudalho	51.357	277,51	185
Timbaúba	53.825	292,28	184

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Tracunhaém	13.055	118,39	110
Vicência	30.732	228,02	135

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010, 2011; Agência CONDEPE/FIDEM – PIB municipal, 2011

Segundo o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Município do Paulista, nas décadas de 1970 e 1980, apresentou um enorme crescimento populacional. Em 1970, o Município contava com uma população total de 70.059 habitantes, passando para um total de 165.747, em 1980, representando um crescimento de 136,58%. Já na década de 1990, o crescimento correspondeu a 27,60%. De acordo com a contagem populacional do IBGE/2007, Paulista tem uma população de 307.284 habitantes. Quanto ao crescimento populacional, no período situado entre os últimos dois censos de 2000 (262.237 habitantes) e 2007 (307.284 habitantes), verifica-se que este percentual corresponde a um crescimento de 14,66%. No município, predomina a população de 18 a 40 anos, totalizando 104.267 habitantes. As mulheres são maioria, somando 114.898, enquanto os homens são 101.849 dos moradores do município (população com dez anos de idade ou mais). (fonte: Site oficial da Prefeitura de Paulista)

6.2. QUALIDADE DE VIDA

O histórico de formação da Mata Norte aponta para uma riqueza de seu patrimônio cultural ao mesmo tempo em que a opressão colonial se perpetua até a atualidade. Na região existem sítios históricos e bens tombados nacionalmente, reservas ambientais e uma grande diversidade de manifestações tradicionais (com destaque para o maracatu de baque solto) e festas populares, relacionadas aos ciclos do carnaval, das festas juninas e natalinas. Muitas edificações são oriundas do ciclo açucareiro de Pernambuco, como antigos engenhos, capelas, igrejas e casarios.

As cidades da Zona da Mata nasceram desta forma, ao redor dos grandes engenhos e usinas de cana de açúcar e cresceram estruturando-se e se organizando em prol desta necessidade, para fornecer produtos e serviços exigidos pelo complexo sulcrocroleiro. As cidades se desenvolveram e cresceram muito pouco, sendo que as maiores apresentam ainda hoje população urbana de até 60.000 habitantes, destacando-se Carpina, Timbaúba e Goiana. São cidades de porte médio que cresceram com a transferência da população do campo de seu município e de municípios vizinhos, principalmente por conta da crise do setor sulcrocroleiro; e a transferência de trabalhadores desempregados inchou as cidades de gente e de significativas carências de serviços e de infraestrutura urbana.

Existem diversos movimentos sociais e organizações da sociedade civil atuantes na zona da mata, a maior parte ligados aos interesses dos trabalhadores rurais, por isto são muitas as associações rurais vinculadas aos sindicatos, permanecendo importante o seu papel, durante e após a crise do Setor Canavieiro. Além de defender os interesses trabalhistas, os sindicatos atuam também no apoio assistencial aos seus associados. Não é raro encontrar muitos dos trabalhadores da região na dupla condição de trabalhador assalariado e de produtor familiar, em parcelas de assentamentos, porém que mantêm seus vínculos com o sindicato de trabalhadores rurais e garante o acesso aos seus direitos trabalhistas.

Recentemente, ONGs e outras novas formas de organização social vêm-se instalando na Região, entre elas os destacam-se fóruns, conselhos, comissões, câmaras e comitês, criados pelos programas oficiais, com composição paritária (governo/sociedade), com a finalidade de articular a participação popular no planejamento, fiscalização e controle das políticas públicas. Aos poucos, esses colegiados vêm possibilitando a participação mais efetiva da sociedade local em programas na área de produção rural, saúde, educação, apoio à criança e ao adolescente, às mulheres, segurança e bem-estar, social, entre outros.

Cooperativas e organizações não governamentais – ONGs – criadas por profissionais especializados, têm viabilizado o desenvolvimento, a execução de projetos produtivos e sociais e promovido a capacitação de grupos, em parceria com os governos federais, estadual e municipais, além de contribuir para a mobilização, sensibilização e mediação de questões de interesse do conjunto das sociedades locais.

Reconhece-se, assim, que a Mata, dada sua longa história de lutas populares, apresenta inúmeras organizações que dão suporte aos Movimentos Sociais, podendo caracterizar-se numa região onde há uma participação efetiva das camadas populares, através de suas associações, na busca de soluções para seus problemas. A Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco - FETAPE continua tendo uma participação decisiva nas negociações com o setor sucrocroleiro.

No município de Paulista, os indicadores refletem uma baixa qualidade de vida da população, apesar de apresentar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) superior ao de Pernambuco (0,572), pouco abaixo do Brasil (0,742) e do Recife (0,790), correspondendo a 0,731. O Índice de Condição de Vida (ICV), que no Brasil é de 0,723, em Pernambuco é de 0,616; em Recife, de 0,747; em Paulista, representa 0,755. Um número expressivo de pessoas

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

(32.588) vive com renda de até um salário mínimo, enquanto uma minoria se encontra num patamar bem mais elevado (10 salários mínimos ou mais).

6.3. TRABALHO E RENDA FAMILIAR

Na economia da Mata Norte, se destacam os municípios de Goiana, Carpina, Timbaúba, Paudalho e Nazaré da Mata. As principais atividades e os principais produtos que contribuem com o PIB da região são: a produção de cana-de-açúcar, avicultura, indústria de transformação (de alimentos, de papel e de cimento) e construção civil, a administração pública (trabalhos em prefeituras e órgãos municipais ou estaduais, na área de educação e saúde, especialmente), aluguéis, serviços prestados a empresas e comércio (atacado de bebidas e alimentos, varejo de combustíveis, automotores e supermercados). No ano de 2009, a região gerou um PIB de R\$ 3,27 bilhões.

Nas cidades Polos, como Timbaúba, Goiana, Carpina, nota-se o surgimento e consolidação de classes médias locais, fortemente relacionadas com os setores de serviços e comércio.

Os municípios polarizados e subordinados ao complexo canavieiro local não diversificaram as atividades urbanas. De uma maneira geral, nas suas cidades, as atividades mais importantes são o pequeno comércio e os serviços oferecidos pela administração pública. A produção de bens industriais ou agroindustriais é inexpressiva, e os serviços são pouco diversificados. O crescimento dos programas sociais do governo federal, inclusive das aposentadorias, e as transferências de renda de pessoas que migraram para grandes cidades, fazem com que haja um certo crescimento da renda local, que ajuda a manter o comércio e os serviços.

A tendência ainda tímida de diversificação das atividades agrícolas leva à igual tendência de ocorrerem oportunidades de diversificação urbana na Zona da Mata (agroindústrias alimentícias, beneficiando banana e derivados, passas, doces, farinha entre outras atividades). Outras atividades como o turismo, o artesanato, os movimentos artísticos e culturais sugerem serviços urbanos, tais como hotéis, restaurantes, capacitação, comunicações etc. Ultimamente, vem ocorrendo um certo dinamismo na Zona da Mata. O acontecimento da copa do mundo de futebol em 2014 tem contribuído para a visibilização da região. Assim, veem-se prosperar setores como os de saúde e educação, além da construção civil. O setor de serviços se diversifica, surgindo assessorias e cursos em diversas áreas como contabilidade e informática. Escolas de línguas vêm completar a malha educacional junto com investimentos em formação para o trabalho e novas escolas de terceiro grau. O comércio tem crescido, surgindo setores que vêm atender a essas classes médias, como revendedoras de automóveis, casas de móveis e de decoração, aumento significativo de casas de materiais para construção, entre outros.

Apesar de uma certa dinâmica ser observada, os problemas sociais continuam crescendo, principalmente, a partir da crise do setor canavieiro na década de 1990, notando-se a favelização das periferias, o aumento da criminalidade e o da violência. O desemprego e a segurança se firmam como um dos maiores problemas dessas cidades. Os indicadores do desenvolvimento humano e das condições de vida da população da Mata, medidos pelo Índice de Desenvolvimento Humano - IDH e pelo Índice de Condições de Vida - ICV, registram uma distância muito grande para uma situação de desenvolvimento aceitável. Todos os demais indicadores sociais de condições de vida, medidos pela escolaridade, habitabilidade e de saúde, refletem sempre a mesma situação de carência da população. As cidades pacatas vão apresentando cenários semelhantes aos grandes centros urbanos, com moradias de baixa habitabilidade, sem saneamento e outros serviços essenciais.

Os programas compensatórios do Governo Federal vêm, de certa forma, minorando a situação de pobreza criada pela crise da cana e por toda uma conjuntura gerada em decorrência das diretrizes públicas prevaletentes nos últimos anos. Merecem destaque os Programas de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), de apoio à criança de 0-6 anos e serviços assistenciais, que atendem a pessoas idosas, os quais vêm trazendo para a região um volume de recursos que têm um efeito multiplicador nas atividades locais além de suprir parte das necessidades básicas dessa população. Notam-se, ainda, os programas sociais Mãe Coruja, Chapéu de Palha. Municípios Saudáveis e Programa Paulo Freire.

Vale ainda lembrar a chegada de diversas fábricas grandes na região de Goiana, que já estão gerando inúmeros postos de trabalho, por conta da instalação da FIAT e da Hemobrás, por exemplo.

No caso de Paulista, quanto às condições e oportunidades de trabalho, no que se refere ao setor primário, existem poucas unidades locais, entretanto, com relação ao setor secundário, o município dispõe de um parque industrial (DIPER I), nas margens da BR-101, onde estão concentradas as indústrias de grande porte e ainda outras de menor porte, distribuídas pelo Município.

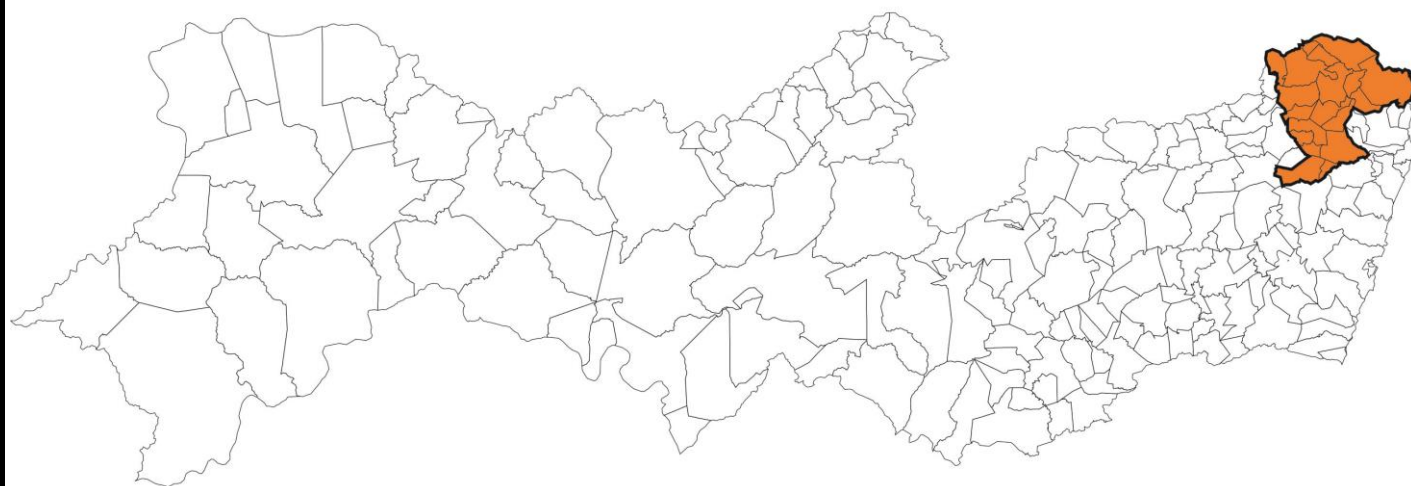
6.4. EDUCAÇÃO

Apesar de a maioria da população da Zona da Mata Norte de Pernambuco ainda ter baixa escolaridade, vários

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO**PE****01****00****13****F10****01**

programas do governo nas suas três instâncias têm contribuído para a elevação da escolaridade na região. Projovem, EJA (educação de jovens e adultos), Travessia são alguns dos programas que têm possibilitado à população, fora da faixa normal de estudo, concluir ensino fundamental e médio. Escolas técnicas também estão sendo implementadas ou já estão funcionando, como as de Carpina e a de Goiana. Cursos de línguas e várias faculdades privadas surgiram nos últimos anos, além de as prefeituras de municípios maiores, como Carpina e Nazaré da Mata, apoiarem os estudantes universitários que estudam em Recife, disponibilizando-lhes transporte. A UPE de Nazaré da Mata tem recebido cada vez mais pessoas dos municípios limítrofes e vem aumentando o número de cursos oferecidos na região.

Quanto à escolaridade em Paulista, a maioria dos habitantes, 71.779 indivíduos, frequentou a escola por sete anos ou mais, seguidos por 50.232 pessoas que estudaram de onze a quatorze anos. No entanto, somente 8.120 moradores do Paulista passaram mais de 15 anos na escola, ou seja, atingiram o nível superior, enquanto 13.993 dos paulistenses nunca frequentaram a escola ou passaram menos de um ano estudando. Paulista conta atualmente com um total de 213 escolas, sendo 38 delas da rede municipal, 23 escolas da rede estadual e 152 da rede particular de ensino. Entre instituições públicas e particulares, 124 abrangem o pré-escolar; 150, ensino fundamental; 41 atendem ao ensino médio; 2 oferecem o nível superior de ensino (ambas da rede particular).

7. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**Sítio - Mata Norte e Paulista**

■ Zona da Mata Norte

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL

Lei n.º 6.292, de 15 de Dezembro de 1975

Dispõe sobre o tombamento de bens no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

O Presidente da República:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O tombamento de bens no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), previsto no Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, dependerá de homologação do Ministro de Estado da Educação de Cultura, após parecer do respectivo Conselho Consultivo.

Parágrafo único. Aplica-se o disposto neste artigo ao caso de cancelamento a que se refere o § 2º do artigo 19 do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro 1937.

Art. 2º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

02) Legislação Internacional

Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, art. 13, item 3

"Os estados-partes no presente Pacto comprometem-se a respeitar a liberdade dos pais - e, quando for a caso, dos tutores legais - de escolher para seus filhos escolas distintas daquelas criadas pelas autoridades públicas, sempre que atendam aos padrões mínimos de ensino prescritos ou aprovados pelo estado, e de fazer com que seus filhos venham a receber educação religiosa ou moral que esteja de acordo com suas próprias convicções."

03) DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, ASSINADA EM 1948:

Artigo II.

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Artigo XVIII.

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.

CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO 1989

TÍTULO II

Da Organização do Estado e Seus Poderes

CAPÍTULO I

Da Competência do Estado

Art. 5º. O Estado exerce em seu Território todos os poderes que explicita ou implicitamente não lhe sejam vedados pela Constituição da República. Parágrafo único. É competência comum do Estado e dos Municípios:

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos e as paisagens naturais notáveis, os sítios arqueológicos, e conservar o patrimônio público;

IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico e cultural;

V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à Ciência;

VI - proteger o meio ambiente, combatendo a poluição em qualquer de suas formas;

TÍTULO III

Da Organização Municipal e Regional

CAPÍTULO I

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Do Município

SEÇÃO I

Disposições Preliminares

Art. 78. Compete aos Municípios:

IX - promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observadas a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual;

XII - implantar a Política municipal de proteção e de gestão ambiental, em colaboração com a União e o Estado.

CAPÍTULO II

Das Regiões

SEÇÃO II

Do Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Art. 96. O Arquipélago de Fernando de Noronha constitui região geoeconômica, social e cultural do Estado de Pernambuco, sob a forma de Distrito Estadual, dotado de estatuto próprio, com autonomia administrativa e financeira.

TÍTULO VII

Da Ordem Social

CAPÍTULO II

Da Educação, da Cultura, do Desporto e do Lazer

SEÇÃO II

Da Cultura

Art. 197. O Estado tem o dever de garantir a todos a participação no processo social da cultura.

§1º As ciências, as artes e as letras são livres.

§2º O Poder Público protegerá, em sua integridade e desenvolvimento, as manifestações de cultura popular, de origem africana e de outros grupos participantes do processo da civilização brasileira.

§3º As culturas indígenas devem ser respeitadas em seu caráter autônomo.

§4º Ficam sob a organização, guarda e gestão dos governos estadual e municipais a documentação histórica e as medidas para franquear sua consulta, bem como a proteção especial de obras, edifícios e locais de valor histórico ou artístico, os monumentos, paisagens naturais e jazidas arqueológicas.

§5º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos na forma da lei.

§6º O Estado e os Municípios promoverão instalação de espaços culturais com bibliotecas e áreas de multimeios, nas sedes municipais e distritos, sendo obrigatória a sua existência nos projetos habitacionais e de urbanização, segundo o módulo a ser determinado por lei.

Art. 198. O Estado considerará como manifestação cultural de sua promoção a edição semestral das revistas oficiais do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano e da Academia Pernambucana de Letras, sem prejuízo de subvenções financeiras que possam ser atribuídas a estas duas instituições.

Parágrafo único. Terão as duas entidades responsabilidade editorial integral, respondendo o Estado, apenas, pelo financiamento das edições.

Art. 199. Para a concreta aplicação, aprofundamento e democratização dos direitos culturais consagrados na Constituição da República, o Poder Público observará os seguintes preceitos:

I - unificação das ações culturais no Estado e nos Municípios, de modo a superar paralelismos e superposições, respeitadas as peculiaridades culturais locais e a autonomia municipal;

II - distribuição de recursos proporcionalmente à população do Estado, ao volume e à importância da produção cultural nas Microrregiões e nos Municípios;

III - interiorização e descentralização de programas, espaços, serviços e equipamentos culturais;

IV - apoio à produção cultural local;

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

V - informação sobre os valores culturais, regionais, nacionais e universais;

VI - respeito à autonomia, à criticidade e ao pluralismo cultural;

VII - compromisso com a formação técnico-cultural, o estudo e a pesquisa;

VIII - participação das entidades, representativas dos produtores culturais na discussão de planos e projetos de ação cultural;

IX - tratamento da cultura em sua totalidade, considerando as expressões artísticas e não artísticas;

X - integração das ações culturais e educacionais;

CAPÍTULO IV

Do Meio Ambiente

SEÇÃO I

Da Proteção ao Meio Ambiente

Art. 205. Compete ao Estado e aos Municípios, em consonância com a União, nos termos da lei, proteger áreas de interesse cultural e ambiental, especialmente os arrecifes, os mananciais de interesse público e suas bacias, os locais de pouso, alimentação e/ou reprodução da fauna, bem como áreas de ocorrências de endemismos e raros bancos genéticos e as habitadas por organismos raros, vulneráveis, ameaçados ou em via de extinção.

LEI Nº. 12.196, DE 02 DE MAIO DE 2002.

Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco – RPV-PE, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Capítulo I

Da Instituição do Registro de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco – RPV-PE e da Definição de Patrimônio Vivo

Art. 1º Fica instituído, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco – RPV-PE a ser feito em livro próprio a cargo da Secretaria de Cultura do Estado, assistida neste mister, na forma prevista nesta Lei, pelo Conselho Estadual de Cultura, criado pela Lei nº 6.003, de 27 de setembro de 1967.

Parágrafo único. Será considerado, para os fins desta Lei, como Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco, apto, na forma prevista nesta Lei, a ser inscrito no RPV-PE, a pessoa natural ou grupo de pessoas naturais, dotado ou não de personalidade jurídica, que detenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e para a preservação de aspectos da cultura tradicional ou popular de uma comunidade estabelecida no Estado de Pernambuco.

Capítulo II

Dos Requisitos para habilitação à inscrição no RPV-PE

Art. 2º Considerar-se-á habilitado para pedido de inscrição no RPV-PE, na forma desta Lei, os que, abrangidos na definição de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco, atenderem ainda os seguintes requisitos:

I – no caso de pessoa natural:

- estar viva;
- ser brasileira residente no Estado de Pernambuco há mais de 20 (vinte) anos, contados da data do pedido de inscrição;
- ter comprovada participação em atividades culturais há mais de 20 (vinte) anos, contados da data do pedido de inscrição;
- estar capacitada a transmitir seus conhecimentos ou suas técnicas a alunos ou a aprendizes;

II – no caso dos grupos:

- estar em atividade;
- estar constituído sob qualquer forma associativa, sem fins lucrativos, dotado ou não de personalidade jurídica na forma da lei civil, comprovadamente há mais de 20 (vinte) anos contados da data do pedido de inscrição;
- ter comprovada participação em atividades culturais há mais de 20 (vinte) anos, contados da data do pedido de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

inscrição;

d) estar capacitado a transmitir seus conhecimentos ou suas técnicas a alunos ou a aprendizes.

§ 1º O requisito da alínea "d" do inciso I do *caput* deste artigo poderá ser dispensado na hipótese de verificação de condição de incapacidade física causada por doença grave cuja ocorrência for comprovada mediante exame médico-pericial com base em laudo conclusivo da medicina especializada, elaborado ou ratificado por junta médica do Departamento de Perícias Médicas e Segurança do Trabalho da Secretaria de Administração e Reforma do Estado.

§ 2º No caso dos grupos não dotados de personalidade jurídica, a concessão da inscrição no RPV-PE fica condicionada à aquisição, pelo grupo, da personalidade jurídica na forma da lei civil, mantidos a denominação tradicional do grupo, o objeto cultural e a finalidade não lucrativa.

Capítulo III

Dos Direitos Decorrentes da Inscrição no RPV-PE

Art. 3º A inscrição no RPV-PE acarretará para a pessoa natural ou para o grupo inscrito exclusivamente os seguintes direitos:

I – uso do título de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco;

II – percepção de bolsa de incentivo a ser-lhes paga pelo Estado de Pernambuco na forma prevista nesta Lei;

III – prioridade na análise de projetos por eles apresentados ao Sistema de Incentivo à Cultura de que trata a Lei nº 11.914, de 28 de dezembro de 2000.

Art. 4º A bolsa de incentivo de que trata o inciso II do art. 3º desta Lei consistirá no pagamento mensal, pelo Estado de Pernambuco:

I – à pessoa natural inscrita no RPV-PE, da quantia de R\$ 750,00 (setecentos reais);

II – ao grupo inscrito no RPV-PE, da quantia de R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais), a ser distribuída entre os seus membros na forma prevista nos seus atos constitutivos;.

§ 1º Os valores previstos no *caput* deste artigo serão atualizados na forma prevista na Lei nº 11.922, de 29 de dezembro de 2000.

§ 2º Os direitos atribuídos aos inscritos no RPV-PE na forma prevista nesta Lei terão natureza personalíssima e serão inalienáveis e impenhoráveis, não podendo ser cedidos ou transmitidos, sob qualquer título, a cessionários, herdeiros ou legatários, todavia, não geram qualquer vínculo de natureza administrativa para com o Estado.

§ 3º Os direitos atribuídos aos inscritos no RPV-PE, extinguir-se-ão:

I – pelo cancelamento da inscrição na forma prevista nesta Lei;

II – pelo falecimento do inscrito se pessoa natural; ou,

III – pela sua dissolução, de fato ou de direito, no caso de grupo.

§ 4º O quantitativo máximo de novas inscrições no RPV-PE não excederá anualmente a 03 (três) e o número total de inscrições ativas em qualquer tempo não ultrapassará a 60 (sessenta).

Capítulo IV

Dos Deveres Decorrentes da Inscrição no RPV-PE e do Cancelamento da Inscrição

Art. 5º Serão deveres dos inscritos no RPV-PE, observado o disposto no art. 2º desta Lei:

I – participar de programas de ensino e de aprendizagem dos seus conhecimentos e técnicas organizados pela Secretária de Cultura do Estado de Pernambuco, cujas despesas serão custeadas pelo Estado e no qual serão transmitidos aos alunos ou aos aprendizes os conhecimentos e as técnicas das quais forem detentores os inscritos no RPV-PE;

II – ceder ao Estado, para fins não lucrativos de natureza educacional e cultural, em especial para suas documentação e divulgação e sem exclusividade em relação a outros eventuais cessionários que o inscrito houver por bem constituir, os direitos patrimoniais de autor sobre os conhecimentos e as técnicas que detiver.

Art. 6º Caberá à Fundação de Arte do Estado de Pernambuco - FUNDARPE acompanhar o cumprimento, pelos inscritos no RPV-PE, dos deveres a eles atribuídos na forma prevista nesta Lei, bem como lhes prestar a assistência técnica e administrativa necessária ao bom desempenho de suas atividades.

§ 1º A cada 02 (dois) anos até o final do exercício financeiro subsequente ao biênio objeto de análise, a FUNDARPE elaborará relatório a ser apresentado ao Secretário de Cultura do Estado relativo ao cumprimento ou não pelos inscritos no RPV-PE dos deveres a eles atribuídos na forma prevista nesta Lei.

§ 2º Na elaboração do relatório de que trata o parágrafo anterior, a FUNDARPE assegurará aos inscritos no RPV-PE o

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

direito de ampla defesa para esclarecimento, pelo prazo de 30 (trinta) dias, de qualquer exigência ou impugnação relativa ao cumprimento dos deveres a ele atribuídos na forma prevista nesta Lei.

§ 3º Não será considerado descumprimento dos deveres a ele atribuídos por esta Lei a impossibilidade, para o inscrito ou para número relevante dos membros de grupo inscrito, de participar dos programas de que trata o inciso I do art. 5º desta Lei, desde que tal impossibilidade tenha sido motivada por incapacidade física causada por doença grave cuja ocorrência for comprovada mediante exame médico-pericial com base em laudo conclusivo da medicina especializada, elaborado ou ratificado por junta médica do Departamento de Perícias Médicas e Segurança do Trabalho da Secretaria de Administração e Reforma do Estado.

§ 4º A aprovação pelo Secretário de Cultura por 02 (dois) biênios consecutivos ou por 03 (três) biênios não consecutivos de relatório de que trata o § 1º deste artigo em que tiver ficado constatado o descumprimento por inscritos no RPV-PE de quaisquer dos deveres a ele atribuídos na forma prevista nesta Lei implicará o cancelamento do registro do inscrito inadimplente junto ao RPV-PE.

§ 5º De decisão do Secretário de Cultura que implicar o cancelamento de sua inscrição no RPV-PE caberá recurso do interessado, com mero efeito devolutivo, ao Conselho Estadual de Cultura que, apreciando-o, manterá ou reformará a decisão recorrida.

Capítulo V

Do Processo de Registro no RPV-PE

Art. 7º São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro no RPV-PE:

I – o Secretário de Cultura do Estado;

II – o Conselho Estadual de Cultura;

III – a Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco;

IV – os Municípios do Estado de Pernambuco;

V – as entidades sem fins lucrativos, sediadas no Estado de Pernambuco, que estejam constituídas há pelo menos 02 (dois) anos nos termos da lei civil e que incluam entre as suas finalidades a proteção ao patrimônio cultural ou artístico estaduais.

Art. 8º Formulado o requerimento de inscrição por parte legítima e instruído com a anuência expressa do candidato ao registro no RPV-PE com os deveres previstos nesta Lei para os inscritos no RVP, bem como com outros documentos que comprovem o atendimento, pelo candidato, dos requisitos previstos nesta Lei para a sua inscrição no RPV-PE, o Secretário de Cultura do Estado, considerando habilitado à inscrição o candidato, mandará publicar edital no Diário Oficial do Estado e em jornais de ampla circulação na capital do Estado, para conhecimento público das candidaturas e eventual impugnação por qualquer do povo no prazo de 30 (trinta) dias contados da publicação.

§ 1º De decisão do Secretário de Cultura que considerar candidato inabilitado para inscrição no RPV-PE, por não atender qualquer dos requisitos para tanto previstos nesta Lei, caberá recurso do interessado, com mero efeito devolutivo, ao Conselho Estadual de Cultura que, apreciando-o, manterá ou reformará a decisão recorrida.

§ 2º Ultrapassado o prazo para conhecimento e impugnação de que trata o *caput* deste artigo, uma Comissão Especial de 05 (cinco) membros, designados pelo Secretário de Cultura do Estado entre pessoas de notório saber e reputação ilibada na área cultural específica, elaborará relatório acerca da idoneidade da candidatura apresentada.

§ 3º Na elaboração do relatório de que trata o parágrafo anterior, a Comissão Especial, também tratada no mesmo parágrafo assegurará aos candidatos à inscrição no RPV-PE o direito de ampla defesa para esclarecimento, pelo prazo de 30 (trinta) dias, de qualquer exigência ou impugnação relativa ao atendimento pelo candidato dos requisitos previstos nesta Lei.

§ 4º Caso o número de candidatos apresentados considerados habilitados pela Comissão Especial, de que trata o § 2º deste artigo, exceda o número máximo anual permitido de novas inscrições no RPV-PE, a comissão, no seu relatório estabelecerá recomendações de preferência na inscrição com base:

I – na relevância do trabalho desenvolvido pelo candidato em prol da cultura pernambucana;

II – na idade do candidato, se pessoa natural, ou na antiguidade do grupo; e,

III – na avaliação da situação de carência social do candidato.

§ 5º O relatório, de que trata o § 2º deste artigo, contendo, se for o caso, recomendações quanto à preferência na inscrição no RPV-PE na forma prevista no § 4º deste artigo, será apresentado pela Comissão Especial que o elaborou em audiência pública a ser realizada no Conselho Estadual de Cultura que emitirá resolução sobre a idoneidade dos candidatos a registro no RPV-PE apresentados naquele ano e sobre quais deles devem ter concedida sua inscrição no RPV-PE naquele ano.

§ 6º Tendo sido considerado o candidato ou candidatos aptos a registro no RPV-PE, conforme disposto na Resolução

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

do Conselho Estadual de Cultura, de que trata o parágrafo anterior, o Secretário de Cultura do Estado, mediante ato próprio a ser publicado no Diário Oficial do Estado, determinará a inscrição do candidato ou candidatos no RPV-PE.

§ 7º A inscrição no RPV-PE produzirá efeitos financeiros a partir do primeiro dia do segundo mês subsequente à publicação do ato concessivo da inscrição.

Capítulo VI

Das Disposições Gerais e Transitórias

Art. 9º Todas as disposições relativas aos candidatos à inscrição no RPV-PE ou aos nele inscritos, salvo disposição expressa em contrário, aplicam-se igualmente, no que couber, aos grupos candidatos à inscrição no RPV ou nele inscritos.

Art. 10 Todas as despesas decorrentes desta Lei correrão por conta dos créditos orçamentários da Secretária de Cultura do Estado.

Art. 11 O Poder Executivo, mediante decreto, expedirá instruções para a fiel execução desta Lei, bem como delegará ao Secretário de Cultura do Estado, competência para expedir atos normativos complementares.

Art. 12 Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 13 Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO DO CAMPO DAS PRINCESAS, em 02 de maio 2002.

JARBAS DE ANDRADE VASCONCELOS

Governador do Estado

9. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

9.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

A região da zona da mata norte e paulista é um grande celeiro de formas de expressão, celebrações e outros bens culturais. Ao mesmo tempo, historicamente traz um processo social e econômico de extrema exploração e de acirramento da desigualdade social. Este cenário, que remonta ao período colonial, construiu-se pautado na valorização da cultura produzida pela elite e/ou pelos detentores do poder e/ou pelos proprietários em função da desvalorização da cultura popular. Este processo histórico, que inclui dinâmicas econômicas, sociais, culturais e políticas da região de forma local, estadual e regional, não apresentou significativas rupturas estruturais que consequentemente proporcionassem mudanças significativas na sociedade. Com vista nisso, podemos perceber, principalmente, em âmbito local, especificamente na política municipal, um descaso e uma desvalorização da cultura popular como todo e, em particular, do Cavalo-Marinho e seus atores sociais. Grande parte dos entrevistados neste processo de INRC relata o imenso descaso das prefeituras que costumeiramente estão evitando contratar os brinquedos para participarem das festividades locais. E, se caso contratam, não pagam os valores solicitados pelos brincadores, atrasando no repasse e, muitas vezes, deixando de efetuar-lo. Em contrapartida, é de conhecimento público a constante contratação de bandas de músicas (chamado por alguns de *estilo brega*) que recebem cachês altíssimos e para os quais são reservadas as melhores estruturas para a realização da apresentação. Ocorre, justamente, o inverso para os grupos de Cavalo-Marinho.

9.2. RECOMENDAÇÕES

Visando à salvaguarda do Cavalo-Marinho e à implementação de políticas públicas de preservação, valorização e divulgação, é de suma importância a ação de institutos (por exemplo, IPHAN), fundações (por exemplo, a FUNDARPE) bem como de mobilização da comunidade para a construção de uma política cultural dialógica com as necessidades dos produtores dos bens culturais. Uma proposta concreta e que poderia ser aplicada de imediato é a articulação do IPHAN e da FUNDARPE, instituições envolvidas com este INRC, com as prefeituras locais elucidando a realização deste processo de inventário e sua meta de registro do Cavalo-Marinho como patrimônio. O passo seguinte seria justamente alertar as prefeituras locais para a responsabilidade de salvaguardarem o bem e realizarem políticas públicas em seu favor, buscando a valorização, primeiramente e em caráter prioritário, do patrimônio cultural existente nas localidades. Estimular o envolvimento da comunidade neste processo colaboraria também para estabelecer

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

claramente para os governos municipais que as políticas públicas relativas à cultura precisam munir-se do caráter democrático pautando-se, sobretudo, numa ação dialógica entre atores sociais e poder público.

10. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: PARA LISTA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

FORMULÁRIOS	
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE LOCALIDADES	(1) Zona da Mata Norte, Paulista
ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA	Vide Anexo 1: Bibliografia
ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS	Vide Anexo 2: Registros Audiovisuais
ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Vide Anexo 3: Bens Culturais Inventariados
ANEXO 4: CONTATOS	(1) Casa do Mestre Araújo; (2) Casa do Mestre Inácio Lucindo; (3) Inácio Lucindo da Silva; (4) João Cesário Venâncio; (5) José Alexandre da Silva; (6) Kleber Henrique da Silva; (7) Luiz Miguel de Lima; (8) Manoel Camelo da Silva; (9) Manoel Vicente da Silva; (10) Maria José Cesário; (11) Risonilda Dias da Silva Alves; (12) Severino Camelo da Silva; (13) Severino José da Silva; (14) Vicente Vieira de Barros; (15) Aguinaldo Roberto da Silva; (16) Antônio Felinto da Silva; (17) Antônio Manoel Rodrigues; (18) Casa da Família do Mestre Grimário; (19) Casa da Rabeca do Brasil; (20) Casa de Luiz Paixão; (21) Casa de Pedro Salustiano; (22) Fábio Soares da Silva; (23) José Borba da Silva; (24) José Grimário da Silva; (25) José Lourenço Batista; (26) José Sebastião de Freitas; (27) Luiz Alves Ferreira; (28) Maciel Salustiano; (29) Maria de Fátima Rodrigues; (30) Maria Soares da Silva; (31) Mariano Teles Rodrigues; (32) Pedro Salustiano; (33) Risoaldo Roberto da Silva; (34) Sebastião Miliano dos Santos; (35) Sebastião Pereira de Lima; (36) Sede do Cavalo-Marinheiro Boi Coroado; (37) Sede do Cavalo-Marinheiro Estrela Brilhante; (38) Sede do Cavalo-Marinheiro Estrela de Ouro; (39) Sede do Cavalo-Marinheiro Mestre Batista; (40) Severino Alexandre da Silva; (41) Wellington dos Santos Soares;

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	PE	01	00	13	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F20 – CELEBRAÇÕES (1) Dia de Reis (2) Festa de Fim de Ano F40 – FORMAS DE EXPRESSÃO (1) Baiano (2) Cavalo-Marinho Memórias (3) Mestres F50 – LUGARES (1) Casa da Cultura (2) Terreiros - Memória F60 – OFÍCIOS E MODOS DE FAZER (1) Artesão de Rabeca (2) Modos de Fazer Rebeca (3) Rabequeiro
--	--

11. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	HELENA TENDERINI E PAULO HENRIQUE		
SUPERVISOR	João Paulo Franca		
REDATOR	Helena Tenderini	DATA Fev. 2013	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

Bibliografia (Anexo 1)



INRC DO CAVALO-MARINHO
Inventário Nacional de Referências Culturais

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	01	12	F1-	A1
	UF	SÍTI	LOC.	ANO	FICHA	NO.

ANEXO
BIBLIOGRAFIA

1. LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES NÃO SERIADAS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
ACSELRAD, M. O Cavalo-Marinho na Mata Norte de Pernambuco. A dança das figuras: o corpo e brincadeira em movimento. In: GUILLEN, Isabel C. M. (org.) Tradições & Traduções : a cultura imaterial em Pernambuco. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.	Cavalo-Marinho, Dança, Antropologia da Arte, Estética, Cultura Popular	Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE	1
ACSELRAD, M. Viva Pareia! A arte da brincadeira ou a beleza da safadeza - uma abordagem antropológica da estética do Cavalo Marinho. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.	Cavalo-Marinho, Dança, Antropologia da Arte, Estética, Cultura Popular	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	2
ALCÂNTARA, Paulo Henrique Lopes de. O Cavalo-Marinho em Condado: Música, Reprodução Cultural e Políticas Públicas para a Cultura Popular. ENABET, 5., 2011, Belém. Anais do V Encontro Nacional da ABET , Belém: UFPA, 2011, p. 553-562. Disponível em: < http://abetmusica.org.br/conteudo.php >. Acesso em: 21 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Música, Políticas Públicas, Patrimônio, Preservação, Cultura Popular, Condado (PE), Etnomusicologia	< http://abetmusica.org.br/conteudo.php >	3
ALVES, Teodora Araújo. Heranças de corpos brincantes : os saberes da corporeidade em danças afro-brasileiras. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.	Cavalo-Marinho, Danças afro-brasileiras, Transmissão de saberes, corporeidade, Educação	Biblioteca Central da UFRN (Natal – RN)	4
AMORIM, Maria Alice. Patrimônios Vivos de Pernambuco . Recife: Fundarpe, 2010.	Publicação sobre os patrimônios vivos do estado de Pernambuco até o ano de 2010, incluindo Mestre Salustiano, grande contribuidor para a publicização do Cavalo-Marinho.	FUNDARPE	5
ANDRADE, Mario de. Danças Dramáticas do Brasil . Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1982.	Danças folclóricas brasileiras, Bumba meu Boi, Cavalo-Marinho, Reisado	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	6
ANDRADE, Mario de. Maracatu. Revista Contraponto . Recife, Nº 4, março de 1974.	Maracatu, Significados, Cultura africana, cultura portuguesa, Pernambuco, Tradição, Cultura Popular, Folclore	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	7
ARAÚJO, Edval Marinho de. O folguedo popular como veículo da comunicação rural : estudo de um grupo de Cavalo Marinho. 1984. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1984.	Cavalo-Marinho, Ferreiros (PE), Tradição, Comunicação, Cultura Popular, Sociologia, Representação social, Trabalhadores Rurais, Arte	Fundação Joaquim Nabuco (Recife- PE) Biblioteca Central da UFPE	8
BAER, Felicitas. Danças do Brasil . Rio de Janeiro: Tupy, 1958.	Cavalo-Marinho, Danças, Cultura Popular, Tradições, Antropologia, Brasil	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	9

Anexo : Bibliografia	PE	01	01	11	F1-	A1
----------------------	----	----	----	----	-----	----

BENJAMIN, Roberto. Folguedos e danças de Pernambuco . 2. ed. Recife: Ed. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989.	Folclore, Brasil, Nordeste, Cavalo-Marinho, Maracatu	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	10
BENJAMIN, Roberto. Pequeno Dicionário do Natal . Recife: Ed. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989.	Significados das festas e autos de Natal, Cavalo-Marinho, Pastoril	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)	11
BENJAMIN, Roberto. São Gonçalo : uma devoção reprimida. Recife: FJN, INPSO, 1984.	São Gonçalo do Amarante; São Gonçalo Garcia, Festas religiosas, Catolicismo, Brasil	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)	12
BONALD NETO, Olímpio. Os caboclos de lança. Azougados Guerreiros de Ogum. In: SILVA, Leonardo Dantas; SOUTO MAIOR, Mário (org.). Antologia do Carnaval do Recife . Recife: Fundaj, Massangana, 1991.	Maracatu Rural, Caboclo de Lança, Pernambuco, Zona canaveira	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	13
BORBA FILHO, Hermilo. Apresentação do Bumba-meu-Boi . Recife: Imprensa Universitária, 1966.	Significados, enredos, diálogos e personagens do Bumba meu Boi, Pernambuco	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	14
Borba, Alfredo. Brincantes . Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000. 134p. (coleção Malungo, V.3).	Cavalo-Marinho Estrela de Ouro, Mestre Biu Alexandre, Condado PE)	Casa do Carnaval – Recife (PE)	15
BRUSANTIN, Beatriz de M. As culturas de resistência escrava na comarca de Nazaré na zona da mata norte de Pernambuco. In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADES NA HISTÓRIA, 1, Recife, 2008. Anais... Recife: UFPE, 2008. CD-ROM.	Cavalo-Marinho, Maracatu Rural, Alforrias, Liberdade, Fuga de escravos, Libertos, Zona da Mata Norte de Pernambuco, História	CD Rom – Acervo particular de Beatriz Brusantin Biblioteca – CFCH – UFPE (Recife-PE)	16
BRUSANTIN, Beatriz de M. Bora pro samba! Visões sobre as tradições culturais dos trabalhadores rurais dos engenhos de açúcar da zona da mata norte de Pernambuco no final do século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 25, 2009, Fortaleza, Anais... Fortaleza, 2009. CD-ROM.	Cavalo-Marinho, Maracatu Rural, Escravos, Trabalhadores Rurais, Zona da Mata Norte de Pernambuco, Tradição, Cultura Popular, Costume, História Oral	CD Rom – Acervo particular de Beatriz Brusantin Acervo ANPUH Recife (PE)	17
BRUSANTIN, Beatriz de M. Corto Cana, amarro cana, dou três nós de amarradio: o que nos contam os trabalhadores rurais pernambucanos? In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL: TESTEMUNHAS: HISTÓRIA E POLÍTICA, 10, 2010, Recife. Anais... Recife: UFPE, 2010. CD-ROM.	Cavalo-Marinho, Mamulengo, Caboclinho, Maracatu Rural, Identidade, Trabalhador Rural, Sindicatos Rurais, Arte, História Oral, Cultura Popular	http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270233632_ARQUIVO_CortocanaBeatrizBrusantin.rtf.pdf	18
BRUSANTIN, Beatriz de M. Festas, suor e resistência: análise comparada das manifestações culturais dos trabalhadores catarinenses e pernambucanos no século XIX e início dos XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, São Leopoldo, 2007. Anais... São Leopoldo: UNISINOS/UEFS, 2007. CD-ROM.	Cavalo-Marinho, Bumba meu Boi, Boi de Mamão, Zona da Mata Norte de Pernambuco, Florianópolis (SC), História Comparada, Trabalhadores rurais, Escravos	CD Rom – Acervo particular de Beatriz Brusantin Acervo ANPUH Recife (PE)	19
BRUSANTIN, Beatriz de M. Parece mas não é: processos eleitorais, posturas políticas e culturas classistas na região canaveira de Pernambuco 1878-1885. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUNDOS DO TRABALHO: HISTÓRIAS DO TRABALHO NO SUL GLOBAL. V JORNADA NACIONAL DE HISTÓRIA DO TRABALHO, 2010, Florianópolis. Anais... Florianópolis, UFSC, 2010.	Cavalo-Marinho, Política, Movimento Abolicionista, Joaquim Nabuco, História, Eleições, História, Cultura Popular, Zona da Mata de Pernambuco	CD Rom – Acervo particular de Beatriz Brusantin	20

Anexo : Bibliografia		PE	01	01	11	F1-	A1
BRUSANTIN, Beatriz de M. Viva a Liberdade! As festas e resistências dos trabalhadores rurais da zona da mata de Pernambuco 1870-1906 (Brasil). In: ANNUAL ILASSA STUDENT CONFERENCE. Anais , 39, 2009, Austin (Texas – EUA): LANIC ETEXT Collection, 2009. Disponível em http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2009/ . Acesso em 21 jan. 2011.	Cavalo-Marinheiro, Maracatu Rural, Zona da Mata Norte de Pernambuco, Escravos, Engenhos, Liberdade, Revolta, História						21
BRUSANTIN, Beatriz de M. Viva o Boi: análise comparada das manifestações culturais dos trabalhadores catarinenses e pernambucanos no século XIX e início dos XX. (2007). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3, Florianópolis, 2007. Anais... Florianópolis: UFSC, 2007. CD-ROM.	Cavalo-Marinheiro, Bumba meu Boi, Boi de Mamão, Zona da Mata Norte de Pernambuco, Florianópolis (SC), História Comparada, Trabalhadores rurais, Escravos					CD Rom – Acervo particular de Beatriz Brusantin Acervo UFSC – Florianópolis (SC)	22
BRUSANTIN, Beatriz. Capitães e Mateus: relações sociais e culturas festivas e de luta dos trabalhadores dos engenhos da mata norte de Pernambuco (1870-1889). 2011. Tese (Doutorado em História Social) - CECULT/IFCH, UNICAMP, Campinas, 2011.	Cavalo-Marinheiro, Maracatu, História, Engenhos, Nazaré da Mata, Escravos, Trabalhadores rurais					Biblioteca Central da UNICAMP http://www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?code=000795170	23
CHAVES, S. Carnaval em Terras de Caboclo : uma Etnografia sobre Maracatus de Baque Solto. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional – PPGAS, 2008.	Maracatu Rural, Zona da Mata Norte de Pernambuco, Caboclo de Lança, Etnografia, Carnaval, Rituais, Antropologia					Biblioteca Central da UFRJ (Rio de Janeiro –RJ)	24
FAÇANHA JÚNIOR, Luiz Pinto. Os instrumentos musicais populares nordestinos e suas supostas origens medievais. In: ENABET, 2, 2004, Salvador. Anais do II Encontro Nacional da ABET , Salvador: UFBA, 2004, p. 961-974. Disponível em: http://abetmusica.org.br/conteudo.php . Acesso em: 21 jan. 2012.	Rabeca, Música, Tradições, Origens Ibéricas e árabes, Cultura Popular, Antropologia, História					http://abetmusica.org.br/conteudo.php	25
FERREIRA, Ascenso. O maracatu, presépios e pastoris e o bumba-meu-boi . Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, DSE/Departamento de Cultura, 1986.	Maracatu, Presépios, Pastoris, Bumba-meu-Boi, Cavalo-Marinheiro, Tradições, Cultura Popular, Pernambuco, Ciclo Natalino, Carnaval, Folclore, Partitura, Nordeste					Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)	26
FREYRE, G. Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil . Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.	Açúcar, Nordeste, Brasil, Geografia Humana, Influência do Meio, Homem, Cultura da Cana, Cavalo, Boi, Negros, Escravos, Antropologia, Sociologia, História					Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)	27
FREYRE, G. O Nordeste do Açúcar (crônica -1937). In: RIEDEL, Diaulas. Os canaviais e os mocambos . Paraíba, Pernambuco e Alagoas. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.	Nordeste, Brasil, Cultura da Cana, Cavalo, Boi, Festas Populares, Pernambuco, Escravos, Senhores					Biblioteca do IFCH – UNICAMP (Campinas-SP)	28
GONÇALVES, Gustavo Vilar. Música e movimento no cavalo-marinheiro de Pernambuco . 2001. Monografia (Especialização em Etnomusicologia), UFPE, Recife, 2001.	Cavalo-Marinheiro, Música, Etnomusicologia, Pernambuco, Paraíba					Biblioteca Central da UFPE (Recife – PE)	29

Anexo : Bibliografia		PE	01	01	11	F1-	A1
GRAMANI, José E. (org.). Rabeca, o som inesperado . Curitiba: Daniella Gramani, 2002.	Rabeca, Brasil, Música, Sonoridade, Tradição, Luthies	Núcleo de Etnomusicologia (UFPE – Recife – PE))	30				
GRILLO, Maria Ângela de Faria. Cavalo-Marinho: as representações do povo através do folguedo pernambucano. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, São Paulo, 2011. Anais eletrônicos... São Paulo: USP, 2011. http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300673501_ARQUIVO_Textocompleto.pdf . Acesso em 20 Jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Cultura Popular, Representações, Arte, Sociologia, Antropologia, História	http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300673501_ARQUIVO_Textocompleto.pdf	31				
GUARALDO, L. Na mata tem esperança : encontros com o corpo sambador no cavalo marinho. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes) - IA/ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.	Cavalo-Marinho, Maracatu Rural, Transmissão de Saberes, Cultura Popular, Corporeidade, Audiovisual, Antropologia, Arte	Biblioteca Central da UNICAMP (Campinas –SP) http://www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?code=000780862	32				
LARANJEIRA, C.; GUARALDO, L.; BRUSANTIN, B. Pois bata o Baião: as experiências de campo e corpo na pesquisa artística do Grupo Peleja. Revista do Lume . UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas, 2008.	Cavalo-Marinho, Teatro, Dança, Antropologia, Cultura Popular, Dramaturgia, Arte, Pesquisa de Campo, Pernambuco, Zona da Mata Norte	Biblioteca do LUME (Campinas – SP)	33				
LARANJEIRA, Carolina Dias. Corpo, Cavalo Marinho e dramaturgia a partir da investigação do Grupo Peleja . 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) - IA/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.	Cavalo-Marinho, Dramaturgia, Teatro, Tradição, Cultura Popular, Performance, Antropologia cultural, Dança	Biblioteca Central da UNICAMP (Campinas-SP) http://www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?code=000436272	34				
LEWINSOHN, A. C. O ator brincante ; no contexto do Teatro de Rua e do Cavalo Marinho. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.	Cavalo-Marinho, Máscara, Mateus, Teatro, Antropologia da Arte, Tradição, Cultura Popular, Pernambuco, Zona da Mata Norte	Biblioteca Central da UNICAMP (Campinas-SP) http://www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?code=000447674	35				
LIMA, Agostinho Jorge de. A Mudança do Mestre: seus reflexos na música e organização do Cavalo-Marinho da Paraíba. In: ENABET, 2., 2004, Salvador. Anais do II Encontro Nacional da ABET , Salvador: UFBA, 2004, p. 69-78. Disponível em : < http://abetmusica.org.br/conteudo.php >. Acesso em: 21 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Paraíba, Música, Transmissão de Saberes, Cultura Popular, Etnomusicologia	< http://abetmusica.org.br/conteudo.php >	36				
LIMA, Agostinho Jorge de. Apontamentos para um esboço da história do Cavalo-Marinho na Paraíba. In: ENABET, 5., 2011, Belém. Anais do V Encontro Nacional da ABET , Belém: UFPA, 2011, p.19-28. Disponível em: < http://abetmusica.org.br/conteudo.php >. Acesso em: 21 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Paraíba, Antropologia, História, Cultura Popular, Tradição	< http://abetmusica.org.br/conteudo.php >	37				

Anexo : Bibliografia		PE	01	01	11	F1-	A1
LIMA, Agostinho Jorge de. Estruturação da brincadeira do Cavalo-Marinho. In: ENABET, 4., 2008, Maceió. Anais do IV Encontro Nacional da ABET , Maceió: UFAL, 2008, p.9-16. Disponível em: < http://abetmusica.org.br/conteudo.php >. Acesso em: 21 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Estética, Antropologia da Arte, Representações, Cultura Popular	< http://abetmusica.org.br/conteudo.php > .					38
MARQUES, Roberta Ramos. Deslocamentos Armoriais : da afirmação épica do popular na “Nação Castanha” de Ariano Suassuna ao corpo-história do Grupo Grial. 2008. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, CAC, UFPE, Recife, 2008.	Cavalo-Marinho, Movimento Armorial, Tradição, Influências Ibéricas, Cultura Popular, Ariano Suassuna, Nordeste, Pernambuco	Biblioteca Central da UFPE (Recife – PE)					39
MEDEIROS, Roseana Borges. Maracatu Rural : luta de classes ou espetáculo? Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.	Maracatu Rural, Sociologia, Luta de Classes, Representações, Espetacularização, Cultura Popular, Movimentos Populares, Trabalhadores Rurais	Biblioteca Central da UFRPE (Recife-PE)					40
MORENO, Werber Pereira. O Cavalo-Marinho de Várzea Nova : um grupo de dança dramática em seu contexto sócio-cultural. 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFPB, João Pessoa, 1997.	Cavalo-Marinho, Paraíba, Dança, Dramaturgia, Representações, Sociologia, Cultura Popular, Trabalhadores Rurais	Biblioteca Central da UFPB (João Pessoa –PB)					41
MURPHY, John Patrick. Cavalo marinho pernambucano . Trad. André de Paulo Bueno. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Música, Rabeca, Etnomusicologia, Antropologia, Sociologia, Representações, Significados culturais e sociais, Cultura Popular, Trabalhadores Rurais	Núcleo de Etnomusicologia da UFPE					42
MURPHY, John. Cavalo Marinho pernambucano . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.	Etnografia musical do Cavalo-Marinho na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Sítio: Zona da Mata Norte de Pernambuco	Disponível pela Editora UFMG.					43
MURPHY, John. Performing a moral vision: an ethnography of cavalo-marinho, a Brazilian music drama. 1994. Tese (Doutorado em Etnomusicologia) - Columbia University, 1994.	Etnografia musical do Cavalo-Marinho na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Sítio: Zona da Mata Norte de Pernambuco	Columbia University					44
MURPHY, John. Performing a moral vision : an ethnography of cavalo-marinho, a Brazilian music drama. 1994. Tese (Doutorado em Etnomusicologia) - Columbia University, New York, 1994.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Música, Rabeca, Etnomusicologia, Antropologia, Sociologia, Representações, Significados culturais e sociais, Cultura Popular, Trabalhadores Rurais	Em formato digital no Núcleo de Etnomusicologia (UFPE –Recife –PE)					45
NÁDER, Alexandre Milne-Jones. O Cavalo-Marinho do Bairro dos Novais: uma nova perspectiva sócio-cultural. In: ENABET, 2., 2004, Salvador. Anais do II Encontro Nacional da ABET , Salvador: UFBA, 2004, p. 859-865. Disponível em: < http://abetmusica.org.br/conteudo.php >. Acesso em: 21 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Paraíba, João Pessoa, Memória, Cultura, Transmissão de Saberes, Educação, Antropologia	< http://abetmusica.org.br/conteudo.php > .					46

Anexo : Bibliografia		PE	01	01	11	F1-	A1
NASCIMENTO, Mariana Cunha Mesquita do. João, Manoel, Maciel Salustiano : três gerações de artistas populares, recriando os folguedos de Pernambuco. Recife: Ed. do Autor, 2000.	Cavalo-Marinho, Família Salustiano, Tradição, Transmissão de Saberes, Jornalismo, Cultura Popular, Arte, Trabalhadores Rurais, Pernambuco, Zona da Mata Norte	Fundação Joaquim Nabuco (Recife- PE)					47
NÓBREGA, Ana Cristina P. A Rabeca no Cavalo Marinho de Bayeux, Paraíba . João Pessoa: Editora Universitária, 2000.	Cavalo-Marinho, Paraíba, Zona da mata Sul, Rabeca, Música, Tradição, Influência Ibérica, Cultura Popular	Núcleo de Etnomusicologia (UFPE –Recife-PE)					48
OLIVEIRA, E. J. Souza de (org.). Tradição e Contemporaneidade na cena do Cavalo Marinho . Salvador: UFBA/PPGAC, 2012.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, História, Dramaturgia, Etnocenologia, Antropologia	Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA)					49
OLIVEIRA, Erico José Souza de. A roda do mundo gira : um olhar sobre o Cavalo Marinho Estrela de Ouro (Condado-PE). Recife: Sesc, 2006.	Cavalo-Marinho, Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Dramaturgia, Antropologia, Cultura Popular, Descrição etnográfica, Etnocenologia	Bibliotecas das unidades SESC-PE e SESC-BA					50
OLIVEIRA, J. A. P. Catirina, o Boi e sua Vizinhaça - elementos da performance dos folguedos populares como referência para os processos de formação do ator. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.	Cavalo-Marinho, Bumba-meu-Boi, Teatro, Dança, Educação, Dramaturgia, Artes, Pernambuco	Biblioteca Central da UNB (Brasília – DF)					51
OLIVEIRA, Mariana Silva. O jogo da cena do cavalo marinho - diálogos entre teatro e brincadeira. Rio de Janeiro: 2006. Dissertação (Mestrado em Teatro) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. UNIRIO, 2006.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Teatro, Dramaturgia, Artes	Biblioteca Central da UNIRIO (Rio de Janeiro –RJ)					52
PAUTILLA, J. Entre a Cena e o Som : uma abordagem do cavalo marinho pernambucano. 2009. Monografia (Graduação em Música) - UEMG, Belo Horizonte, 2009.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Música, Sonoridade, Tradição, Cultura Popular, Teatro	Biblioteca da Escola de Música da UFMG (Belo Horizonte – MG)					53
PEDROSA, Petronilo. Engenho Banguê : termos relativos a instrumentos de trabalho, atividades e fatos da vida social. Nazaré da Mata: Faculdade de Formação de professores de Nazaré da Mata, 1977.	Cavalo-Marinho, Mamulengo, Bumba-meu-Boi, Pejada, Botada, Engenhos, Escravos, Trabalhadores Rurais, Festas, Cotidiano, Pernambuco, Zona da Mata	Biblioteca da Faculdade de Formação de professores de Nazaré da Mata - PE					54
PEREIRA DA COSTA, F. A. Vocabulário Pernambucano . Recife: Coleção Pernambucana, 1976.	Cavalo-Marinho, Maracatu, Pastoris, São Gonçalo, Bumba-meu-Boi, Pernambuco, Festas e autos populares, Significados, Folclore	Instituto Histórico Geográfico Pernambucano - IHGPE (Recife –PE)					55

Anexo : Bibliografia		PE	01	01	11	F1-	A1
QUEIROZ, L. R. S.; SOARES, M. S.; GARCIA, U. C. Transmissão musical no cavalo-marinho infantil. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 16., 2007, Campo Grande. Anais do XVI Encontro anual da ABEM , Campo Grande: UFMS, 2007, p.1-10. Disponível em: < http://www.abemeducacaomusical.org.br/anais.html > . Acesso em: 21 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Música, Educação, Transmissão de Saberes, Cultura Popular	< http://www.abemeducacaomusical.org.br/anais.html >					56
REAL, Katarina. O folclore no carnaval do Recife . Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro/ Ministério da Educação e Cultura, 1967.	Festas Populares de Pernambuco, Maracatu, Urso, Boi, Carnaval, Rituais, Antropologia Cultural	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-Pe)					57
RIBEIRO, René. Cultos afrobrasileiros do Recife . Boletim do Instituto Joaquim Nabuco. Recife: Ed. Recife, 1952.	Festas, Rituais, Nordeste, Pernambuco, Afrobrasileiros, Cultura Africana, Antropologia, Bumba- meu- Boi, Escravos	Biblioteca Central da UNICAMP (Campinas-PE), Biblioteca do CFCH – UFPE (Recife – PE)					58
SANTOS MORENO, Josane Cristina. Versos e Espetáculo do Cavalo-Marinho de Várzea Nova . 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFPB, João Pessoa, 1998.	Cavalo-Marinho, Paraíba, Teatro, Poesia, Literatura, Cultura Popular, Nordeste	Biblioteca Central da UFPB (João Pessoa –PB)					59
SANTOS, Eurides de Souza. João do Boi: de menino brincante a Mestre de Cavalo Marinho. In: ENABET, 3., 2006, São Paulo. Anais do III Encontro Nacional da ABET , São Paulo: SESC Pinheiros, 2006, p. 142-146. Disponível em : < http://abetmusica.org.br/conteudo.php >. Acesso em: 21 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Paraíba, João Pessoa, Transmissão de Saberes, Mestre João do Boi, Antropologia Cultural	< http://abetmusica.org.br/conteudo.php > .					60
SANTOS, Ivanildo Lubarino Piccoli dos. Os palhaços nas manifestações populares brasileiras : Bumba-meu-boi, Cavalo-Marinho, Folia de Reis e Pastoril. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) - IA/UNESP, São Paulo, 2008. Disponível em http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/2008/santos_ilp , acesso 20 Jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Palhaços, Mateus, Bastião, Teatro, Dramaturgia, Tradição, Cultura Popular, Folias de Reis, Pastoril, Bumba-meu-Boi, Brasil, Artes	http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/2008/santos_ilp					61
SANTOS, Roderick Fonseca dos. Cinco abordagens sobre a identidade da Rabeca . 2011. Dissertação (Mestrado em Etnomusicologia) - UFPB, João Pessoa, 2011.	Rabeca, Música, Etnomusicologia, Identidade, Cavalo-Marinho, Cultura Popular, Tradição	Biblioteca Central da UFPB (João Pessoa –PB)					62
SILVA, Severino Vicente. Festa de caboclo . Recife: Ed. Associação Reviva, 2005.	Maracatu Rural, Caboclo, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Aliança, Chã de Camará, História, Engenhos, Escravos, Cultura indígena	Biblioteca Central da UFPE (Recife-PE) Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)					63
SILVA, Severino Vicente. Maracatu Estrela de Ouro de Aliança : a saga de uma tradição. Recife: Ed. Associação Reviva, 2008.	Maracatu Rural, Caboclo, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Aliança, Chã de Camará, História, Engenhos, Escravos, Cultura indígena, Memória, Tradição	Biblioteca Central da UFPE (Recife-PE) Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)					64

Anexo : Bibliografia		PE	01	01	11	F1-	A1
SOUZA, Rosely Tavares. O Cavalo-Marinho de Condado: a beleza da brincadeira e as representações das mulheres e das crianças (1960-1990). In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH – Rio Memória e Patrimônio, 14, Rio de Janeiro, 2010. Anais eletrônicosRio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276653335_ARQUIVO_Roselyartigo.pdf , acessado em 20 jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Condado, Mulheres, Crianças, Representações, Significados, Antropologia, História						65
TENDERINI, H. M. (Ir)real: 'Figuras' femininas e homem - Ensaio sobre o lugar do feminino nos homens do Cavalo Marinho (texto integral). XII Ciclo de Estudos Sobre o Imaginário – In: CONGRESSO INTERNACIONAL IMAGINÁRIO DO TERROR. Anais . PPGA/UFPE, Recife.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Feminino, Masculino, Antropologia Cultural Significações, Dramaturgia, Teatro, Artes						66
TENDERINI, H. M. Brincadeira, Complexidade e Dialogias: Olhares sobre o Cavalo Marinho. Artigo publicado In: NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes; BARBOSA, Eduardo Romero Lopes (orgs.). Cartografias Culturais do Imaginário e da Complexidade . Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Antropologia Cultural, Cultura Popular						67
TENDERINI, H. M. Cavalo Marinho : Real e Imaginário na Fronteira entre a Casa-Grande e o Terreiro dos brincantes (texto integral). 23ª Reunião Brasileira de Antropologia – ABA – Gramado, jun. 2002. CD-Rom.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Representações, Imaginário, Antropologia Cultural, Sociologia						68
TENDERINI, H. M. Cavalo-Marinho: fantasia e realidade na fronteira entre a casa-grande e o terreiro dos brincantes (texto integral). VII ENCONTRO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE – ABANNE - PPGA/UFPE, Anais do congresso . Recife, nov. 2001, p.67.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Representações, Imaginário, Antropologia Cultural, Sociologia						69
TENDERINI, H. M. Na pisada do galope . Cavalo Marinho na fronteira traçada entre brincadeira e realidade. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFPE, Recife, 2003.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Zona da Mata Norte, Estética, Cultura Popular, Tradição, Saberes, Cultura Africana, Mitologia, Antropologia cultural						70
TENDERINI, H. M. Oficina de Cavalo Marinho – Mestre Grimário. (Prefácio). Programa Multicultural – Secretaria de Cultura / Fundação de Cultura. Recife: Prefeitura de Recife, 2007.	Cavalo-Marinho, Boi Pintado, Mestre Grimário, Pernambuco, Aliança, Transmissão de Saberes, Educação, Cultura Popular						71
VALENTE, Waldemar. O padre Carapuzeiro : crítica de costumes na primeira metade do século XIX. Recife: Departamento de Cultura da SEEC, 1969.	Bumba-meu-Boi, Pernambuco, Recife, Império, História, Igreja Católica, Folclore, Moralismo						72
VICENTE, Ana Valeria. Maracatu rural - o espetáculo como espaço social: um estudo sobre a valorização do popular através da imprensa e da mídia. Recife: Ed. Associação Reviva, 2005.	Maracatu Rural, Pernambuco, Zoa da Mara Norte, Identidade, Espetacularização, Tradição, Cultura indígena, Cultura africana, Escravos, Quilombos, Trabalhadores Rurais, Jornalismo, Antropologia						73

Anexo : Bibliografia	PE	01	01	11	F1-	A1
-----------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2. PUBLICAÇÕES SERIADAS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
AMORIM, Maria Alice. Carnaval celebra as trocas culturais. Continente Multicultural , Recife, ano 8, n.85, p.82-85, jan. 2008.	Cultura Popular, Pernambuco, Carnaval, Maracatu, Antropologia Cultural	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	74
AMORIM, Maria Alice. Carnaval celebra as trocas culturais. Continente Multicultural , Recife, ano 8, n.85, p.82-85, jan. 2008.	Cavalo-Marinho e Maracatu Rural em Chã de Camará. Sítio: Zona da Mata Norte de Pernambuco	Acervo bibliográfico da FUNDAJ.	75
ANDRADE, Mário. Cícero Dias e as Danças do Nordeste. Contraponto , Recife, ano 2, n.7, s.p, mar. 1948.	Cultura Popular, Nordeste, Cícero Dias, Bumba-meu-Boi	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	76
ASSUMPÇÃO, Michelle. Povo se bole com Cavalo-Marinho. Diário de Pernambuco , Recife, 23 dez. 1999. Viver, p. 6.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Cultura Popular, Tradição	Museu da Imagem e do SOM de Pernambuco (MISPE)	77
BARROS, Fernandes. Cavalo-Marinho: uma tradição que vai aos poucos morrendo. Contraponto , Recife, ano 2, n.8, s.p, jul. 1948.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Cultura Popular, Tradição, Patrimônio Cultural, Salvaguarda	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	78
BRITO, Taíza. Mestre Salu, um abnegado que mantém o seu cavalo-marinho. Jornal do Commercio , Recife, 04 dez. 1996. Turismo e lazer, p.2.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Mestre Salustiano, Tradição, Cultura Popular, Patrimônio Cultural Salvaguarda	Museu da Imagem e do SOM de Pernambuco (MISPE)	79
BRITO, Taíza. Uma viagem às raízes dos cortadores de cana. Jornal do Commercio , Recife, 04 dez. 1996. Turismo e lazer, p.1.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Tradição, Trabalhadores Rurais, Cultura da Cana, Sociologia	Museu da Imagem e do SOM de Pernambuco (MISPE)	80
CAMAROTTI, Mariana. Desejos de Catirina: o Cavalo-Marinho atravessou os séculos contando a história do boi que morre e torna a viver. Continente Multicultural , Recife, ano 3, n. 25, p.16-18, jan. 2003	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Boi, Catirina, Nordeste, Cultura Popular, Contos Populares, Tradição	Fundação Joaquim Nabuco (Recife – PE)	81
CAPITÃO Marinho comanda a brincadeira. Jornal do Commercio , Recife, 15 jan. 2000. Caderno “C”, p. 6.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Capitão Marinho, Cultura Popular, Tradição	Museu da Imagem e do SOM de Pernambuco (MISPE)	82
GONÇALVES, Gustavo Vilar. A ‘Brincadeira’ de Cavalo Marinho em Pernambuco. Vivência , Natal, v. 27, p.105-110, 2004.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Música, Etnomusicologia, Cultura Popular	< http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/publicados_layout.html >	83
LIMA, Janaína. Cavalo-marinho levanta poeira e mantém tradição . Disponível em: < http://raizesdatradicao.uol.com.br/com.php?menu=3407&page_id=136 >. Acesso em 20/09/2010.	Cavalo-Marinho, Cultura Popular, Tradição, Pernambuco	http://raizesdatradicao.uol.com.br/com.php?menu=3407&page_id=136 .	84
MOREIRA, G. F. O Livro Cavalo-Marinho pernambucano de John Patrick Murphy. Per Musi , Belo Horizonte, n. 23, 2011, p. 192 -195. Disponível em: < http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/23/num23_cap_20.pdf >. Acesso 20 Jan. 2012.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, John Murphy, Resenha, Etnomusicologia	http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/23/num23_cap_20.pdf	85

Anexo : Bibliografia	PE	01	01	11	F1-	A1
-----------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

MURPHY, John. The "Rabeca" and Its Music, Old and New, in Pernambuco, Brazil. Latin American Music Review , Austin, Texas, v.18, n.2, p. 147-172, 1997.	Rebeca, Etnomusicologia, Antropologia, Partituras, Música, Cultura Popular, Tradição, Cultura Ibérica	Portal da CAPES (base de dados JSTOR).	86
NASCIMENTO, Débora. Cavalo-marinho em risco de extinção. Diário de Pernambuco , Recife, 03 jan. 1999. Viver, p. 6.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Patrimônio Cultural Imaterial, Salvaguarda, Tradição, Memória, Cultura Popular	Museu da Imagem e do SOM de Pernambuco (MISPE)	87
OLIVEIRA, E. J. S. A roda do Cavalo Marinho: espaço para uma memória espetacular de uma ancestralidade festiva. In: OLIVEIRA, E.; LOBATO, L. Festas. Cadernos GIPE-CIT n°20, Programa de pós-graduação em Artes Cênicas, UFBA, Salvador, 2008.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Cultura Popular, Etnocologia, Teatro, Dramaturgia	Biblioteca da Escola de Teatro Nelson Araújo – UFBA (Salvador –BA)	88
OS MESTRES nossos de cada dia. Diário de Pernambuco , Recife, 15 jun. 1998. Viver, p. 4-5.	Cavalo-Marinho, Cultura Popular, Mestres, Transmissão de Saberes, Tradição, Pernambuco, Salvaguarda	Museu da Imagem e do SOM de Pernambuco (MISPE)	89

3. PEQUENOS IMPRESSOS (FOLDERS, CARTAZES, ETC.)

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
Cartilha Pedagógica do Ciclo Natalino. Recife: Prefeitura do Recife, 2007.	Brinquedos e autos realizados durante o ciclo natalino em Pernambuco no ano de 2007.	Casa do Carnaval, Recife (PE)	90
Cartilha Pedagógica do Ciclo Natalino. Recife: Prefeitura do Recife, 2006.	Brinquedos e autos realizados durante o ciclo natalino em Pernambuco no ano de 2007.	Casa do Carnaval, Recife (PE)	91
Conexão Cavalo Marinho – 2008. Concepção e coordenação: Laura Tamiana e Helder Vasconcelos. Recife: Funarte/Minc, 2011. (encarte do evento)	Encarte sobre o evento que reúne grupos de Cavalo Marinho e espetáculos ligados ao cavalo marinho. Edição ano 2008 (1º ano).	www.conexaocavalo-marinho.blogspot.com	
Conexão Cavalo Marinho – 2011. Concepção e coordenação: Laura Tamiana e Helder Vasconcelos. Recife: Funarte/Minc, 2011. (encarte do evento)	Encarte sobre o evento que reúne grupos de Cavalo Marinho e espetáculos de teatro, palhaços, circo. Edição ano 2011 (2º ano). Localidades 1 e 2: Condado, Pedras de Fogo, Ferreiros, Chã de Camará e Chã do Esconso	www.conexaocavalo-marinho.blogspot.com	92
Oficina de Cavalo Marinho – Mestre Grímário. Programa Multicultural. Recife: Prefeitura do Recife, 2007.	Publicação resultante da oficina de cavalo marinho realizada pelo Programa Multicultural da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Recife – PE.	Acervo Prefeitura do Recife (PE)	93

Anexo : Bibliografia	PE	01	01	11	F1-	A1
-----------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. TEXTOS INÉDITOS, RELATÓRIOS TÉCNICOS E MANUSCRITOS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
ALCÂNTARA, Paulo Henrique Lopes de. Novos Pareias no terreiro : Cultura Popular, Tradição e Patrimônio Imaterial na Reprodução Cultural do Cavalo-Marinho em Condado-PE. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Música, UFPE, Recife, 2011.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Condado, Cultura Popular, Tradição, Patrimônio Imaterial, Música, Etnomusicologia, Contemporaneidade	Ainda não publicado. Acervo pessoal de Paulo Henrique Lopes de Alcântara	94
ROSA, Laila Andresa C. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica sobre os grupos de cavalo-marinho de Mestre Biu Alexandre de Condado e Mestre Inácio de Camutanga , UFPE, Recife, 1999.	Cavalo-Marinho, Pernambuco, Condado, Ferreiros, Camutanga, Mestre Biu Alexandre, Mestre Inácio Lucinda, Etnomusicologia	Núcleo de Etnomusicologia (UFPE – Recife-PE)	95

5. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Helena Tenderini, Lineu Guaraldo, Rosely Tavares, Beatriz Brusantin, Paulo Henrique Alcântara		
SUPERVISOR	João Paulo França		
PREENCHIDO POR	Helena Tenderini, Lineu Guaraldo, Rosely Tavares, Beatriz Brusantin, Paulo Henrique Alcântara		DATA Fev. 2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

Registros Audiovisuais (Anexo 2)



INRC DO CAVALO-MARINHO
Inventário Nacional de Referências Culturais

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS			CÓDIGO DA FICHA					
ANEXO			PE	01	00	13	F1-	A2
REGISTROS AUDIOVISUAIS			UF	SÍLIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. FOTOGRAFIA E ARTES VISUAIS

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.1 Rabeca	DATA	Dez. 2011, Mai. 2012 e Jul. 2012	1
ASSUNTO	Modos de fazer no ateliê de Zé de Nininha, em Ferreiros, e posição de uso desse instrumento musical. Detalhes da rabeca feita por Dinda Salustiano.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	14 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.2 Bombo	DATA	Jan. 2012	2
ASSUNTO	Bombo e posição de uso desse instrumento musical			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.3 Baje	DATA	Mai. 2012	3
ASSUNTO	Modo de fazer: Coleta e corte para produção do instrumento musical. Mata de Condado, Zona da mata pernambucana e Casa de Mestre Mariano Teles (residência em Chã de Camará).			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.4 Máscaras	DATA	Jan. 2012, Mai. 2012 e Jul. 2012.	4
ASSUNTO	Relação de máscaras da Sede do Cavalo-Marinheiro Estrela Brilhante, máscaras do Mestre Aicão (Araçoiaba) e o modo de fazer da máscara com Mestre Borges Lucas (Lagoa de Itaenga) e Mestre Bibi (Sítio Maliça).			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	63 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.5 Bexiga	DATA	Dez. 2011 e Mai. 2012	5
ASSUNTO	Uma foto se Seu Martelo na “tôda” do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro e 11 fotografias na Casa de Seu Martelo, Condado, Zona da Mata pernambucana, relacionadas com o modo de fazer da bexiga.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	10 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.6 Roupas e Indumentárias	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	6
ASSUNTO	Modo de uso de roupas e indumentárias durante apresentações e o processo de inserção de lantejoulas no peitoral do galante.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	17 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.7 Artefatos	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	7
ASSUNTO	Modo de fazer de chapéus, posição de uso de artefatos e sua armazenagem.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	42 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	1.8 Bichos ou Bicharia	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	8
ASSUNTO	Elementos constituintes, posição de uso em apresentações e armazenagem dos bichos ou bicharia.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	24 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	2.1 Terreiros dos Cavalos-Marinhos	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	9
ASSUNTO	Localidades de atuação das apresentações dos grupos			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	23 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	2.2 Terreiros e ruas (memória)	DATA	Dez. 2011	10
ASSUNTO	Localidade de atuação das apresentações dos grupos em memória. Terreiro e casa do falecido Biu Roque.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	4 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	2.3 Engenhos e Usinas	DATA	Dez. 2012	11
ASSUNTO	Fotografias do Engenho Petribú e da Usina Petribú S/A, em Lagoa do Itaenga. Com foto de Borges Lucas trabalhando no citado engenho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	14 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	2.4 Casa da Cultura	DATA	Dez. 2011	12
ASSUNTO	Apresentação de Cavalo-Marinho no Ciclo Natalino na Casa da Cultura em Recife. Programação da Secretaria de Cultura de Pernambuco e Fundarpe.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.1 Sede Casa Boi de Ouro	DATA	Nov. 2012	13
ASSUNTO	Localidade e detalhes da área			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.2 Sede Estrela do Oriente	DATA	Jul. 2012 e Dez. 2012	14
ASSUNTO	Frente da casa do Mestre Inácio			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.3 Terreiro de Biu Roque	DATA	Dez. 2011	15
ASSUNTO	Frente da casa e do terreiro do falecido Mestre Biu Roque.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	4 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.4 Sede Estrela de Ouro	DATA	Mai. 2012	16
ASSUNTO	Frente da sede e rua da Sede Estrela de Ouro.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.5 Sede Casa Estrela Brilhante	DATA	Dez. 2011	17
ASSUNTO	Frente da sede e rua. Vizinho da Sede se encontra a casa do Mestre Antonio Teles. Fotografias internas da casa (quarto e parede da sala).			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.6 Sede Casa Boi Brasileiro	DATA	Jul. 2012	18
ASSUNTO	Frente da sede, rua e organização interna de armazenagem dos objetos da brincadeira, como os bichos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	5 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.7 Sede Casa Boi Pintado	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	19
ASSUNTO	Uma foto (6806.jpg) da frente da casa em 2011. E as outras em 2012: frente da sede, rua e organização interna de armazenagem dos objetos da brincadeira, como as roupas, bonecos e aicos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	10 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.8 Sede Casa CVM do Mestre Batista	DATA	Dez. 2011	20
ASSUNTO	Frente da sede, terreiro e da localidade.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	12 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.9 Sede Boi Matuto	DATA	Dez. 2011 e Jul. 2012	21
ASSUNTO	Frente da sede, terreiro e organização em um vão da casa de Pedrinho Salustiano.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	8 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.10 Sede Casa Boi Coroado	DATA	Jul. 2012	22
ASSUNTO	Frente da sede e organização interna da Sede.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.11 Sede Casa Boi Teimoso	DATA	Jan. 2012	23
ASSUNTO	Frente da sede e detalhes da organização dos objetos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	18 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.12 Sede Casa Boi Ventania	DATA	Jan. 2012	24
ASSUNTO	Frente e rua da casa do Mestre e da casa da filha que no momento servem como Sede.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	10 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	3.13 Sede Boi Tirateima	DATA	Jan. 2012 e Dez. 2012	25
ASSUNTO	Museu do Cavalo-Marinheiro, Casa, Localidade, Casa de Farinha e Biblioteca.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	10 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	4.1 Encontro de Cavalos-Marinhos	DATA	Dez. 2011, Jan. 2012, Dez. 2012 e Jan. 2013.	26
ASSUNTO	Encontro de Cavalos-Marinhos no espaço da Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinhos e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	17 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	4.2 Dia de Reis	DATA	Jan. 2012 e Jan. 2013.	27
ASSUNTO	Dia de Reis comemorado no espaço da Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinhos e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	10 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	4.3 Festa dos Padroeiros	DATA	Mai. 2012	28
ASSUNTO	Brincadeira do Cavalo-Marinho Boi de Ouro durante a Festa do Motorista, realizada na cidade de Itambé, Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	12 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	4.4 Festas de Fim de Ano (Dia de Natal e Ano Novo)	DATA	Dez. 2012	29
ASSUNTO	Comemorações durante o Encontro de Cavalos-Marinhos no espaço da Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinhos e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	4.5 Caboclo D'Arubá	DATA	Dez. 2011	30
ASSUNTO	Mestre Biu Alexandre colocando o Caboclo de Arubá			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.1 Boi de Ouro	DATA	Dez. 2011	31
ASSUNTO	Apresentação do grupo Boi de Ouro no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	11 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.2 Estrela do Oriente	DATA	Jan. 2012	32
ASSUNTO	Apresentação do Estrela do Oriente no Encontro de Cavalos Marinhos. Realizado na Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinhos e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.3 Estrela de Ouro	DATA	Dez. 2011	33
ASSUNTO	Apresentação do grupo Estrela de Ouro no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	33 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.4 Estrela Brilhante	DATA	Dez. 2011	34
ASSUNTO	Apresentação do grupo Estrela Brilhante no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	23 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.5 Boi Brasileiro	DATA	Dez. 2011 e Mar. 2012	35
ASSUNTO	Fotografias de Luca Barreto (2012): Apresentação do grupo Boi Brasileiro no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Fotografias de Glauco Fernandes Machado (2011): Apresentação do grupo Boi Brasileiro promovida pelo governo estadual pernambucano, no Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 que traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	34 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	40 fotografias de Luca Barreto; e 20 fotografias de Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.6 Boi Pintado	DATA	Dez. 2011	36
ASSUNTO	Apresentação do grupo Boi Pintado no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	9 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.7 Mestre Batista	DATA	Dez. 2011	37
ASSUNTO	Apresentação do grupo do Cavalo-Marinho do Mestre Batista no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	23 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.8 Boi Matuto	DATA	Dez. 2011	38
ASSUNTO	Apresentação do grupo Boi Matuto no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	23 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.9 Boi Coroado	DATA	Dez. 2012	39
ASSUNTO	Apresentação do grupo Boi Coroado promovido pelo governo estadual pernambucano, no Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 que traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	11 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.10 Boi Teimoso	DATA	Set. 2012 e Dez. 2012	40
ASSUNTO	Apresentações do grupo Boi Teimoso promovido pelo governo estadual pernambucano, no Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 que traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.11 Boi Ventania	DATA	Dez. 2012	41
ASSUNTO	Apresentação do Boi Ventania no Encontro de Cavalos-Marinheiros na Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinheiros e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	9 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.12 Boi Tirateima	DATA	Jan. 2012	42
ASSUNTO	Apresentação do grupo Boi Tirateima, no sítio Maliça, no Projeto Conexão concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana. Esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	31 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.13 CVM Memórias	DATA	Dez. 2011	43
ASSUNTO	Frente da casa do falecido Mestre Biu Roque.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.14 Dança	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	44
ASSUNTO	Danças características de vários Cavalos Marinhos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	13 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.15 Figuras	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	45
ASSUNTO	Personagens de máscara ou pintura ou bonecos de vários Cavalos-Marinhos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	33 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.16 Baianos, Lôas, Toadas e Diálogos	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	46
ASSUNTO	Representação em imagem estática dos baianos, das lôas, das toadas e dos diálogos de vários Cavalos-Marinhos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	13 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.17 Dança dos Aico	DATA	Dez. 2011	47
ASSUNTO	Dança performática com arcos (fitas enroladas no cipó formando um arco)			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	18 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.18 Magui (mergulhão)	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	48
ASSUNTO	Brincadeira de roda na frente do banco de músico			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	16 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.19 Mestres de Cavalo-Marinho	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	49
ASSUNTO	Conjunto ou foto fechada dos mestres dos Cavalos-Marinhos			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	25 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.20 Banco dos Músicos	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	50
ASSUNTO	Formação do Banco de Músico dos Cavalos Marinheiros			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	26 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.21 Bajista	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	51
ASSUNTO	Tocadores de Baje no Banco de Músicos dos Cavalos-Marinhos			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	7 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.22 Casa da Rabeca	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	52
ASSUNTO	Casa da Rabeca do Brasil é um local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinheiros e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	8 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.23 Espaço Ilumiara Zumbi	DATA	Dez. 2011	53
ASSUNTO	Praça de apresentação perto da Casa da Rabeca do Brasil, cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, encontros de cavalos-marinheiros e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	18 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.24 Localidades	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	54
ASSUNTO	Itambé, Pedras de Fogo, Plantação de Cana-de-Açúcar na Zona da Mata Pernambucana			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	22 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.25 Mineirista	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	55
ASSUNTO	Instrumentista do Banco de Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.26 Pandeirista	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	56
ASSUNTO	Instrumentista do Banco de Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.27 Rabequeiro	DATA	Dez. 2011 e Dez. 2012	57
ASSUNTO	Instrumentista do Banco de Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	13 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.28 Toadeiro	DATA	Dez. 2011	58
ASSUNTO	Puxador de toadas na frente do Banco de Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 Fotografias em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	5.29 Tocador de Bombo	DATA	Jan. 2012	59
ASSUNTO	Instrumentista do Banco de Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 Fotografia em RGB (300 dpi)			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Fotografias Digitais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0323	DATA	Não consta	60
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0324	DATA	Não consta	61
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0325	DATA	Não consta	62
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0326	DATA	Não consta	63
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0327	DATA	Não consta	64
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0328	DATA	Não consta	65
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0329	DATA	Não consta	66
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0330	DATA	Não consta	67
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0331	DATA	Não consta	68
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0332	DATA	Não consta	69
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0333	DATA	Não consta	70
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0334	DATA	Não consta	71
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0335	DATA	Não consta	72
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0336	DATA	Não consta	73
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0337	DATA	Não consta	74
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0338	DATA	Não consta	75
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	KR 0339	DATA	Não consta	76
ASSUNTO	Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos digitalizadas			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE)			
AUTOR / FONTE	Katarina Real			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F1	DATA	1990	77
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F2	DATA	1990	78
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F3	DATA	1990	79
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F4	DATA	1990	80
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F5	DATA	1990	81
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F6	DATA	1990	82
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F7	DATA	1990	83
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F8	DATA	1990	84
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F9	DATA	1990	85
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F10	DATA	1990	86
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F11	DATA	1990	87
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F12	DATA	1990	88
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F13	DATA	1990	89
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F14	DATA	1990	90
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F15	DATA	1990	91
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos de Apresentação de Cavalo-Marinho – F16	DATA	1990	92
ASSUNTO	Vários Cavalo-Marinho; Apresentação; Mestres			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fotos impressas			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Desconhecido			

2. VÍDEO

TÍTULO OU LOCALIZADOR	01_Boi_de_Ouro\Brincadeira\Pedras_de_Fogo_011211	DATA	Dez. 2011	93
ASSUNTO	Apresentação do grupo Boi de Ouro no Projeto Conexão, em Pedras de Fogo, Estado da Paraíba. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	01_Boi_de_Ouro\Brincadeira\Itambé_260512	DATA	Mai. 2012	94
ASSUNTO	Apresentação do Cavalo-Marinho na Festa do Motorista em Itambé.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	01_Boi_de_Ouro\Entrevista\Pedras_de_Fogo_021112	DATA	Nov. 2012	95
ASSUNTO	Campo realizado na sede/casa de Seu Araújo, em Pedras de Fogo, Estado da Paraíba.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	02_Mestre_Batista\Brincadeira\Chã_de_Camará_031211	DATA	Dez. 2011	96
ASSUNTO	Apresentação do grupo Mestre Batista no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	02_Mestre_Batista\Brincadeira\Condado_211212	DATA	Dez. 2012	97
ASSUNTO	Apresentação do grupo Mestre Batista promovida pelo governo estadual pernambucano, o Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	02_Mestre_Batista\Entrevista\Mestre_Mariano_130112_Chã_de_Camará	DATA	Jan. 2012	98
ASSUNTO	Entrevista com o Mestre Mariano em Chã de Camará, Zona da Mata pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	02_Mestre_Batista\ Entrevista\ Mestre_Mariano_260512_Chã_de_Camará	DATA	Mai. 2012	99
ASSUNTO	Casa do Mestre. Modos de fazer espada e arco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	03_Boi_Pintado> Brincadeira> Chã_de_Esconso_041211	DATA	Dez. 2011	100
ASSUNTO	Apresentação do grupo no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	03_Boi_Pintado> Brincadeira> Lagoa_de_Itaenga_231212	DATA	Dez. 2012	101
ASSUNTO	Promovido pelo governo estadual pernambucano, o Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	03_Boi_Pintado/Entrevista/Grimário_110712_Cidade_Tabajara	DATA	Jul. 2012	102
ASSUNTO	Entrevista do Mestre Grimário na Cidade Tabajara.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	04_Estrela_Brilhante/Brincadeira/Condado_081211	DATA	Dez. 2011	103
ASSUNTO	Apresentação do grupo no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	04_Estrela_Brilhante/Brincadeira/Condado_211212	DATA	Dez. 2012	104
ASSUNTO	Promovido pelo governo estadual pernambucano, o Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	04_Estrela_Brilhante/Entrevista/Antonio_Teles_Condado_301211	DATA	Dez. 2011	105
ASSUNTO	Entrevista na casa do Mestre. Fala a respeito de sua vida, de histórias no Cavalo-Marinho, sua carreira como músico e afina e toca uma rabeca.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	05_Boi_Matuto/Brincadeira/Condado_091211	DATA	Dez. 2011	106
ASSUNTO	Apresentação do grupo no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	05_Boi_Matuto/Entrevista/Avo_Salustiano	DATA	Jul. 2012	107
ASSUNTO	Filmagens com o avô de Pedrinho Salustiano na Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinhos e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	05_Boi_Matuto/Entrevista/Dinda_110712_Cidade_Tabajara	DATA	Jul. 2012	108
ASSUNTO	Filmagens no ateliê de Dinda Salustiano na Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinhos e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	05_Boi_Matuto/Entrevista/Pedrinho_110712_Cidade_Tabajara	DATA	Jul. 2012	109
ASSUNTO	Filmagens com Pedrinho Salustiano a respeito da Associação de Cavalos-Marinheiros na Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinheiros e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	06_Estrela_de_Ouro/Brincadeira/Condado_101211	DATA	Dez. 2011	110
ASSUNTO	Apresentação em Condado do grupo Estrela de Ouro no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	06_Estrela_de_Ouro/Brincadeira/Condado_010512	DATA	Mai. 2012	111
ASSUNTO	Apresentação do grupo no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	06_Estrela_de_Ouro/Brincadeira/Lagoa_de_Itaenga_231212	DATA	Dez. 2012	112
ASSUNTO	Promovido pelo governo estadual pernambucano, o Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	06_Estrela_de_Ouro/Entrevista/Martelo_260512_Condado	DATA	Mai. 2012	113
ASSUNTO	Entrevista com Seu Martelo sobre o modo de fazer a bexiga. Mostra-se o processo e a participação de sua mulher Bibia.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	06_Estrela_de_Ouro/Entrevista/Biu_Alexandre_Condado	DATA	Dez. 2012	114
ASSUNTO	Entrevista com o Mestre a respeito do Caboco de Arubá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	07_Boi_Brasileiro/Brincadeira/111211_Condado	DATA	Dez. 2011	115
ASSUNTO	Apresentação em Condado do grupo Boi Brasileiro no Projeto Conexão. Concebido por Helder Vasconcelos e Laura Tamiana, esse projeto é um evento de artes cênicas realizado por Terreiro Produções; que acontece em espaços abertos na Zona da Mata Norte de Pernambuco.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	07_Boi_Brasileiro/Brincadeira/010512_Condado	DATA	Mai. 2012	116
ASSUNTO	Festa do Dia do Trabalhador na cidade de Condado, Zona da Mata Pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	07_Boi_Brasileiro/Entrevista/Luiz_Paixao	DATA	Dez. 2012	117
ASSUNTO	Entrevista com o Mestre a respeito do modo de tocar a rabeca.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	08_Encontro_de_CM/Brincadeira/Casa_da_Rabeca_01	DATA	Dez. 2011	118
ASSUNTO	Encontro de Cavalos-Marinheiros Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinheiros e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	08_Encontro_de_CM/Brincadeira/Casa_da_Rabeca_02	DATA	Dez. 2012	119
ASSUNTO	Encontro de Cavalos-Marinheiros Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinheiros e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	08_Encontro_de_CM/Brincadeira/Casa_da_Rabeca_03	DATA	Jan. 2013	120
ASSUNTO	Encontro de Cavalos-Marinheiros Casa da Rabeca do Brasil, local idealizado pelo falecido Mestre Salustiano, na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço para artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de cavalos-marinheiros e maracatus, entre outras manifestações ditas culturais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	09_Tirateima/Brincadeira/Sítio_Malica_280112	DATA	Jan. 2012	121
ASSUNTO	Apresentação do Cavalo-Marinheiro Tira-teima, no Sítio Maliça, no projeto do governo estadual pernambucano denominado de Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 que traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	09_Tirateima/Entrevista/Ze_de_Bibi_290112	DATA	Jan. 2012	122
ASSUNTO	Entrevista com o Mestre Zé de Bibi na casa do tocador de bombo, Mané Barro, em Lagoa de Itaenga.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	010_Boi_Ventania/Entrevista/Seu_Picica	DATA	Dez. 2012	123
ASSUNTO	Entrevista do Mestre a respeito dos personagens que ele representa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	011_Estrela_do_Oriente\Entrevista\ Inacio_060712	DATA	Jul. 2012	124
ASSUNTO	Entrevista do Mestre a respeito da história do Cavalo-Marinho e das lôas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	012_Encontro_de_Mestres/Entrevistas_com_Mestres_200612	DATA	Jun. 2012	125
ASSUNTO	Encontro de Mestres para apresentação e esclarecimentos sobre o Projeto junto com a equipe e a Fundarpe. O encontro foi realizado na cidade de Condado-PE.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	013_Boi_Teimoso\Brincadeira\Aracoiaba_221212	DATA	Dez. 2012	126
ASSUNTO	Apresentação da brincadeira do Boi Teimoso no projeto do governo estadual pernambucano denominado de Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 que traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	013_Boi_Teimoso\Entrevista\Borges_Lucas_280112	DATA	Jan. 2012	127
ASSUNTO	Entrevista com o Mestre do Cavalo-Marinho Boi Teimoso, Borges Lucas, na sua residência em Lagoa de Itaenga.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	013_Boi_Teimoso\Entrevista\ Judite_280112	DATA	Jan. 2012	128
ASSUNTO	Entrevista com Judite na casa do Mestre do Cavalo-Marinho Boi Teimoso, Borges Lucas, em Lagoa de Itaenga.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	013_Boi_Teimoso\Entrevista\ Borges_Lucas	DATA	Jul. 2012	129
ASSUNTO	O Mestre Borges Lucas mostrando seu modo de fazer da máscara.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	014_Boi_Coroado\Brincadeira\Aracoiaba_221212	DATA	Jan. 2012	130
ASSUNTO	Brincadeira do Boi Coroado promovida pelo governo estadual pernambucano, o Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	014_Boi_Coroado\Brincadeira\Lagoa_de_Itaenga_231212	DATA	Dez. 2012	131
ASSUNTO	Imagens capturadas durante a Festa do Padre, evento promovido pela cidade Lagoa de Itaenga. Com o projeto do governo estadual pernambucano denominado de Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 que traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	014_Boi_Coroado\Brincadeira\Lagoa_de_Itaenga_241212	DATA	Jan. 2012	132
ASSUNTO	Promovido pelo governo estadual pernambucano, o Festival Pernambuco Nação Cultural 2012 traz manifestações culturais e artistas vinculados com a Zona da Mata Norte pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	014_Boi_Coroado\Entrevista\Aicao_110712	DATA	Jan. 2012	133
ASSUNTO	Entrevista com o Mestre a respeito de seu Cavalo-Marinho, poesias criadas e figuras.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	015_John_Murphy	DATA	1990	134
ASSUNTO	Imagem realizada pelo etnomusicólogo John_Murphy, 1990, de apresentação do Cavalo-Marinho Estrela do Oriente em Condado. Acesso em: http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=search/node/cavalo-marinho .			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	016_Modos_de_Fazer\Ze_de_Nininha	DATA	Jul. 2012	135
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Nininha a respeito do seu modo de fazer a rabeca.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	016_Modos_de_Fazer/Toto_030512	DATA	Dez. 2011	136
ASSUNTO	Filmagens de Totó na Sede do Estrela Brilhante a respeito de como se faz um chapéu dos personagens Mateus e Bastião, e, por fim, ele toca sua rabeca.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	016_Modos_de_Fazer> Pai_de_Toto_na_Mata	DATA	Dez. 2011	137
ASSUNTO	Filmagens do pai de totó na mata de Condado colhendo cipó e baje.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	017_Paisagens_e_extras	DATA	2011 e 2012	138
ASSUNTO	Localidades da Zona da Mata pernambucana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Imagens em movimento (MOV). Largura do quadro 1920 e Altura 1088.			
LOCALIZAÇÃO	Disco Rígido de Registros Audiovisuais			
AUTOR / FONTE	Glauco Fernandes Machado			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	"Viva os Brincantes: Documentário sobre a cultura popular", DVD 96/07	DATA	Não consta	139
ASSUNTO	Cavalo-Marinho, Brinquedos populares			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	DVD			
LOCALIZAÇÃO	Casa do Carnaval – Recife (PE)			
AUTOR / FONTE	Direção: Carla Francine Produção: Heloísa Medeiros Fotografia: Beto Martins			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	DVD do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro de Condado (PE)	DATA	2007	140
ASSUNTO	Cavalo-Marinho Estrela de Ouro, Registro da brincadeira			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	DVD			
LOCALIZAÇÃO	FUNDARPE			
AUTOR / FONTE	Produção: Jomar Junior, Patrocínio: FUNCULTURA-FUDARPE			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Bumba Meu Boi – O bicho misterioso de Afogados – Função de Antônio Pereira	DATA	1950	141
ASSUNTO	Boi de Afogados conhecido como Boi Misterioso. Tem elementos semelhantes ao Cavalo-Marinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Filme digitalizado. Duração 00.44.12			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Filмотeca- Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 1	DATA	1990	142
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	60 min, 430 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 2	DATA	1990	143
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	52 min, 370 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 3	DATA	1990	144
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	60 min, 433 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 4	DATA	1990	145
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	53 min, 378 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			
TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 5	DATA	1990	146
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	60 min, 431 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 6	DATA	1990	147
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	59 min, 421 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 7	DATA	1990	148
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	60 min, 432 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho em Condado, 1990, part 8	DATA	1990	149
ASSUNTO	Gravação do Cavalo-Marinho de Mestre Inácio Lucindo da Silva, dezembro de 1990, Condado.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	43 min, 311 MB			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/121			
AUTOR / FONTE	John Murphy e Siba Veloso			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mané Pitunga (luthier e rabequeiro) vídeo 1	DATA	20/01/1991	150
ASSUNTO	Vídeo mostra o trabalho de luthier de Manoel Severino martins (1930-2001), conhecido como Mané Pitunga, antigo rabequeiro e Luthier da zona da mata pernambucana. Grande influência no Cavalo-Marinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	494 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/247			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mané Pitunga (luthier e rabequeiro) vídeo 2	DATA	01/02/1991	151
ASSUNTO	Vídeo mostra o trabalho de luthier de Manoel Severino Martins (1930-2001), conhecido como Mané Pitunga, antigo rabequeiro e Luthier da zona da mata pernambucana. Grande influência no Cavalo-Marinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	193 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/247			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mané Pitunga (luthier e rabequeiro) – tocando rabeca	DATA	08/02/1991	152
ASSUNTO	Vídeo mostra Manoel Severino Martins (1930-2001), conhecido como Mané Pitunga, antigo rabequeiro e Luthier da zona da mata pernambucana.tocando rabeca. Grande influência no Cavalo-Marinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	69,7 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/247			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) Parte 1	DATA	Mai.1991	153
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	391 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) - Parte 1	DATA	Mai.1991	154
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	391 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) Parte 2	DATA	Mai.1991	155
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	223 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) Parte 3	DATA	Mai.1991	156
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	304 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) Parte 4	DATA	Mai.1991	157
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	246 MB, MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) Parte 5	DATA	Mai.1991	158
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) Parte 6	DATA	Mai.1991	159
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Banco de Cavalo-Marinho de Mestre Batista (Aliança-PE) Parte 7	DATA	Mai.1991	160
ASSUNTO	Vídeo mostra o Banco de Cavalo-Marinho do Mestre Batista tocando. Estavam presentes: Luiz Paixão da Rabeca, Manoel Deodato como toadeiro e pandeirista, Mané Roque na Bage, Sidrak no mineiro – ganzá. Também aparecem no vídeo Mestre Batista e Inácio Lucindo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/192			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Festa do Padroeiro de Condado (São Sebastião) part 1	DATA	27 e 28/01/1991	161
ASSUNTO	Vídeo que mostra a Festa do padroeiro da cidade de Condado (PE) com cenas de manulengo, maracatu rural, ciranda e cavalo-marinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/187			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Festa do Padroeiro de Condado (São Sebastião) part 2	DATA	27 e 28/01/1991	162
ASSUNTO	Vídeo que mostra a Festa do padroeiro da cidade de Condado (PE) com cenas de manulengo, maracatu rural, ciranda e cavalo-marinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	MP4			
LOCALIZAÇÃO	http://web3.unt.edu/murphy/brazil/?q=node/187			
AUTOR / FONTE	John Murphy			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

3. GRAVAÇÃO SONORA

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Manifestações folclóricas do Nordeste/ Registro: FC 910	DATA	1976	163
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Fita de rolo gravada em cassete (“Cantos do Cavalo-Marinho” – 6’: 30”)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Universidade de Brasília, e o Instituto Interamericano de Etnomusicologia y folklore de Caracas.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho Boi Pintado	DATA	Não consta	164
ASSUNTO	Cavalo-Marinho – Música, Dança, Tradição popular, Brincadeira, Dramatização.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Cd de música comercializado – bom estado de conservação. Gravado com apoio do Minc / Movimento Pró Criança			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Rabeca – Cidade Tabajara – Olinda			
AUTOR / FONTE	Produção Rosa Campello			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Músicas Folclóricas	DATA	1998	165
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (faixa 14- “Cavalo-Marinho”)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Gravadora SONOPRESS			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mestre Salustiano – Sonho de Rabeca / Registro: CD 173	DATA	Não consta	166
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (faixa 4- “Toada de Cavalo-Marinho”)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Gravadora VIDEOLAR			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mestre Salustiano – Cavalo- Marinho	DATA	Não consta	167
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD com 20 faixas de Cavalo-Marinho			
LOCALIZAÇÃO	Casa da Rabeca – Cidade Tabajara (Olinda –PE)			
AUTOR / FONTE	Mestre Salustiano			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Pernambuco in Concerto/ Registro: CD 697	DATA	Não consta	168
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (faixa 1- “Toada de Cavalo-Marinho”/ Domínio Público e adaptação de Mestre Salustiano)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Gravadora ÁFRICA PRODUÇÕES			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comadre Florzinha/ Registro: CD 705	DATA	Não consta	169
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música; Interpretação musical			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (faixa 13- “Cobra Verde” / Toada do Cavalo-Marinho Pernambucano)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Comadre Florzinha (intérprete)			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Série Música do Brasil: música das coisas, dos bichos e dos vegetais n. 4 / Registro: CD 787.	DATA	Não consta	170
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (Faixa 4- “Toada de Mergulhão”, faixa 20 – “Pilão”, faixa 30- “Toada Solta” / Cavalo-Marinho Boi Pintado).			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Gravadora: NOVODISC INDÚSTRIA FONOGRÁFICA LTDA.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Série Música do Brasil: Música dos Santos n. 3/ Registro: CD 786	DATA	Não consta	171
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (faixa 17- “São Gonçalo” / Cavalo-Marinho Boi Pintado)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Gravadora: NOVODISC BRASIL INDÚSTRIA FONOGRÁFICA.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	SONHO DA RABECA/ REGISTRO: CD 965	DATA	Não consta	172
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (faixa 4 – “Toada de Cavalo-Marinho”)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Mestre Salustiano			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Música Tradicional Brasileira do século XVI ao XXI para baixo e bateria./ Registro: CD 972	DATA	2005	173
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (faixa 45- “Cavalo-Marinho”)			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Não informado			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Manifestações folclóricas do Nordeste-CD 28 / Registro: CD 1455	DATA	1976	174
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Universidade de Brasília, e o Instituto Interamericano de Etnomusicologia y folklore de Caracas			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Manoel Pereira-Som da Rabeca/ Casa de Taipa./ Registro: CD 1835	DATA	Não consta.	175
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD (Faixas: 1 – Abertura de Cavalo-Marinho, 2 – Nove Filho, 3- Ambrósio, 4- Viva Santo Reis, 5- Toada do Vaqueiro, 6- Chegada do Boi, 7- Usina Maravilha, 8- Retirada do Cavalo-Marinho).			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Gravadora: SESC de Casa Amarela. Intérprete: Manoel Pereira			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho./ Registro: CD 1962	DATA	1987	176
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD gravado do original em fita cassete.			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Músicos do Cavalo-Marinho de Manuel Salustiano Soares			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho/ Registro: CD 2132	DATA	1993	177
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD gravado do original em fita cassete (FC 801) feita por Siba Veloso			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Siba Veloso; Mestre Batista (intérprete). Cavalo-Marinho do Mestre Batista de Chã do Escôncio – Condado-PE – Formação do banco: rabeca: Mestre Luiz Paixão; pandeiro: Mané Deodato; bages: Biu Roque e Mané Roque; Mineiro: Sidrak. Capitão: Mestre Inácio e Mestre Grimário.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho/ Registro: CD 2133	DATA	1993	178
ASSUNTO	Cavalo-Marinho; Música			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD gravado do original em fita cassete (FC 800) feita por Éder “o Rocha”.			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Éder Rocha, Mestre Inácio (intérprete). Cavalo-Marinho do Mestre Batista de Chã do Escôncio – Condado-PE – Formação do banco: rabeca: Mestre Luiz Paixão; pandeiro: Mané Deodato; bages: Biu Roque e Mané Roque; Mineiro: Sidrak. Capitão: Mestre Inácio e Mestre Grimário.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho/ FC - 801	DATA	1993	179
ASSUNTO	Cavalo-Marinho do Mestre Batista de Chã do Esconcio – Condado/ PE			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Formação do Banco: Rabeca : Mestre Luiz Paixão Pandeiro: Mané Deodato 1ªBaje: Biu Roque 2ª Baje: Mané Roque Mineiro: Sidrak Capitão: Mestre Inácio e Mestre Grimário Gravação feita: em 1993; por Siba Veloso			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Siba Veloso			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cavalo-Marinho/ FC - 800	DATA	1993	180
ASSUNTO	Cavalo-Marinho do Mestre Batista de Chã do Esconcio – Condado/ PE			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Formação do Banco: Rabeca : Mestre Luiz Paixão Pandeiro: Mané Deodato 1ªBaje: Biu Roque 2ª Baje: Mané Roque Mineiro: Sidrak Capitão: Mestre Inácio e Mestre Grimário Gravação feita: em 1993; por Éder “o” Rocha			
LOCALIZAÇÃO	Fundação Joaquim Nabuco (Recife –PE)			
AUTOR / FONTE	Éder			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	CD DUPLO Rabequeiros de Pernambuco	DATA	2011	181
ASSUNTO	Coletânea de rabequeiros com mestres e rabequeiros de Cavalo-Marinho: Luiz Paixão, Nylber da Silva, Mestre Antônio Telles, Maciel Salú, Mestre Zé de Bibi, Mestre Araújo, Dinda Salu, Biu de Dóia, Cláudio Rabeca, Pedro Côra.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Cd Duplo com 12 faixas cada. CD 1: Faixa 1: Baião Novo- Luiz Paixão, Faixa 6: Em Cantos na Mata – Nylber da Silva, Faixa 8: A semente da Melancia – Me Antônio Telles, Faixa 10: No Serrado do Sertão – Maciel Salú, Faixa 12: Baiano/Toada de Cavalo-Marinho – Mestre Zé de Bibi. CD 2: Faixa 1: Maria Trubana – Mestre Araújo, Faixa 3: Puxe o Arco Diretinho – Dinda Salú e Cristiano Salu, Faixa 4: Toada de abertura/Mergulhão – Biu de Dóia, Faixa 5: Rabeca Enxerida – Cláudio Rabeca, Faixa 8: Chorinho em Juripiranga – Pedro Cora, Faixa 11: O namorador – Manoel Pereira.			
LOCALIZAÇÃO	Acervo FUNCULTURA/FUNDARPE, Prefeitura de Condado (PE)			
AUTOR / FONTE	Produção: Cláudio Rabeca , Patrocínio: Funcultura - Fundarpe			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	CD Luz Baião – Cláudio Rabeca	DATA	2010	182
ASSUNTO	CD do rabequeiro do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro – Cláudio Rabeca. Possui uma Faixa de toada de Cavalo- Marinho de sua autoria.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD com 12 Faixas. Faixa 12: Toada para Biu Alexandre – Cláudio Rabeca			
LOCALIZAÇÃO	Acervo FUNCULTURA/FUNDARPE			
AUTOR / FONTE	PRODUÇÃO E AUTORIA: CLÁUDIO RABECA, PATROCÍNIO: FUNCULTURA/FUNDARPE			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	CD Pimenta com Pitú – Luiz Paixão	DATA	2006	183
ASSUNTO	CD do rabequeiro de Cavalo-Marinho Luiz Paixão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Particular			
AUTOR / FONTE	Gravadora Libanese Menezes			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	CD Mestre Ambrósio – fuá na casa de cabral	DATA	1998	184
ASSUNTO	CD do grupo Mestre Ambrósio com influência no Cavalo- Marinho. Possui uma faixa com a participação do bando de Mestre Batista: Mestre Biu Alexandre – voz, Luiz Paixão- rabeca, Manoel Deodado – pandeiro, Manoel Roque – baje, voz, Sidrak – mineiro, Zé Borba- bexiga, Miço - bexiga			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	CD com 14 faixas – Faixa 1: Trupé (queimar carvão) – 1:25			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Particular Cláudio Rabeca			
AUTOR / FONTE	Gravadora Libanese Menezes			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 01	DATA	03/01/2011	185
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 02	DATA	03/01/2011	186
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 03	DATA	03/01/2011	187
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 04	DATA	17/01/2011	188
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 05	DATA	17/01/2011	189
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 06	DATA	25/06/2012	190
ASSUNTO	Entrevista com Mestre Araújo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 07	DATA	22/06/2012	191
ASSUNTO	Entrevista com Antônio Teles			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 08	DATA	13/07/2012	192
ASSUNTO	Entrevista com Nice			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 09	DATA	29/01/2012	193
ASSUNTO	Entrevista com Mané Barros			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 10	DATA	29/01/2012	194
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 11	DATA	09/07/2011	195
ASSUNTO	Entrevista com Aguinaldo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 12	DATA	04/01/2012	196
ASSUNTO	Entrevista com Antônio Aicão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 13	DATA	11/07/2012	197
ASSUNTO	Entrevista com Antônio Aicão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 14	DATA	04/01/2012	198
ASSUNTO	Entrevista com Antônio Aicão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 15	DATA	11/07/2012	199
ASSUNTO	Entrevista com Antônio Aicão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 16	DATA	Jun. 2012	200
ASSUNTO	Reunião sobre o Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 17	DATA	30/03/2011	201
ASSUNTO	Entrevista com Biu Alexandre			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 18	DATA	30/03/2011	202
ASSUNTO	Entrevista com Biu Alexandre			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 19	DATA	02/01/2011	203
ASSUNTO	Entrevista com Borges Lucas, Judite e Biu Alexandre			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 20	DATA	11/07/2012	204
ASSUNTO	Entrevista com Dinda Salú			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 21	DATA	15/06/2012	205
ASSUNTO	Entrevista com Seu Araújo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 22	DATA	Não consta	206
ASSUNTO	Entrevista com Seu Biu			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 23	DATA	01/04/2011	207
ASSUNTO	Entrevista com Grímário			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 24	DATA	11/07/2012	208
ASSUNTO	Entrevista com Grímário			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 25	DATA	06/07/2012	209
ASSUNTO	Entrevista com Inácio Lucindo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 26	DATA	11/07/2012	210
ASSUNTO	Entrevista com João Salustiano			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 27	DATA	02/01/2011	211
ASSUNTO	Entrevista com Judite			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 28	DATA	02/01/2011	212
ASSUNTO	Entrevista com Judite Borges			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO – 29	DATA	Mai. 2012	213
ASSUNTO	Gravação de Lôas do Cavalo-Marinho durante a Festa do Motorista			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 30	DATA	Mai. 2012	214
ASSUNTO	Gravação de Lôas do Cavalo-Marinho durante a Festa do Motorista			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 31	DATA	Mai. 2012	215
ASSUNTO	Gravação de Lôas do Cavalo-Marinho durante a Festa do Motorista			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 32	DATA	Não consta	216
ASSUNTO	Entrevista com Luiz Miguel			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 33	DATA	Não consta	217
ASSUNTO	Entrevista com Luiz Miguel			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 34	DATA	Não consta	218
ASSUNTO	Entrevista com Luiz Miguel			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 35	DATA	04/01/2012	219
ASSUNTO	Entrevista com Luiz Paixão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 36	DATA	Não consta	220
ASSUNTO	Entrevista com Luiz Paixão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 37	DATA	Não consta	221
ASSUNTO	Entrevista com Luiz Paixão			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 38	DATA	08/05/2012	222
ASSUNTO	Entrevista com Mariano Teles			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 39	DATA	30/03/2012	223
ASSUNTO	Entrevista com Martelo			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 40	DATA	11/07/2012	224
ASSUNTO	Entrevista com Pedro Salustiano			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 41	DATA	01/04/2012	225
ASSUNTO	Gravação da Roda de Mestres – Glória do Goitá/PE			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 42	DATA	03/01/2011	226
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 43	DATA	03/01/2011	227
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 44	DATA	17/01/2011	228
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 45	DATA	17/01/2011	229
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Bibi			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 46	DATA	04/02/2011	230
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Nininha			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 47	DATA	29/03/2012	231
ASSUNTO	Entrevista com Zé Borba			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AUDIO CAVALO-MARINHO - 48	DATA	29/03/2012	232
ASSUNTO	Entrevista com Zé de Freitas			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em MP3			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalo-Marinho de Pernambuco			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-18	DATA	09/12/2012	233
ASSUNTO	Bau tocando pandeiro, fazendo vários toques segundo os diferentes toadeiros. Biu Alexandre também faz o seu toque próprio de pandeiro. Há também diálogos sobre toques de pandeiro. E falas de Bau sobre quem disse “que ia dar um negócio pra ele (dinheiro) e não deu. Depois Bau toca mineiro e bage. Tempo total: 13'24”			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-19	DATA	09/12/2012	234
ASSUNTO	Pino toca bage, Bau toca mineiro. Bau toca pandeiro, Pino toca bage. Ao trocarem de instrumentos, trocam de lado, pois a bage fica à esquerda do mineiro, mas o pandeiro fica à esquerda da bage. Finalmente, Pino só tocando bage. Tempo total: 2'33”			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-20	DATA	09/12/2012	235
ASSUNTO	Mestre Antonio Teles tocando rabeca com um rapaz (talvez seu neto) tocando pandeiro. Conversa comigo sobre as notas das cordas da rabeca. Tempo total: 4'35”			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-21	DATA	09/12/2012	236
ASSUNTO	Mestre Antonio Teles toca rabeca e responde a perguntas minhas e de Paulo. Fala sobre toadas e loas. Tempo total: 18'10”			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-22	DATA	09/12/2012	237
ASSUNTO	Tota, filho de Nice, toca rabeca e Antonio Teles, seu avô, canta e toca pandeiro. Qualidade técnica satisfatória e musical, muito boa. Tempo total: 8'14"			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-23	DATA	09/12/2012	238
ASSUNTO	Tota, filho de Nice, toca rabeca e Antonio Teles, seu avô, canta e toca pandeiro. Qualidade técnica satisfatória e musical, muito boa. (Continuação) Tempo total: 0'18"			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-24	DATA	09/12/2012	239
ASSUNTO	Conversa com Tota. Intervêm Sandroni, Antonio Teles e Paulo. Tempo total: 1'45"			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-25	DATA	09/12/2012	240
ASSUNTO	Antônio Teles toca pandeiro. Tempo total: 0'48"			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	PE	01	00	13	F1-	A2
---------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-26	DATA	09/12/2012	241
ASSUNTO	Tota toca pandeiro, “de jeito diferente” do avô. Eles chamam este jeito de “cafune”. Tempo total: 1'06”.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	STE-27	DATA	09/12/2012	242
ASSUNTO	Antônio Teles toca bage. Quando pára, dizem que a bage não tá boa. Vão pegar uma bage melhor e Antonio Teles toca com a bage boa. Depois, Tota toca pandeiro, e Antônio Teles bage. Tempo total: 2'10”			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Áudio em Wave			
LOCALIZAÇÃO	DVD-R de Audiovisual			
AUTOR / FONTE	Carlos Sandroni			

4. CD-ROM E OUTROS REGISTROS DIGITAIS

TÍTULO OU LOCALIZADOR	-----	DATA		243
ASSUNTO				
DESCRIÇÃO TÉCNICA				
LOCALIZAÇÃO				
AUTOR / FONTE				

5. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Helena Tenderini, Paulo Henrique de Alcântara		
SUPERVISOR	João Paulo França		
PREENCHIDO POR	Helena Tenderini, Paulo Henrique de Alcântara, Rosely Tavares e Beatriz Brusantin	DATA Fev. 2013	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

Sítio
Ficha de Identificação
(F20)



INRC DO CAVALO-MARINHO
Inventário Nacional de Referências Culturais

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F20	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte- Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Dia de Reis
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Festa de Reis; Festa de Reis
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o *Anexo 2: Registros audiovisuais*.



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**PE 01 | 00 13 F20 01****4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

Todos os anos, no primeiro final de semana do mês de janeiro, acontecem em muitas cidades do Brasil as festividades de Santos Reis, que encerram o ciclo do Natal iniciado no mês de dezembro precedente. Em algumas cidades situadas na divisa dos estados de Pernambuco e da Paraíba, a festa recebe várias denominações, sendo as mais comuns “Festa de Reis” e “Festa dos Santos Reis do Oriente”.

A festa, cujas principais celebrações ocorrem no dia 6 de janeiro, é composta de atividades religiosas do catolicismo que se estende para uma programação cultural diversificada que, na atualidade, abrange shows musicais e, por vezes, apresentações de grupos da cultura popular como ciranda, babau (também denominado mamulengo) e Cavalo-Marinho.

O Cavalo-Marinho é um folguedo (localmente denominado “brincadeira”), que se desenvolve através de entremeios. A pesquisa revelou que na memória dos brincadores mais velhos o folguedo se destina à louvação ao “*Divino Santo Reis*”. Essa louvação se desenrola em um entremeio de que constam loas e outros cantos, dança e diálogos entre os personagens principais.

A seguir uma parte do diálogo, transcrito por Érico José Souza de Oliveira de uma performance do grupo de Cavalo-Marinho Estrela de Ouro, da cidade de Condado - PE (OLIVEIRA, 2006, p. 283):

Capitão: Tudo mundo que chega aqui é da *família* do Santo.
 Mateus: Que Santo é?
 Capitão: É Divino Santo Reis de Oriente.
 Mateus: Quem?
 Capitão: Santo Reis do Oriente.
 Mateus: Santo Reis do Cu Cinzeiro?
 Capitão: Não, senhor! Do Oriente.
 Mateus: Então, se é para tomar conta dessa festa, a gente toma, né, pareia?
 Bastião: Toma, pareia!

A toada do Divino Santo Reis, apresentada pelo mesmo grupo, também mostra que a homenagem aos reis magos é o objeto da celebração no folguedo. Abaixo a transcrição de Érico de Oliveira (OLIVEIRA, 2006, p. 306-309)

Galantes: Que estrela é aquela que alumeia lá no mar?
 Que alumeia lá no mar?
 Banco: É o Divino Santo Rei que nós viemos festejar.
 Que nós viemos festejar.
 Todos: Rei-lá, ei-lá, ei-lá-lá-lá-lá-lá
 Rei-lá, ei-lá, ei-lá-lá-lá-lá-lá
 Lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá
 Galantes: Que estrela é aquela que vem lá parte do Norte?
 Que vem lá parte do Norte?
 Banco: É o Divino Santo Rei que vem dar a boa sorte.
 Que vem dar a boa sorte.
 Todos: Rei-lá, ei-lá, ei-lá-lá-lá-lá-lá
 Rei-lá, ei-lá, ei-lá-lá-lá-lá-lá
 Lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá (...)

Com as migrações, o Cavalo-Marinho passou a ocorrer, também, nas regiões metropolitanas do Recife e de João Pessoa. Com a recente tendência para a espetacularização das festas das cidades do Interior, os espetáculos da cultura popular estão sendo barrados pelas prefeituras locais ou, na melhor das hipóteses, se apresentam em locais de pouca afluência de público. Esses locais demonstram o desprestígio das manifestações tradicionais, muitas delas matrizes da cultura de massa que as autoridades pretendem prestigiar. É também claro exemplo da perda de inestimáveis bens da cultura imaterial local.

“Festas de Reis” como as das cidades de Carpina e Limoeiro - que são considerados como os principais eventos do

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

calendário cultural de prefeituras da Zona da Mata Norte de Pernambuco - atraem milhares de pessoas de cidades vizinhas como Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga, Feira Nova, Lagoa do Carro, Passira, Tracunhaém, Nazaré da Mata, Paudalho dentre outras – para eventos compostos por atividades religiosas da Igreja Católica e shows de bandas musicais. Sempre constam das programações apresentações de grupos da tradição popular como mamulengo, ciranda, coco de roda, cantoria de viola, reisado, entre outros. No ano de 2012 não houve apresentação do Cavalo-Marinho. Os grupos que habitualmente faziam breves apresentações na festa de Carpina – o Cavalo-Marinho do Boi Tira Teima (do município de Glória do Goitá) e o Cavalo-Marinho Estrela Brilhante (do município de Condado) – não foram contratados. A contraproposta que os organizadores da festa fizeram para uma apresentação do Cavalo-Marinho Estrela do Amanhã (do município de Condado) oferecia remuneração que não chegava a cobrir a despesa com o transporte rodoviário do grupo.

Conforme observações do antropólogo Lineu Gabriel e da historiadora Beatriz Brusantin, o Cavalo-Marinho Estrela do Oriente se apresentou na festa da cidade de Camutanga até o ano 2010, ocupando um local periférico na festa – por trás do palco dos shows, ou em local com pouca visibilidade. A duração da apresentação variava de uma hora até quatro horas, dependendo da permanência do público, que costuma abandonar a brincadeira quando se iniciavam os shows no palco principal. Ressaltaram, também, o contraste entre o precário equipamento de som reservado para o Cavalo-Marinho em comparação com a portentosa sonorização montada para as bandas que se exibiam no palco. Depois que ocorreu uma intriga política entre o mestre e o gestor da Prefeitura, não se integrou mais o Cavalo-Marinho na programação cultural da Prefeitura de Camutanga.

A Prefeitura do Recife também organiza a Festa de Reis em vários pontos da cidade, com destaque para os eventos do Pátio de São Pedro (no bairro de São José) e do Sítio da Trindade (no subúrbio de Casa Amarela) com cerimônias e cortejos religiosos, a tradição de “queima da lapinha” (um ritual popular que envolve a queima de um conjunto de figuras e adereços da “lapinha” (o presépio) ato que simboliza o encerramento do ciclo natalino e prenuncia o ciclo do carnaval). Além da programação religiosa ocorre a programação cultural com apresentações dos folguedos populares como pastoril, reisado e Cavalo-Marinho. Também nas ocorrências do Recife o tratamento diferenciado é restritivo quanto às apresentações populares.

O desprestígio das manifestações tradicionais vem sendo revertido de algum modo nas regiões metropolitanas. É exemplo o Encontro de Cavalo-Marinho, que acontece no Centro Cultural Casa da Rabeca do Brasil, localizado no bairro da Cidade Tabajara, do município de Olinda, que reúne, desde o ano de 1995, por iniciativa do saudoso Mestre Salustiano (e depois do seu falecimento, em 2008, pelos seus filhos), diversos grupos desse folguedo situados em cidades de Pernambuco e da Paraíba. Todavia, esta promoção vem sendo obrigada a restringir a participação dos grupos que se localizam longe de outros grupos que tenham mais visibilidade, em destaque aos grupos de Condado e de Aliança, segundo o depoimento de Pedro Salustiano, devido ao limite de recurso do transporte. Nas observações para esta identificação trata-se de alguns grupos de Cavalo-Marinho localizados nos municípios pernambucanos de Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga e Feira Nova.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Festa de Reis geralmente se realiza no centro histórico das cidades, em uma área que engloba os pontos principais, tais como igreja matriz, praça, centro cultural e prefeitura. As cidades ainda preservam a estrutura antiga: em frente à matriz é construída a praça e a partir daí seguem as ruas principais.

A programação da festa divide-se em partes religiosa e profana. A parte religiosa, que obedece aos ritos católicos, ocorre nas igrejas católicas. A parte profana geralmente ocorre em redor dos templos e, nos dias atuais, de frente de um palco, especialmente armado para atrações musicais e nos parques de diversão montados nas praças.

Cavalo-Marinho acontece na rua um pouco distante em relação ao palco e ao parque de diversão, geralmente em lugares com menos visibilidade.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Tendo por base a cidade do Recife, várias igrejas católicas ainda mantêm e organizam as cerimônias tradicionais no Dia de Santos Reis. Nessa capital, os templos maiores, históricos, mais conhecidos, que atraem turistas são a basílica da Penha, a basílica do Carmo e a igreja Madre de Deus. O catolicismo romano é a religião mais professada entre os pernambucanos, cuja capital centraliza administrativamente a Arquidiocese de Olinda e Recife, comandada atualmente pelo arcebispo Dom Antônio Fernando Saburido.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

A Igreja Católica celebra o ciclo do Natal, do qual constam, ordinariamente, três festas religiosas: o Natal, o Ano Novo e a Festa de Reis

Em Olinda, a celebração de Reis ocorre na Igreja do Carmo, a mais antiga igreja da Ordem Carmelita em terras do Brasil, construída em 1580 e restaurada em 1720 em estilo colonial renascentista. Situa-se no topo de uma colina, ao lado da Praça do Carmo, no Sítio Histórico de Olinda.

No Recife há relatos de que a Festa de Reis era especialmente comemorada, entre outras, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, edificada em 1630 no bairro de Santo Antônio do Recife pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, uma associação formada por escravizados negros; e na concatedral de São Pedro dos Clérigos, construída em 1782, no Bairro de São José cuja fachada reproduz o Santuário de Santa Maria Maior de Roma. As armas de São Pedro e as imagens dos doze Apóstolos de Cristo e dos quatro Evangelistas estão entalhadas no teto da igreja, todo em madeira. Em frente da igreja situa-se o Pátio de São Pedro, onde acontecem manifestações populares.

O Sítio da Trindade onde acontecem rituais e atrações culturais do Dia de Reis, desligados do catolicismo, é um sítio histórico situado no bairro de Casa Amarela na Zona Norte de Recife. Possui uma área de 6,5 hectares de área verde, com um chalé de 600 m², que hoje é utilizado para atividades culturais. Remonta ao tempo da Invasão holandesa (1630 - 1654), em seu terreno foi erguido um forte por Matias de Albuquerque, o Forte do Arraial do Bom Jesus, popularmente conhecido como Arraial Velho, constituindo-se um foco de resistência contra os invasores. O centro de resistência atraiu grande parte da população adjacente, e surgiram barracas para residência e negócios, e até um oratório. O terreno do Arraial Velho foi reocupado em 1654, passando às mãos da família Trindade Paretti, e o local passou a ser denominado de Sítio da Trindade. Em 1952, o Sítio da Trindade foi desapropriado e declarado como um bem de utilidade pública e em 1974, o local foi classificado como um conjunto paisagístico e tombado pelo IPHAN.

Em 2002 foi fundada a Casa da Rabeca, onde ocorre o Encontro do Cavalo-Marinho anualmente na cidade Tabajara, em Olinda, um espaço dedicado à preservação da cultura e tradição do Estado. No início, era apenas uma tenda coberta de palhas de coqueiros, coincidentemente a árvore símbolo de Olinda. Funcionava aos domingos e recebia familiares, mestres de maracatu, Cavalo-Marinho, cirandeiros e os amigos da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Com a recente tendência para migrações do Cavalo-Marinho para regiões metropolitanas do Recife e de João Pessoa e a espetacularização das festas das cidades do Interior, os espetáculos da cultura popular estão sendo barrados pelas prefeituras locais ou, na melhor das hipóteses, se apresentam em locais de pouca afluência de público. Na cidade de Camutanga, onde Cavalo-Marinho fazia parte da programação da Festa de Reis até o ano 2010, ocupava um local periférico na festa – por trás do palco dos shows, ou em local com pouca visibilidade.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

Na maioria dos municípios, a prefeitura, organizadora da programação cultural, reserva os espaços para montar os palcos e o parque de diversão. As autoridades da igreja matriz organizam e agendam a festa da padroeira.

Ocorre uma celebração de Reis, na Igreja do Carmo de Olinda, onde um total de 120 pastorinhas sairá da Rua Serapião, num bairro popular de antigos pescadores, o Amaro Branco, seguirá em cortejo pelas ruas dos Pescadores, Frei Afonso Maria e São Francisco até chegar na Praça do Carmo, no Sítio Histórico. Na Capela de Santos Reis de Olinda, acontece a missa no dia de Reis e, nos dias seguintes, um cortejo entre a fazenda São Sebastião e a Praça da Ressurreição.

No Recife, no Pátio do Carmo acontece a saída para o Pátio de São Pedro, situado em frente à Concatedral de São Pedro dos Clérigos, e acontecem as apresentações dos grupos dos folguedos populares, além da Queima da Lapinha. Na Zona Norte, a cerimônia do Santo Reis ocorre na Igreja da Harmonia, e após a missa o povo se dirige ao Sítio da Trindade para participar da Queima da Lapinha. Lá, além das apresentações de pastoris, acontecem apresentações dos Guerreiros e do Reisado. A queima da lapinha também acontece no largo da igreja de Santo Antônio, do bairro de Água Fria, e se vincula ao conjunto de festividades natalinas do grupo de brincantes do Maracatu Nação Sol Nascente. Nesse local, a solenidade se conclui com música carnavalesca, prenunciando a entrada das festividades ligadas ao carnaval.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6. TEMPO

DATA	☒ DATA FIXA: DIA 6 MÊS Janeiro ☐ DATA MÓVEL:										
DURAÇÃO	DE _____ A _____										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR _____										
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001											
2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES
Tradicionalmente, os povos latinos festejavam o nascimento de Jesus no dia 6 de janeiro que passou, desde então, a ser a festa da visita dos reis magos ao menino nascido em Nazaré. A fixação pela Igreja, em 350 a. D., do 25 de dezembro como provável dia do nascimento de Jesus Cristo (o Natal) abriu caminho para a comemoração da chegada dos reis magos (Melchior, Baltasar e Gaspar) em 6 de janeiro. Em alguns países latinos, principalmente ibéricos, esta data era tradicionalmente mais importante do que o Natal - daí a forte presença de sua comemoração na tradição popular brasileira, enriquecida com contribuições culturais indígenas e africanas, herdada do catolicismo popular latino e ibérico. A propósito, o título de Reis, atribuído aos Magos do Oriente, foi devido a Cesário [São Cesário], Bispo de Arles, França, no século 6. No século seguinte, o Papa Leão I assegurou, em seus "Sermões" sobre a celebração da Epifania, que os Reis Magos eram em número de três. Todavia, seus nomes somente mais tarde foram estabelecidos. As tradições populares do ciclo natalino eram comuns em toda a Europa Cristã, em países como França, Itália, Alemanha (4), Portugal e Espanha. Os dramas litúrgicos medievais eram utilizados como instrumento de catequese. O episódio dos Magos do Oriente, desde cedo, se tornou um dos temas prediletos para efeito de dramatização. Representações de rituais litúrgicos relativos aos Magos, que, na Europa, eram realizados no interior das igrejas, foram transportados para o Brasil, mas para serem realizados em espaços abertos – praças e ruas, pois que, aqui, o clima de verão favorecia essas saídas do interior dos templos, o que não era possível de acontecer na Europa cuja estação era o frio inverno. No período colonial, colonizadores e missionários trouxeram tradição e patrocinaram a sua aculturação, inclusive a transformação da temática dos Reis Magos - canto, dança e encenação - em processos de catequese e ensino, tanto dos indígenas, como dos próprios colonos portugueses e, posteriormente, dos africanos escravizados. O primeiro registro das festividades de reis tem lugar no século XVIII, Compêndio narrativo do peregrino da América, onde Nuno Marques Pereira registra a presença de Grupos de Reis peditórios na Bahia: "[...] <i>uma noite dos Santos Reis saíram estes [homens] com vários instrumentos pelas portas dos moradores de uma vila cantando para lhes darem os Reis em prêmio que uns lhes davam dinheiro e outros doces, frutas, etc.</i>" Tudo indica que, no início da colonização, junto aos núcleos de povoamento mais consolidados (Salvador/vilas próximas do Recôncavo, Olinda e, pouco depois Recife, já sob o domínio holandês, Rio de Janeiro/Niterói e São Vicente/São Paulo de Piratininga) moldaram-se as formas iniciais das tradições de Reis no Brasil. Presépios, lapinhas e pastoris, seguindo-se de outras representações folclóricas derivadas: Reisados, rancho de reis, terno de reis (versão baiana), guerreiros, etc. Naturalmente, essas tradições que chegaram ao Brasil sofreram, gradativamente, a influência local pela incorporação dos elementos da cultura negra e indígena, através de hibridismos religiosos e culturais, ou seja, como preconizam diversos folcloristas brasileiros, adquiriram a "cor local". Festas de Santos Reis pesquisadas no Brasil, por cidades e principais grupos de reisados participantes (SILVA, 2006): - Alagoas: São José das Lajes – reisado e guerreiro - Bahia: Salvador e Santo Amaro da Purificação – terno de reis;

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				PE	01	00	13	F20	01
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

- Ceará: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha - reisado
- Distrito Federal: Brasília – folia de reis;
- Espírito Santo: Muqui, São Mateus e Conceição da Barra – folia de reis e reis de boi;
- Goiás: Goiânia – folia de reis;
- Maranhão: São Luís e Caxias – pastor e reis de careta;
- Mato Grosso do Sul: Cassilândia, Parnaíba e Aparecida do Taboado – folia de reis;
- Minas Gerais: Juiz de Fora, Poços de Caldas, Passos, Três Corações, Três Pontas, Itaú de Minas, Uberaba, Uberlândia, Araxá, Romaria, Patos de Minas, Jequitibá, Sete Lagoas, Montes Claros, Bocaiúva e Pirapora – folia de reis, pastorinha e companhia de pastores;
- Pará: Belém, Ananindeua – tiração de reis e folia de reis
- Paraíba: João Pessoa, Tacimas e Bananeiras – boi de reis e Cavalo-Marinho;
- Paraná: Londrina, Maringá e Sarandi – Folia de Reis;
- Pernambuco: Carpina, Santa Maria da Boa Vista e Garanhuns – pastoril, bumba-meu-boi, reisado, Cavalo-Marinho;
- Piauí: Teresina – reis de careta
- Rio de Janeiro: Nova Friburgo, Cordeiro, Barra Mansa, Duas Barras, Valença, Rio das Flores, Vassouras, São Fidélis e Itaocara – folia de reis;
- Rio Grande do Norte: Natal – boi de reis (boi calemba);
- Rio Grande do Sul: Osório, Gravataí e Santo Antônio da Patrulha – terno de reis.
- Santa Catarina: Florianópolis e Itajaí – Boi-de-Mamão e Terno de Reis;
- São Paulo: Ribeirão Preto, Batatais, Altinópolis, Cajuru, Santo Antônio da Alegria, Cássia dos Coqueiros, São José do Rio Preto, Votuporanga, Nhandeara e Assis – companhia de reis;
- Sergipe: Laranjeiras e Japaratuba – Reisado.

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

De acordo com relatos de brincadores mais antigos, o Dia de Reis representava o último dia do calendário de brincadeiras de Cavalo-Marinho, que se haviam iniciado com os ensaios, após o mês de julho (conhecido dentre os moradores da Zona da Mata por mês de Sant'Ana), do ano anterior, e aconteciam durante todos os finais de semana até o Dia de Reis.

Estes relatos confirmam a ligação do folguedo com as atividades laborais, pois, sendo uma brincadeira ao ar livre, é uma prática do tempo do estio (que no Nordeste ocorre a partir do mês de agosto). Constam ainda relatos de que depois da brincadeira do Dia de Reis os sambadores ateavam fogo aos objetos do Cavalo-Marinho: vestimentas, máscaras e adereços. Tradicionalmente, passado o dia de Reis os grupos só voltavam a brincar para além da metade do ano.

O lendário mestre dos arcos (mestre dos galantes) Duda Bilau (1924-2010), também reconhecido como excelente *figureiro* (ator) do caboclo do Arubá de vários cavalos marinhos – que nos últimos vinte anos da sua vida se concentrou nas cidades de Ferreiros e de Itambé – nos contou que várias vezes recebeu convite de igrejas católicas, tais como a de São Pedro dos Clérigos do Recife e da Matriz de Timbaúba, para apresentar o seu Cavalo-Marinho.

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Década de 1970	Segundo os depoimentos dos mestres e líderes, muitos grupos de Cavalo-Marinho transferiram da zona rural para cidade da Zona Mata Norte ou para regiões metropolitanas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. Atividade

8.1. Programação	
ETAPA	ATIVIDADE
Pré-produção	Definição da programação, divulgação, contratação dos profissionais. Montagem dos palcos e parque de diversão.
Produção	Execução da missa e ritos católicos, geralmente pela manhã e à tarde. Apresentação dos grupos da cultura popular-tradicional entre as 19 horas e 2 horas da madrugada. Show das bandas estilizadas a partir de meia-noite até a madrugada.
Pós-produção	Arrumação, limpeza, desmontagem dos palcos e parques. Realização do pagamento. Relatórios.

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Secretaria da Cultura do município	Organização e produção da festa, da parte profana.
Igreja Católica	Organização e execução dos ritos sagrados.
Bandas musicais	Apresentação
Grupos populares	Apresentação

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Preparação dos santos, conjunto das figuras do nascimento de Jesus e ocasionalmente Três Reis Magos, das decorações da igreja (velas, flores, iluminação etc.) e dos equipamentos (microfones, som) para realização da missa.
QUEM PROVÊ	Igreja matriz do local
FUNÇÃO	Coordenação, produção do evento e contratação dos profissionais e técnicos para instalação.
DESCRIÇÃO	Praças: Montagem dos palcos e parque de diversão.
QUEM PROVÊ	Prefeitura
FUNÇÃO	Coordenação, produção do evento e contratação dos profissionais e técnicos para instalação.
DESCRIÇÃO	Apresentação dos grupos populares-tradicionais: no caso do Cavalo-Marinho, os próprios brincadores levam o banco (onde sentam os músicos que acompanham a encenação) e outros artefatos e indumentários.
QUEM PROVÊ	Prefeitura
FUNÇÃO	Definição da programação e contratação dos grupos

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Materiais: Tecidos (Chita), Fitas, couros, madeiras, alumínio, plásticos. Ferramentas: tesouras, agulhas, ferramenta de carpinteiro.
QUEM PROVÊ	Artesãos contratados pelo dono do Cavalo-Marinho. Geralmente são os componentes e familiares do dono.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				PE	01	00	13	F20	01
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Preparação de indumentários e artefatos para apresentação do Cavalo-Marinho.
DISPONIBILIDADE	Antes e durante a apresentação.

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Bolo de Reis e doces
QUEM PROVÊ	Igreja
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Existe o costume de que a igreja oferece doces ao povo no Dia de Reis. Na Europa, é chamado de bolo de reis. A tradição diz que uma coroa dourada deve acompanhar o bolo. Ela será entregue a quem encontrar a prenda oculta, geralmente uma estatueta, em sua fatia. Segundo o hábito, quem encontrar o boneco do menino Jesus escondido se torna seu "padrinho" e tem uma série de obrigações. Na Capela dos Santos Reis de Olinda, após a missa, o Padre distribui doce e bolo tradicional aos participantes no dia 6 de janeiro.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Estrela do Cavalo-Marinho, no qual o Mateus e Bastião seguram para dançar a louvação ao Divino Santo Reis.
QUEM PROVÊ	Dono e membros do Cavalo-Marinho
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Segundo os brincadores de Cavalo-Marinho, a estrela simboliza o próprio Jesus
DESCRIÇÃO	Imagens e figuras compõem o nascimento de Jesus e a visita dos Três Reis Magos.
QUEM PROVÊ	Igreja católica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os objetos servem para enfeitar a igreja e lembrar os símbolos religiosos.

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Os padres vestem-se com trajes especiais e específicos para missa e para o santo. Os brincadores do Cavalo-Marinho vestem-se com roupas específicas para a figura que eles vão interpretar, geralmente costuradas com tecidos estampados ou de chita. Algumas figuras usam chapéus, máscaras e arcos, entre outros adereços.
QUEM PROVÊ	Igreja católica/ Dono do Cavalo-Marinho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os trajes e adereços especiais simbolizam o papel de cada figura. No caso do padre católico, expressa-se o papel sagrado que ele tem como mediador com os santos, enquanto os indumentários e adereços das figuras do Cavalo-Marinho, em sua maioria, representam a vida profana da zona rural.

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Baile do Divino Santo Reis O "Baile dos Arcos", também conhecido como "Dança dos Arcos" ou até mesmo denominado "parte da galantaria", encontra-se presente na estrutura das brincadeiras dos grupos de Aliança e de Condado. A dança dos arcos é conduzida/comandada pelo "Mestre dos Arcos", ou simplesmente

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		PE	01	00	13	F20	01
-------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

	“Mestre”. São formados dois cordões (filas) de Galantes, sendo que o mestre se posiciona à frente e entre os dois cordões. Cada cordão é formado por cerca de 6 integrantes. Cada Galante possui um arco de cipó japecanga enfeitado com fitas coloridas (de material plástico ou TNT). O traje do Galante é composto de uma camisa de manga comprida de cetim, calça comprida, chapéu, peitoral (com lantejoulas bordadas e espelhos). A dança dos arcos divide-se em partes bem definidas, com toadas, passos e movimentação espacial própria. Existem variações de um grupo para outro em relação à sequência dessas partes. Segundo a pesquisa anterior do antropólogo Lineu Gabriel, no Cavalo-Marinho Estrela do Oriente de Mestre Inácio Lucindo, que é representativo de um estilo específico de organizar a brincadeira, o Baile dos arcos inicia-se com o “Baile do Mestre”, quando o Mestre dança de par com os Galantes, um por um. Porém, o mais comum entre os grupos da região de Condado, Itaquitinga e Aliança é que o Baile dos Arcos se inicie com a Galantaria chegando junto com a figura do “Mané do Baile”. O Baile do Divino Santo Reis ou de Estrela é a etapa inicial das partes do Baile dos Arcos. Estrela É o Início do Baile dos Arcos, quando os tocadores do banco se levantam e se dirigem para o centro da roda, mantendo suas posições e alinhados paralelamente em relação ao banco, cantando de pé. Neste momento, Mateus e Bastião seguram a estrela, na maioria das vezes confeccionada de cipó japecanga, bambu e papel celofane com seu interior iluminado por uma vela acesa. Os versos da música da estrela são fixos, sendo que são puxados pelo mestre e respondidos pelos tocadores do banco. Neste momento a galantaria não dança, mas já está trajada e posicionada logo atrás do Mestre. Os cavalos marinhos de Feira Nova, Glória do Goitá e Lagoa de Itaenga não têm uma ênfase tão forte no Baile do Divino Santo Reis como os dos grupos citados previamente.
QUEM EXECUTA	O capitão e os galantes do Cavalo-Marinho
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Na entrevista fornecida para a equipe do Inventário, Mestre Mariano Teles do Cavalo-Marinho de Mestre Batista, por exemplo, define a história desta manifestação popular de um senhor de engenho (o capitão marinho) que quer realizar um “baile” para homenagear “os santos reis do oriente”. Alguns brincadores afirmam que esta é a parte em que a religião católica se faz mais presente no Cavalo-Marinho, e que a estrela simboliza o próprio Jesus Cristo.

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Divino Santo Rei. (Transcrição da toada de Oliveira da brincadeira do Estrela de Ouro de Condado recolhido em janeiro de 2006. OLIVEIRA, 2006, p. 306-309) Galantes: Que estrela é aquela que alumeia lá no mar? Que alumeia lá no mar? Banco: É o Divino Santo Rei que nós viemos festejar. Que nós viemos festejar. Todos: Rei-lá, rei-lá, rei-lá-lá-lá-lá-lá Rei-lá, rei-lá, rei-lá-lá-lá-lá-lá Lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá Galantes: Que estrela é aquela que vem lá parte do Norte? Que vem lá parte do Norte? Banco: É o Divino Santo Rei que vem dar a boa sorte. Que vem dar a boa sorte. Todos: Rei-lá, rei-lá, rei-lá-lá-lá-lá-lá Rei-lá, rei-lá, rei-lá-lá-lá-lá-lá Lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá (...)
QUEM PROVÊ	O mestre, os galantes e o banco dos grupos de Estrela de Ouro (de Condado), Estrela Brilhante (de Condado), Boi Pintado (de Aliança), Cavalo-Marinho de mestre Batista (de Aliança), Boi Brasileiro

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	(de Condado).
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Essa música é uma louvação ao “Divino Santo Reis de Oriente”, considerado uma das partes mais religiosas do Cavalo-Marinho, onde o ritmo muda-se para outro completamente diferente das toadas anteriores, cuja velocidade se torna muito mais lenta (como se fosse uma marcha em <i>adágio</i>). As percussões só acompanham a parte do banco e do refrão cantada por todos. A rabeca às vezes acompanha o mestre; noutros casos, o mestre e os galantes cantam <i>a capela</i> .

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Os instrumentos que acompanham a louvação ao Santo Reis do Oriente dentro do Cavalo-Marinho são: rabeca, ganzá, pandeiro ou bombo, bajé ou reco de arame. A formação varia de grupo.
QUEM PROVÊ	O banco (a “orquestra” do Cavalo-Marinho que executam as músicas na maior parte da brincadeira sentados num banco de madeira que cabe 3 a 5 pessoas).
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Acompanhamento da música.

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Prefeitura	Desmontagem dos equipamentos, limpeza e arrumação do local, pagamento aos profissionais.
Banda	Geralmente a produção cuida da arrumação dos instrumentos utilizados no show e da volta dos músicos para casa.
Cavalo-Marinho	Os próprios membros do Cavalo-Marinho guardam os instrumentos, indumentários e adereços utilizados após a apresentação, sob a coordenação do dono do grupo.

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
Moradores da cidade, da zona rural do município e cidades vizinhas. O público das bandas são as pessoas com faixa etária entre 10 e 50 anos. A maioria do público do Cavalo-Marinho é composta por pessoas mais idosas, entre 40 e 70 anos de idade. Porém, existem jovens que se interessam e param para observar e, às vezes, participar na hora da dança. Há crianças também que vêm junto com seus pais e avós.

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cavalo-Marinho Boi Coroado	Localidade 2 / Formas de Expressão - 03
Cavalo-Marinho Boi de Ouro	Localidade 1 / Formas de Expressão - 02
Cavalo-Marinho Boi Tirateima	Localidade 3 / Formas de Expressão - 03
Cavalo-Marinho Estrela do Oriente	Localidade 1 / Formas de Expressão - 03
Cavalo-Marinho Boi Matuto	Localidade 2 / Formas de Expressão - 04
Cavalo-Marinho Estrela Brilhante	Localidade 2 / Formas de Expressão - 07
Cavalo-Marinho Mestre Batista	Localidade 2 / Formas de Expressão - 06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				PE	01	00	13	F20	01
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Cavalo-Marinho Estrela de Ouro	Localidade 2 / Formas de Expressão - 08
--------------------------------	---

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
BENJAMIN, Roberto. Folgedos e danças de Pernambuco. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989. 134 p. il. BRUSANTIN, Beatriz, Viva o Boi: análise comparada das manifestações culturais dos trabalhadores catarinenses e pernambucanos no século XIX e início dos XX. 2011. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) - IFCH/UNICAMP – CECULT, Campinas, 2011. COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. 2 ed. autônoma, corrigida, ilustrada. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2004. 747p. il. GUARALDO, Lineu Gabriel. Na Mata tem esperança! Encontros com o corpo sambador no Cavalo-Marinho. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes) - PPG Artes, UNICAMP, Campinas, 2010. OLIVEIRA, Érico José Souza de. A roda do mundo gira: um olhar sobre o Cavalo-Marinho Estrela de Ouro (Condado, PE). Recife: SESC, 2006. PEREIRA, Nuno Marques. Compêndio narrativo do peregrino da América, 6. ed. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939, 2 v. SILVA, Affonso Furtado. Reis Magos: história, arte, tradições. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2006.

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2 – Registro Nº 27

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	 00	13	F20	01
--	-----------	-----------	-------------	-----------	------------	-----------

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q20 – Questionário de Identificação de Celebrações				
PESQUISADOR(ES)	LINEU GABRIEL, HELENA TANDERINI E SANAE SHIBATA				
SUPERVISOR	João Paulo da França				
REDATOR	Sanae Shibata				DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin				Fev. 2013

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F20	02
	UF	SÍTI-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Festa de Fim de Ano
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Festa de ano
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**PE 01 | 00 13 F20 02****4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

As festas de final de ano são comuns para a prática e a visibilidade do Cavalo-Marinho. Tradicionalmente ocorrem duas festividades no mês de dezembro, entre o natal e a virada do ano na Cidade Tabajara em Paulista e no município de Condado, Zona da Mata Norte Pernambucana.

Na cidade de Condado é comum que os Grupos de Cavalo-Marinho se apresentem dentro da programação dos festejos da noite de 31 de dezembro.

O Cavalo-Marinho Estrela Brilhante foi fundado pelo mestre Antonio Teles em 2004, tendo o apoio de seus familiares em especial sua filha Nice Teles (Maria de Fátima Rodrigues). A sede inicialmente era na casa do mestre Antônio Teles, no bairro Novo Condado. Em 2010 o grupo participou do ponto de cultura Viva Parêia, mas posteriormente desvinculou-se do projeto. Depois, por iniciativa de sua filha Nice Teles, o Cavalo-Marinho conquistou em 2011 um prêmio do Ministério da Cultura e a partir daí foi construído no mesmo bairro ao lado da casa do mestre Antônio Teles, o Espaço das Tradições Culturais que atualmente funciona como a sede do grupo. Os ensaios podem acontecer no terreiro que se estabelece em frente da casa do mestre. O grupo de brincadores é atualmente formado por adultos e pelos adolescentes remanescentes do grupo Estrela do Amanhã, do qual os netos do mestre Antônio Teles fazem parte e este projeto social inclui rapazes e moças que aprendem a cultura do Cavalo-Marinho; à medida que vão crescendo e se destacando no grupo eles passam a participar no Cavalo-Marinho Estrela Brilhante brincando de galante ou como figureiro.

O Cavalo-Marinho Estrela de Ouro foi fundado por Mestre Biu Alexandre no ano de 1979. Atualmente é considerado um grupo de grande influência no contexto da brincadeira do Cavalo-Marinho. A maioria dos integrantes do Estrela de Ouro é da família de Biu Alexandre, fato que é considerado como um diferencial dentre os grupos da região.

Dentre os brincadores do Estrela de Ouro está Seu Martelo (Sebastião Pereira de Lima) considerado o mateu mais velho em atividade em Pernambuco.

A estrutura da brincadeira do Estrela de Ouro assemelha-se à do Boi Pintado (Mestre Grimário), pois também sofreu influências do Cavalo-Marinho de Mestre Batista, realizando por exemplo o magui (mergulhão) no início de sua brincadeira.

Uma das particularidades do Estrela de Ouro é que a figura do Ambrósio é a primeira a entrar na brincadeira, antes mesmo de Mateu e Bastião. Outra figura importante que é apresentada neste grupo é o “Caboclo de Orubá” colocado por Mestre Biu Alexandre, figura que explicita a relação com a Jurema, manifestação religiosa de origem indígena bastante presente na região da Zona da Mata Norte pernambucana.

Grande parte dos integrantes do Estrela de Ouro colabora como intérpretes em alguns dos espetáculos do Grupo Grial de Dança (Recife-PE), grupo profissional de dança contemporânea, coordenado pela coreógrafa Maria Paula Costa Rêgo.

O Estrela de Ouro é um dos grupos que já se encontra institucionalmente organizado, possuindo estatuto próprio e CNPJ.

O Encontro de Cavalos-Marinheiros acontece todos os anos na época do Natal e reúne diversos grupos de Cavalos-Marinheiros de Pernambuco e Paraíba. Nos últimos anos, percebe-se uma diminuição da quantidade de grupos de Cavalo-Marinho participantes do encontro, reduzindo também os dias de encontro que, durante alguns anos, ocorreria durante 2 ou 3 dias próximo do Natal e, atualmente apenas no dia de Natal (25/12) e dia de Reis (06/01). Além disso, o tempo de apresentação também tem diminuído, se antes a brincadeira chegava a varar a noite, hoje ela se reduz a 3/4 de horas. Apesar do dia 25/12 ser dia de Natal, o público se faz presente de forma numerosa e se mostra participante, interagindo de diferentes maneiras com as brincadeiras apresentadas (cantando, dançando, escutando os diálogos, etc.). O encontro acontece à noite, podendo se estender até amanhecer o dia, fato que acontecia com mais frequência há alguns anos e, aproximadamente nos últimos cinco anos, o tempo das brincadeiras tem diminuído. Uma característica do encontro de Cavalos-Marinheiros é que os grupos brincam ao mesmo tempo, possibilitando que eles se encontrem, conversem, e, em alguns casos, possam trocar figuras e fazer um intercâmbio entre os brincadores dos vários grupos.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO**5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A Festa é organizada na rua principal da cidade, nas proximidades da Igreja Matriz.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Igreja Matriz (Condado)
Supermercado "Primo" (Condado)
Praça de eventos (Condado)
Casa da Rabeca (Paulista)

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

O Agenciamento do espaço se dá por parte dos órgãos municipais. É a prefeitura, em conjunto com o representante da igreja católica que definem os espaços da cidade que serão ocupados pela celebração. Por meio de alvarás e fiscalização, a prefeitura define o local que será destinado à comercialização de alimentos e bebidas.

Na Casa da Rabeca, Pedro Salustiano é o responsável na captação de patrocínios e organização do local para a festa, além do pagamento do cachê do grupos que se apresentam.

6. TEMPO

DATA	☒ DATA FIXA: DIA ____ MÊS Dezembro ☐ DATA MÓVEL:										
DURAÇÃO	DE _____ A _____										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR _____										
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001											
2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☐

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A festa de fim de ano no município de Condado estava relacionada à produção da cana-de-açúcar, segundo a narrativa do brincador (Ver campo Narrativas e Representações). Atualmente ela é financiada pela prefeitura da cidade e ocorre na área central da mesma. No último ano apenas o grupo Estrela de Ouro se apresentou neste evento.

O encontro de Cavalo-Marinho acontece desde o ano de 1995 na Cidade Tabajara, cidade de Paulista por iniciativa de Mestre Salustiano. Nos primeiros anos o encontro acontecia num terreiro de terra batida na frente da casa de Mestre Salu. Dois anos depois, foi construída pelo governo do estado (na gestão Miguel Arraes, com Ariano Suassuna como secretário de Cultura) a Ilumiara Zumbi, uma arena para eventos culturais da mesma natureza. Espaço em forma de arena, localizado em Cidade Tabajara – Olinda, em frente à sede do Maracatu Leão Formoso e Maracatu Piaba de Ouro. O Ilumiara Zumbi foi idealizado por Ariano Suassuna, enquanto secretário de cultura da última gestão de Miguel Arraes como governador de Pernambuco (1995-1998). O espaço foi construído para servir de 'palco' para espetáculos, encontros, festivais, apresentações culturais variadas, especialmente da cultura popular, para ser um lugar de agregar e congregar pessoas, brincadeiras populares e outros. Atualmente, recebe todos os anos durante o Carnaval, um encontro de maracatus de baque solto, vindos de vários municípios do estado. A Ilumiara Zumbi foi construída na frente da casa de Mestre Salustiano, no mesmo lugar onde se iniciaram os Encontros de Cavalo-Marinho. Durante os primeiros anos o encontro acontecia no terreiro sem construção nenhuma, em seguida a arena foi construída e o encontro aconteceu na Ilumiara até se deslocar para a Casa da Rabeca.

Inaugurada em 21 de abril de 2002 por mestre Salustiano, a Casa da Rabeca do Brasil situa-se na cidade Tabajara, em

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Olinda, na Rua Curupira, 356. É um espaço cultural voltado para realização de espetáculos, shows e eventos ligados às tradições culturais de Pernambuco. No início, era apenas uma tenda coberta de palhas de coqueiros, funcionava aos domingos e recebia familiares, sanfoneiros, rabequeiros, zabumbeiros, pandeiristas, trianguzeiros, emboladores de coco, mestres de maracatu, Cavalo-Marinho, cirandeiros e amigos de Salustiano da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Hoje, o espaço que engloba várias edificações e espaço grande ao ar livre, reúne artistas populares, com apresentações de forró de rabeca, encontros de Cavalo-Marinho e maracatus, entre outras manifestações populares. Artistas importantes já estiveram no palco da Casa da Rabeca, tais como Santanna, Alcymar Monteiro, Geraldinho Lins, Antonio Carlos Nóbrega, Nadia Maia, Genival Lacerda e Sirano & Sirino. A Casa da Rabeca tem tradição em algumas celebrações anuais: o Encontro de Cavalos-Marinheiros no Natal, o dia de Reis – 06 de janeiro e o Encontro de Maracatus de Baque Solto no Carnaval. A Casa da Rabeca é um sítio que também serve de moradia para os familiares de Mestre Salustiano. Existem várias casas que são residência de filhos e outros familiares, além da casa de artesanato, bar da casa da rabeca, palco, salão de dança e estrutura de banheiros e coxia para os artistas.

Com o falecimento de Mestre Salustiano, em 2008, seu filho Pedro Salustiano, tomou a frente da organização do evento (junto com outros filhos do mestre) que continua acontecendo na Casa da Rabeca. Houve várias edições do encontro que aconteceram durante 3 dias seguidos (incluindo sempre o dia do Natal – 25/12 – entre os dias do encontro) e o dia de Reis (06/01) e com grupos que se apresentavam a noite inteira.

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

As festas de fim de ano fazem parte do calendário festivo do ciclo natalino na região da Zona da Mata Norte e região metropolitana do Recife. Esses eventos muitas vezes são os únicos momentos que os grupos brincam durante o ano, sobretudo na festa no Encontro de Cavalo-Marinho da Casa da Rabeca do Brasil, na Cidade Tabajara Olinda.

Para os brincadores da região da zona da mata, as festas na localidade aconteciam da seguinte maneira:

“O final do ano tá dentro da época da safra. Na safra se ganhava mais dinheiro, então o dono da venda já tava de olho no dinheiro que o povo ia gastar... o trabalhador tava com um dinheirinho a mais, aí podia gastar. O dono da venda que contratava o Cavalo-Marinho botava fé no dinheiro que o trabalhador ia apurar na safra. O povo ia pra comprar, tomar refrigerante, uma cerveja, uma pituzinha, um tira gosto... Ele sabia que ia apurar mais um dinheirinho. Sabia que podia pagar aquele cachê ao Cavalo-Marinho”.

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Primeiras décadas do século XX	A festa de final de ano em Condado era patrocinada pelos donos dos grupos ou dos bares
1995	Primeiro encontro de Cavalo-Marinho Casa da Rabeca

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
1º	Organização do evento na Casa da Rabeca através do atual dirigente, Pedro Salustiano, e na cidade Condado pela prefeitura.
2º	Na cidade Tabajara é realizada uma divulgação através dos meios de comunicação: rede televisiva local, rádio e panfletos. Em Condado, a prefeitura faz uma divulgação nas ruas da cidade.
3º	Na Casa da Rabeca no dia 25 de dezembro, montam-se barracas de comidas e bebidas, a casa é completamente decorada e iluminada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4º	A festa na casa da Rabeca acontece no interior do espaço com ausência de palco e o acesso ao local para assistir aos grupos é livre. Em Condado acontece na rua e todos podem assistir.
----	---

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
-----	-----

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	O local é de chão batido e na noite do encontro de Cavalo-Marinho é completamente ornamentado com fitas banners com a programação da noite, mesas e cadeiras e uma ótima iluminação. Os grupos se apresentam simultaneamente. Já em Condado, é destinado um local na praça principal com iluminação e os grupos também se apresentam no chão.
QUEM PROVÊ	Casa da Rabeca (Pedro Salustiano) e Condado (Prefeitura)
FUNÇÃO	Dono e Instituição financiadora respectivamente.

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	As ferramentas são os objetos que viabilizam as brincadeiras dos grupos, tais como: lâmpadas, cadeiras ou bancos, água, e microfones
QUEM PROVÊ	Pedro Salustiano (Casa da Rabeca) e Prefeitura (Condado)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Destina-se a viabilizar a apresentação dos grupos e o acesso dos espectadores
DISPONIBILIDADE	Fácil disponibilidade das respectivas regiões

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	As comidas vendidas nas barracas montadas próximas ao local da brincadeira fazem parte do cenário nesses eventos, são comercializados: tapioca, espetos de carne, queijo e frango, pipocas, batata frita, macaxeira, cachaça, cerveja, refrigerantes, água e uma mistura com frutas e algum tipo de bebida alcoólica que chama-se caipi fruta.
QUEM PROVÊ	Comerciantes do local
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Além de fazer parte do cenário nesses tipos de eventos, tem a função de servir algum tipo de alimento ou bebida para os espectadores, pois as brincadeiras são de longa duração e em alguns casos amanhece o dia.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.7. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Os brincadores do Cavalo-Marinho vestem-se com roupas específicas para a figura que eles vão interpretar, geralmente costuradas com tecidos estampados ou de chita. Algumas figuras usam chapéus, máscaras e arcos, entre outros.
QUEM PROVÊ	Dono do Cavalo-Marinho
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Faz parte do cotidiano nessas festas dos brincadores de Cavalo-Marinho

8.8. DANÇAS

DESCRIÇÃO	Essa é uma descrição geral da dança, cada figura entra no meio círculo formado por brincadores, público e músicos dançando de acordo com a toada que a chama para a brincadeira. A dança se faz presente ao longo de toda a brincadeira do Cavalo-Marinho. São padrões de movimentos rápidos, ágeis, de pisada forte no chão e que podem se repetir durante um longo período de tempo. Não existem nomes para os passos, com exceção da “tesoura” - movimento que é realizado abrindo e fechando rapidamente os joelhos mantendo os calcanhares próximos. Os movimentos de dança no Cavalo-Marinho podem ser denominados de trupés, passos, pisadas, tombos e carreiras. Os brincadores quase não utilizam o termo dança, preferindo o termo samba, de modo que o mais recorrente é que os brincadores afirmem que sambam Cavalo-Marinho, ou que brincam Cavalo-Marinho.
QUEM EXECUTA	Grupos de Cavalos-Marinhos e público
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Permitir a evolução da figura na roda e em muitos casos o aspecto cômico diante do público, além de uma interação com o mesmo.

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Executadas as toadas são o que poderíamos chamar de música no Cavalo-Marinho. Elas são cantadas pelos toadeiros, um integrante do banco de músicos que canta (puxa) as toadas. Geralmente essa pessoa é o pandeirista, que se posiciona ao lado do rabequeiro. Além de puxar as toadas, espera-se do toadeiro uma grande capacidade de improvisar versos cantados. A importância do toadeiro reside principalmente na manutenção do fluxo de toadas ao longo de uma brincadeira, além de sua memória e de improvisação constituírem uma importante fonte de versos cantados para o repertório musical do folguedo.
QUEM PROVÊ	Banco de Músicos dos grupos que se apresentam
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Permitir a alegria e a interação do público, além da evolução das figuras.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				PE	01	00	13	F20	02
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	1. Rabeca - A rabeca ou rebeca é um instrumento muito importante para a música do Cavalo-Marinho porque assume a função de tecer a base melódica que interligará as cenas durante toda a brincadeira. A melodia executada através da rabeca serve para favorecer a afinação do toadeiro (que faz a primeira voz ao puxar as toadas) e dos tocadores de baje que fazem a segunda voz ao responderem as toadas. A base melódica tocada através da rabeca serve também para estruturar toda a parte harmônica da música, porque oferece a melodia sobre a qual as vozes construíram os acordes. Na rabeca pode ser executado todo o repertório de toadas (as partes cantadas) e baianos (são estruturas melódicas instrumentais geralmente compostas por ostinatos), que compõem a parte musical da brincadeira do Cavalo-Marinho que é entremeada por diálogos, encenações e danças. 2. Mineiro - O mineiro ou ganzá utilizado no Cavalo-Marinho é feito de ferro ou alumínio. Esse instrumento produz som através do balanço de pedras, chumbos ou grãos de feijão, arroz ou milho que estão no seu interior. Sua sonoridade é metálica e penetrante, sendo de grande importância para a composição rítmica da música do Cavalo-Marinho; 3. Pandeiro - O pandeiro utilizado no Cavalo-Marinho é adquirido comercialmente. Sua estrutura é formada por um arco de cerca de 25 centímetros com platinelas metálicas e pele de náilon afinada por tarrachas. O pandeirista toca com seu instrumento a mesma célula característica ao longo de toda brincadeira, que também é reforçada pelas bexigas percutidas pelo Mateus e Bastião. Sendo o principal instrumento responsável pela condução rítmica do banco, geralmente é executado pelo toadeiro principal que “puxa” as toadas; 4. bage - Instrumento musical amplamente utilizado no conjunto musical do Cavalo-Marinho (banco), a bage é formada por uma madeira conhecida como taboca, encontrada na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Essa madeira é cortada em quatro partes e posteriormente colada duas a duas. Em seguida, uma faca é utilizada para criar suas fendas que produzirá o som através do atrito proporcionado por uma baqueta de mesmo material. Sua ríspida sonoridade apresenta uma função rítmica, juntamente com o pandeiro e o mineiro, apresentando, entretanto, um timbre diferenciado; 5. Reco- Reco - Instrumento de metal com eixo de arame, produz um som agudo no atrito da paleta com as ranhuras.
QUEM PROVÊ	Banco de Músicos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os instrumentos são responsáveis pela composição das toadas junto aos músicos. Estrutura rítmica do Cavalo-Marinho.

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Donos dos grupos	Recolhem todo o material e organizam os brincadores para retornarem no ônibus contratado para a Zona da Mata Norte ou para casa quando é na mesma cidade, neste caso em Condado.
Dono da Casa da Rabeca	Retira toda a ornamentação, cadeiras, mesas e barracas.
Prefeitura local	Limpeza e recolha da ornamentação

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
O público é bem variado em sua composição geralmente jovens, adultos e crianças que chegam de lugares distantes do município de Condado. Na casa da Rabeca, o Encontro de Cavalo-Marinho é bastante divulgado e predomina os espectadores “turistas”, mas muitos pesquisadores e pessoas das cidades próximas também fazem parte do público.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	00	13	F20	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cavalo-Marinho Boi de Ouro	Localidade 1 / Formas de Expressão - 02
Cavalo-Marinho Boi Brasileiro	Localidade 2 / Formas de Expressão - 02
Cavalo-Marinho Boi Pintado	Localidade 2 / Formas de Expressão - 05
Cavalo-Marinho do Mestre Batista	Localidade 2 / Formas de Expressão - 06
Cavalo-Marinho Estrela Brilhante	Localidade 2 / Formas de Expressão - 07
Cavalo-Marinho Estrela de Ouro	Localidade 2 / Formas de Expressão - 08

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

12. Documentos inventariados

12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Anexo 2 – Registro Nº 121-123

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2 – Registro Nº 29

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não há outras observações relevantes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	 	00	13	F20	02
--	-----------	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q20 – Questionário de Identificação de Celebrações					
PESQUISADOR(ES)	LINEU GUARALDO					
SUPERVISOR	João Paulo de França					
REDATOR	Lineu Guaraldo					DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin					Fev. 2013

Sítio
Ficha de Identificação
(F40)



INRC DO CAVALO-MARINHO
Inventário Nacional de Referências Culturais

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F40	01
	UF	SÍTIOS	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Baiano
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Baião
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Mariano Teles Rodrigues	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	31
OCUPAÇÃO	Aposentado	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	17/05/1942
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Antônio Manuel Rodrigues	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	17
OCUPAÇÃO	Aposentado rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/02/1934
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☒ OUTRO: Rabequeiro e dono de Cavalo-Marinho		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE 01 00 13 F40 01****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

O baiano, chamado pelos brincadores de baião, é uma melodia rápida, geralmente formada por ostinatos melódicos feitos pela rabeca e acompanhado por ostinatos rítmicos produzidos pelo pandeiro, bage e mineiro. O nome possivelmente vem do ritmo característico do Cavalo-Marinho: o baião. Como o baiano é uma forma instrumental, ele geralmente está associado à dança das figuras e dos brincadores em geral. Entretanto, é possível encontrar em alguns brincadores e pesquisadores a versão de que os baianos são sinônimos de toadas soltas, ou seja, toadas que não possuem ligação direta com as figuras.

Na execução dos baianos, a rabeca toca predominantemente linhas uníssonas, com ocasionais acréscimos de oitavas e quintas justas através do recurso da arcada em duas cordas, principalmente nos pontos cadenciais.

Para a execução dos baianos exige-se do rabequeiro um grande conhecimento desse repertório, além de uma capacidade considerável de improvisação.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A formação da *roda*, terreiro onde ocorre a *brincadeira* do Cavalo-Marinho, é espacialmente iniciada a partir do banco (assento de madeira onde os músicos se acomodam), juntamente com a aglomeração do público em forma de um pequeno círculo. É em frente ao banco que vai se desenvolver os elementos musicais, cênicos, poéticos e coreográficos do Cavalo-Marinho. Geralmente a realização da brincadeira ocorre em espaços públicos, como a rua (geralmente em frente à sede do grupo ou em frente da casa do mestre), numa praça (principalmente durante as festas municipais) ou mesmo no pátio de uma igreja. Há preferência entre os brincadores pelos espaços bem iluminados (com iluminação pública ou através da iluminação improvisada, a chamada “gambiarra”) e terrenos planos, calçados ou não.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Nas localidades 1 e 2 podemos encontrar os seguintes marcos edificadas:

Espaço Tradições Culturais (sede do Cavalo-Marinho Estrela Brilhante e Estrelas do Amanhã) em Condado

Sede do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro em Condado

Casa e Biblioteca de Mestre Batista (sede do Cavalo-Marinho Mestre Batista) em Chã de Camará.

Casa da Rabeca. Espaço idealizado por Mestre Salustiano, onde são realizados anualmente encontros de grupos de Cavalo-Marinho.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Por ocorrer em locais públicos (ruas, praças, pátio de igrejas), a brincadeira do Cavalo-Marinho geralmente é realizada em meio a um complexo de grande sociabilidade. Nas brincadeiras das ruas, o Cavalo-Marinho ocorre paralelamente às pequenas atividades de comércio local, como a venda de bebidas e lanches. Já nos contextos das festas municipais (comemorações cívicas e religiosas), o espaço da brincadeira é dividido com o comércio de lanches e brinquedos, o parque de diversões e com a apresentação de outros grupos culturais e de música *pop* que também são contratados pelas prefeituras locais.

Nos últimos anos, as brincadeiras também vêm ocorrendo na região metropolitana do Recife, especialmente na Casa da Rabeca (Olinda) nos encontros anuais de Cavalo-Marinho, e em polos culturais relevantes na cidade do Recife (como a Casa da Cultura e o Sítio da Trindade) promovido pela FUNDARPE.

Em todos esses contextos, a brincadeira do Cavalo-Marinho transforma o familiar espaço público e cotidiano em um novo universo simbólico através de sua prática ritual de música, dança, teatro e poesia.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****01****7. TEMPO****7.1. PERIODICIDADE**

Os baianos estão presentes em todas as brincadeiras de Cavalo-Marinho, desde o início ao fim da brincadeira. Esta, por sua vez, é característica do ciclo natalino, embora sua ocorrência se estenda por todo ano.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA**Mestre Antonio Teles**

Nasceu pelas mãos da parteira local Severina Breda no engenho Caité, município de Aliança, Pernambuco, às quinze horas do dia 13 de fevereiro de 1934. Seu pai era o trabalhador rural Manuel Teles Rodrigues, e sua mãe, Severina Ferreira do Carmo, dedicava-se aos cuidados com a casa e a criação dos filhos. Foi batizado por seu padrinho como Antonio Manuel Rodrigues, mas desde cedo passou a ser chamado por Antonio Teles, o mesmo sobrenome pelo qual era conhecido seu pai na comunidade. Começou a trabalhar desde os dez anos com seu pai na roça e tangendo o gado. Com uma rotina de trabalho tão intensa, Antonio Teles não teve oportunidade para brincar e nem estudar durante sua infância, encontrando no Cavalo-Marinho um espaço de vivência lúdica, de descoberta de novas possibilidades de expressão e de desenvolvimento pessoal. Esse fato ressalta a importância do brinquedo popular no sentido de atender às necessidades de entretenimento e de autoexpressão, pois, no seio das comunidades rurais, normalmente as pessoas são submetidas desde cedo a uma vida de muito trabalho, pouca remuneração, a ausência de condições básicas de saneamento, educação, saúde, conforto e lazer.

Aos 12 anos, Antônio Teles foi chamado para brincar de Mateus no Cavalo-Marinho de Demézio, e este lhe ensinou a colocar *figura*. Antonio Teles, por sua vez, convidou seu primo Zé Dionísio para brincar de Bastião, e juntos formaram uma “pareia” e iniciaram suas trajetórias de *brincadores* neste grupo do engenho Caité.

Antônio Teles brincou de Mateus por três anos no Cavalo-Marinho de Demézio, e aos 15 anos passou a brincar de galante. Depois de certo tempo começou a cantar no *banco*. A partir desse momento fortalece sua ligação com a música do Cavalo-Marinho. A primeira rabeca foi comprada em sociedade com seu irmão Luís, depois Antonio Teles vende sua parte na sociedade e fica sem rabeca por um tempo, mas não sem interesse em aprender a tocá-la. Músico de grande sensibilidade, autodidata, aprendeu a tocar a partir da observação de outros rabequeiros e de sua participação na *brincadeira* do Cavalo-Marinho.

Daí em diante, ele continuou a brincar no Cavalo-Marinho de Demézio, mas também começou a se interessar em conhecer outros grupos existentes nos engenhos da região.

Em 1964, passou a brincar no Cavalo-Marinho de Domício Pedro no engenho Natal (Aliança) já atuando como rabequeiro. Neste grupo brincou por apenas três anos, porque o próprio Domício foi chamado para brincar de mestre no Cavalo-Marinho de Batista em Chã de Camará, Aliança. Em 1975, fixou residência em Condado. Conforme seus relatos, a partir dessa mudança ele se integra no cavalo de Memézio (filho de Demézio). Neste grupo brincou por onze anos. Posteriormente, passou a ser o rabequeiro do Cavalo-Marinho de Biu Alexandre, atuando neste Cavalo-Marinho por vinte e cinco anos.

Em 2004 finalmente conseguiu realizar o sonho de fundar o seu próprio Cavalo-Marinho, que se concretizou mediante o apoio primordial de sua filha Nice Teles.

Mestre Mariano Teles

Mariano Teles Rodrigues nasceu na cidade de Aliança, no dia 17 de maio de 1944. Desde sua infância, passou a ter contato com o Cavalo-Marinho a partir da vivência familiar, uma vez que ele assistia às brincadeiras em que seu irmão mais velho, Luiz Rodrigues, tocava rabeca e colocava a figura do Mateus. A partir de suas observações, ele passou a aprender a brincadeira e seu conteúdo artístico. Depois de participar durante longos anos de alguns grupos de Cavalo-Marinho, ele conheceu o Cavalo-Marinho de Batista, que lhe causou grande impressão pela qualidade com que esse grupo brincava. Por intermédio de seu irmão mais velho, ele apresentou-se a Batista afirmando que queria brincar no

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****01**

seu Cavalo-Marinho. A partir de então, Mariano Teles passou a fazer parte desse grupo, aprendendo de maneira mais intensa a brincadeira a partir do contato com Batista e com outros brincadores experientes.

Entretanto, com a morte de Batista, em 1991, o Cavalo-Marinho ficou desativado durante algum tempo. Com isso, Mariano Teles tomou a iniciativa de restaurar as máscaras, os bichos, os artefatos e as indumentárias que já se encontravam em estado de deterioração. Essa iniciativa conferiu a Mariano Teles a responsabilidade não só de tomar conta do material do grupo, mas assumir a liderança artística do Cavalo-Marinho, o que lhe garantiu o *status* de mestre, função que ele mantém até hoje.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Não é possível precisar as origens dos baianos. São formas musicais criadas e transformadas ao longo do tempo por vários artistas dentro da tradição do Cavalo-Marinho. Por não ter função dramática, o baiano geralmente é executado entre as cenas das figuras e nos momentos coreográficos para garantir a continuidade da brincadeira, sendo também utilizado para “esquentar o samba”.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Segundo mestre Mariano Teles, quem introduz o baião é o rabequeiro:

“Quem toca muito o baião mesmo é o rabequeiro, que toca o baião. Agente pede pro rabequeiro um baião e ele se avexa na rabeça. “

O repertório de baianos constitui um rico patrimônio musical na forma de melodias e ritmos que povoam o universo sonoro da brincadeira, sendo de grande importância para o Cavalo-Marinho e seus brincadores, intensificando a atividade festiva, e estimulando as respostas fisiológicas dos brincadores que sambam no terreiro.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Indefinida	Supressão da viola no conjunto musical do Cavalo-Marinho
Indefinida	Substituição do reco de arame pela bage
Final da década de 1990	Utilização de amplificação por meio de microfones e caixas de som

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

O repertório de baianos constitui um rico patrimônio musical presente na memória dos brincadores, especialmente dos músicos componentes do banco.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Aprendizado	No Cavalo-Marinho, o aprendizado musical se dá durante a experiência social do brincar e por meio das relações cotidianas através da observação, onde o que prevalece é o desejo de brincar e de fazer parte da tradição compartilhada coletivamente. A observação é procedida pela imitação, que é muito mais que uma reprodução passiva, mas uma forma de recriar aquele patrimônio cultural apreendido.
Prática	Consiste na vivência coletiva do fazer musical durante as performances de Cavalo-Marinho.
Comercialização	O dono do Cavalo-Marinho procura comercializar as apresentações fazendo a divulgação através de um currículo de apresentação sobre seu grupo. Entrega do material de divulgação; fazem contatos por telefone/via internet; aguardam as propostas para apresentações. Fechado o contrato, realizam as apresentações. O pagamento recebido remunera os brincadores e investe em melhorias no material do grupo. Atualmente também é comum a realização de oficinas e gravações de CDs financiadas por órgãos culturais como a FUNDARPE, constituindo-se em uma nova forma de veiculação, divulgação e comercialização dos elementos musicais do Cavalo-Marinho.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Rabequeiro	Tocador de rabeca que executa as melodias dos baianos.
Pandeirista	Tocador de pandeiro, principal instrumento utilizado na condução rítmica do baião.
Baigista	Toacador de bage.
Mineirista	Tocador de mineiro

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	O Cavalo-Marinho sempre esteve envolvido com algum tipo de financiamento. Segundo mestre Antônio Teles, quando as brincadeiras ocorriam nos engenhos quem financiava a brincadeira era o 'bodegueiro". Já no contexto das pequenas cidades da zona da mata norte de Pernambuco, o financiamento inicialmente era feito pelo dono do bar que entrava em acordo com o dono ou mestre do Cavalo-Marinho quanto à divisão dos lucros do bar obtidos durante a brincadeira. Atualmente os financiamentos para a ocorrência das brincadeiras é feito pelas prefeituras locais, durante as festas municipais, ou mesmo por órgãos culturais como a FUNDARPE.
QUEM PROVÊ	Atualmente as prefeituras locais ou órgãos culturais como a FUNDARPE.
FUNÇÃO	Realização de brincadeiras

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	As "ferramentas de trabalho" dos componentes do banco são os instrumentos musicais (rabeca, pandeiro, bages e mineiros) que pertencem aos grupos ou aos próprios músicos.
QUEM PROVÊ	Alguns instrumentos são adquiridos pelos próprios músicos ou pelos grupos da qual fazem parte.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Execução musical.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DISPONIBILIDADE	As rabecas geralmente são adquiridas comercialmente pelos <i>luthiers</i> locais. Os pandeiros e mineiros são adquiridos no comércio (lojas de instrumentos musicais) e as bages são feitas pelos próprios brincadores através da madeira de taboca colhida nas matas da região.
------------------------	--

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Como as brincadeiras de Cavalo-Marinho são muito longas, é comum os componentes do banco se revezarem durante a performance para ingerir alimentos ou mesmo para tomar alguma bebida alcoólica (especialmente cachaça) para voltarem mais “animados” para a brincadeira.
QUEM PROVÊ	Os alimentos podem ser fornecidos pela pessoa ou instituição que contrata ou convida o grupo. No caso das bebidas alcoólicas, elas são levadas pelos próprios brincadores ou mesmo compradas quando se adquire dinheiro com alguém da platéia.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tanto os alimentos quanto as bebidas não possuem sentido ritual ou simbólico. As primeiras dão energia para o brincador cantar e tocar a noite inteira, e as bebidas são utilizados para “animar” o brincador.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.	
DESCRIÇÃO	O banco é tanto a formação dos músicos do Cavalo-Marinho quanto o assento utilizado por estes. No segundo caso, ele constitui-se em um assento comprido de madeira (embora outras configurações de formato e material possam ser utilizadas). Neste sentido, o banco constitui-se um importante objeto cênico e ritual, uma vez que praticamente todas as ações (musicais, cênicas, poéticas e coreográficas) que ocorrem durante a brincadeira se posicionam à sua frente. Ou seja, o banco não só inicia a delimitação do local físico onde será realizada a brincadeira, como delimita o espaço simbólico de sua realização.
QUEM PROVÊ	O dono ou mestre do grupo. Quando as brincadeiras ocorrem fora da localidade onde o grupo reside o assento é fornecido pela pessoa ou órgão que contrata o grupo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Acomodação dos músicos durante a brincadeira e constituinte do espaço físico da roda.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Os componentes do banco de alguns grupos de Cavalo-Marinho atualmente possuem um vestuário padronizado, utilizado durante as apresentações. Os elementos mais característicos dessa padronização consistem no uso de chapéus e roupas coloridas.
QUEM PROVÊ	O dono ou mestre do Cavalo-Marinho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Essa padronização possui função puramente estética, podendo se constituir em uma marca visual do grupo.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Como os baianos não possuem ligação direta com o conteúdo cênico, eles são sempre associados às danças realizadas entre as cenas das figuras, dando continuidade à brincadeira e evitando a presença de “buracos” ou espaços vazios dentro da brincadeira.
QUEM EXECUTA	Os componentes do banco (rabequeiro, pandeirista, baigistas e mineirista).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A música é um constituinte fundamental à dança, sendo utilizada para “alimentar e energizar” o corpo que samba no terreiro através das respostas físicas que ela estimula. Alguns passos da dança no Cavalo-Marinho são determinados pelo andamento e pela música a ser executada pelo banco.
-----------------------------	---

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Música instrumental, cuja melodia é realizada pela rabeca, acompanhada pelo pandeiro, bage e mineiro.
QUEM PROVÊ	O banco de Cavalo-Marinho
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Entretenimento.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Rabeca, Pandeiro, Mineiro, <i>Bage</i> , Reco de arame, Bombo
QUEM PROVÊ	O pandeiro e o mineiro são adquiridos comercialmente pelo grupo da qual os músicos fazem parte. A rabeca geralmente é comprada pelo próprio instrumentista dos <i>luthiers</i> da região. As <i>gages</i> , recos e bombos são confeccionados pelos próprios músicos ou por outros componentes do Cavalo-Marinho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Performance musical.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Rabequeiro, pandeirista, mineirista e baigista	Após a última toada, os músicos guardam seus instrumentos. Se o instrumento pertence ao grupo, o músico leva-o ao local onde ele é guardado (a sede ou a casa do mestre). Se o instrumento é do próprio músico, ele leva-o para sua casa.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☐ TROCA ☐ OUTRO ☒		ESPECIFICAR	Embora o Cavalo-Marinho seja uma forma de ludicidade e devoção, é como a sua realização remunerada por meio de contratos com pessoas ou instituições ligadas a órgãos públicos, tornando-se uma fonte de renda alternativa para os brincadores.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☒		
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Ainda não existe associação de Cavalo-Marinho, mas os grupos começaram a conversar para se organizar e fundar uma associação. Este diálogo foi iniciado no final de 2011, por iniciativa de Pedro Salustiano, no encontro de Cavalos-Marinheiros que aconteceu na Casa da Rabeca.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Banco de Músicos	Localidade 1 / Formas de Expressão - 01 Localidade 2 / Formas de Expressão - 01 Localidade 3 / Formas de Expressão - 01
Rabeca	Sítio / Ofícios e Modos de Fazer - 03
Bage	Localidade 1 / Formas de Expressão - 02 Localidade 2 / Formas de Expressão - 02
Dança dos Aico	Localidade 1 / Formas de Expressão - 04 Localidade 2 / Formas de Expressão - 09
Dança	Localidade 3 / Formas de Expressão - 05

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2 – Registro Nº 46

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q40 - Questionário de Identificação de Formas de Expressão		
PESQUISADOR(ES)	PAULO HENRIQUE LOPES DE ALCÂNTARA		
SUPERVISOR	João Paulo de França		
REDATOR	Paulo Henrique Lopes de Alcântara	DATA Fev. 2013	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F40	02
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Cavalo-Marinho / Memória
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não Possui
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Severino Camelo da Silva	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	12
OCUPAÇÃO	Dono de Cavalo Marinho	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1945
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****02****4. FOTOS****OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

Os grupos de Cavalos-Marinheiros se constituem em memória pela importância e referência que têm para outros grupos da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Na atualidade seu Biu Camelo não tem mais Cavalo-Marinheiro, mas durante quase 40 anos ele atuou em grupos da região em que morava (Sítio da Onça e Sítio Novo). Ele brincava como mestre e figureiro. Nunca saiu da região para brincar em outras cidades, tem uma memória dos grupos que fez parte e descreve quais as particularidades dos grupos da região. Ainda, seu Biu Camelo não fazia parte de outras manifestações, sempre o Cavalo-Marinheiro que brincava desde criança. O tio de seu Biu Camelo, Zé Camelo, era o dono do Cavalo-Marinheiro. Seu pai Francisco Camelo também era um componente importante do grupo. Biu Camelo entrou no grupo. A particularidade desse grupo está no que se refere à música; os instrumentos que fazia parte do banco de músicos é bastante distinto dos grupos atuais ainda vigentes. As toadas eram levadas por rabeca, bage, pandeiro e triângulo.

A história do Cavalo-Marinheiro de Goiana seu José Galdino tem todo na cabeça; o primeiro foi do Seu Nuzia, depois, Mané de Lino, terceiro Juventino, quarto, Seu Miguel e o quinto foi o dele, o Cavalo-Marinheiro do Preá. O seu Cavalo-Marinheiro acontecia na rua Timbaúba/Goiana, onde nasceu e cresceu. Mas Cavalo-Marinheiro é sua paixão: Seu Preá era o provedor do grupo que brincava em sábados quinzenais até a década de 60 do século XX. As singularidades desse Cavalo-Marinheiro se expressam principalmente na música, pois tem uma cadência mais lenta, as loas, são quase poemas recitados e musicados (informações obtidas em entrevista com Mestre Preá em 2006 realizada por Beatriz Brusantin – acervo sonoro particular)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****02****6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE****6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A região da Zona da mata norte pernambucana e limítrofes com a Paraíba, local que está situada a localidade 1 deste inventário, é formada por dezessete municípios e abrange uma área de 3.242,9 km², o que corresponde a 3,25% do território estadual. Possui uma população estimada de 443.189 (estimativa IBGE, 2009), sendo os economicamente mais importantes Goiana, Carpina e Timbaúba. Há presença de indústria canavieira, e também de tecelagem, entre outras atividades agrícolas e industriais. Há também alguma presença de cultura de agricultura de subsistência.

População dos municípios da localidade 1:

Camutanga – 8.214

Itambé – 36.126

Ferreiros – 11.456

São Vicente Ferrer / Macaparana – 24.031

Fonte: <http://www.pe.gov.br/>

A região da Mata Norte é conhecida historicamente como a terra dos engenhos, capelas, igrejas e casarios, resultante de sua formação no período do ciclo açucareiro em Pernambuco.

A produção açucareira se instalou na região a partir do século XVI, através dos engenhos, originando boa parte de suas cidades. Nos centros das cidades dessa região, podemos encontrar em comum as igrejas, praças e seus arruados. Entre os municípios estão: Macaparana está situada a aproximadamente a 120 km do Recife e a sua história está ligada à instalação dos engenhos da família Cavalcanti que promoveu o crescimento econômico e social, juntamente com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária nessa região. A Lei Estadual n.º 1.931, de 11 de setembro de 1928, criou, a partir do desmembramento da cidade de Timbaúba, o município de São Vicente, composto pelos distritos de São Vicente e Macapá. Dez anos depois, através do Decreto-Lei Estadual n.º 92, de 31 de março de 1938, o município de São Vicente passou a chamar-se Macapá e em 1943 o Decreto-Lei Estadual n.º 952 mudou o nome do município para Macaparana.

O município de Itambé localiza-se a 99km aproximadamente do Recife. O povoamento de Itambé começou quando o capitão-general André Vidal de Negreiros, um dos restauradores de Pernambuco, instalou no local uma capela a Nossa Senhora do Desterro (Padroeira da Cidade). Em 1867, ocorreu sua emancipação e a cidade possuía o nome de Pedras de Fogo. Logo, com o aumento da população, em 1789, o povoado foi transformado em distrito ganhando o nome de Itambé e, consequentemente, elevado à categoria de cidade. Sua emancipação é comemorada anualmente no dia 4 de Fevereiro. A etimologia do nome Itambé deve-se ao termo ITA-AIMBÉ ou ITA-AEMBÉ, que significa pedra áspera, penedo afiado, cortante, pontiagudo ou pedra de amolar. Administrativamente, o município é formado pelo distrito sede e pelos povoados de Caricé, Ibiranga e Cubinha. A cidade tem um variado calendário festivo com as festas de Reis, Nossa Senhora do Desterro, Natal, Carnaval e festas juninas.

A cidade de Goiana era habitada por Índios Tabajaras e Caetés originalmente. A chegada dos colonizadores remonta ao ano de 1534. Mais tarde, Goiana foi elevada à freguesia da Capitania de Itamaracá, tornando-se muito próspera no comércio devido à atividade da cana-de-açúcar. Dessa forma, tornou-se muito cobiçada enquanto palco de algumas batalhas, dentre elas a do ano de 1646 quando os holandeses foram derrotados em Tejucupapo pelos goianenses. Goiana ainda tem como destaque o pioneirismo, por ter sido o primeiro município do Estado de Pernambuco que declarou extinto o regime escravo. Em 3 de Agosto de 1892 constituiu-se como município autônomo. A História de Goiana está estreitamente vinculada aos engenhos da região. Durante o período colonial, Goiana foi um dos principais produtores de cana em Pernambuco; o rio Goiana, que corta a cidade, abrigava importante porto, que escoava a produção do local. Primitivamente ocupada por índios caetés e potiguaras, a cidade de Goiana originou-se de um dos mais antigos núcleos de colonização da região e foi, por diversas vezes, sede da capitania de Itamaracá. A origem mais provável do nome Goyanna (atualmente Goiana), é que Goyanna venha da palavra em Tupi-Guarani "Guyanna", que significa "terra de muitas águas". O topônimo do município aparece pela primeira vez nos catálogos da Companhia de Jesus, em 1592, com o nome de aldeia de "Gueena". O mesmo documento, em 1606, registra-o com a grafia modificada para "Goyana" e, finalmente Goiana. Alguns estudiosos dizem que Goiana é palavra de origem da língua tupi e significa: gente estimada. Outros filólogos divergem e dizem ter o significado de: mistura ou parente e, ainda, Frei Vicente de Salvador, em 1627, definiu como sendo: porto ou ancoradouro.

A povoação foi elevada à freguesia em 1568 quando Diogo Dias, um cristão-novo de muitas posses, comprou de D. Jerônima de Albuquerque Sousa 10 mil braças de terra próximas à atual cidade de Goiana, então Capitania de Itamaracá, estabelecendo um engenho fortificado no Vale do Rio Tracunhaém. Este colono foi alvo do ataque ao

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE 01 00 13 F40 02**

engenho Tracunhaém, em 1574, no qual índios potiguaras exterminaram toda a população do engenho. Este episódio provocou a extinção da capitania de Itamaracá e a criação da capitania da Paraíba.

Em janeiro de 1640 defrontaram-se entre Goiana e a ilha de Itamaracá a esquadra de D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, e a holandesa, comandada por Willen Corneliszoon, num combate que seria imortalizado em quatro gravuras de Frans Post.

No dia 24 de abril de 1646, munidas de paus, pedras, panelas, pimenta e água fervente, as mulheres de Tejucopapo, pequeno distrito do município, venceram os holandeses que ameaçavam suas terras e famílias. Evento este conhecido e retratado em filme denominado de "Epopéia das Heroínas de Tejucopapo", que no último domingo de abril é recontada através de uma encenação teatral ao ar livre no marco histórico pelo Clube das Mães. A encenação mostra a vida de mulheres que lutaram contra os invasores e contra o preconceito.

O maior orgulho do povo de Goiana em sua história é que sempre lutou por liberdade, tendo participado ativamente da Revolução Pernambucana (1817), da Revolução Goianense (1825), da confederação do Equador (1824) e na batalha das "Heroínas de Tejucopapo", citado acima. Elevada à categoria de vila em 15 de janeiro de 1685, ganhou foros de cidade em 5 de maio de 1840 e de sede de município em 3 de agosto de 1892. Seu 1º Prefeito foi o Dr. Belarmino Correia de Oliveira.

A cidade foi incluída na Região Metropolitana de Recife em 23 de Março de 2007.

Em meio a escravos se rebelando e fazendo revoluções almejando o fim da escravidão pelo Brasil, acabou se criando em Goiana um clube abolicionista chamado O Terpsicore, que buscava levantar fundos para a libertação dos escravos. Havia também o Clube do Cupim, cujo objetivo era "roubar" escravos de seus senhores e enviá-los ao Ceará, onde não havia escravos por força da lei.

Em Goiana a abolição foi levada a cabo de maneira mais prática, pois deixaram a burocracia de lado. Basílio Machado, um sapateiro abolicionista, infiltrava-se nos engenhos pedindo para trabalhar em qualquer função, como Capitão do Mato, por exemplo. Ao ganhar a confiança do senhor, elaborava um plano para fugir com os escravos e escondê-los na Olaria de José Pires Vergueiro que se encarregava de enviá-los para o Ceará. A campanha abolicionista em Goiana tinha o apoio da população em geral e foi um dos quartéis general na luta pela liberdade dos negros. A cidade acabou sendo pioneira em libertar seus escravos mesmo com o número enorme de engenhos que possuía.

O surgimento de Goiana é um mistério que permanece nas mentes das pessoas até os dias atuais. Sabe-se que muito antes da chegada dos portugueses ao Brasil, Goiana já era habitada por indígenas. Inúmeros historiadores defendem seus estudos e com isso, nasce uma diversidade de teorias.

Os caminhos que Goiana percorreu até se tornar uma cidade...

A história mais aceita sobre a origem de Goiana é a de que a cidade surgiu quando Diogo Dias ganhou e fundou o Engenho Recuzaém. Mas existe ainda a de que em 1501 com a finalidade de explorar a costa brasileira expedições portuguesas já tinham aportado o litoral goianense em uma praia, hoje denominada Pontas de Pedra. E ainda existe a tese de que a primeira povoação de Goiana esteve no Engenho Japumim.

Visita de Dom Pedro II

Em Goiana já havia anoitecido naquele dia cinco de dezembro do ano de 1859. Chegava em suas terras Dom Pedro II, imperador do Brasil, para pernoitar no Engenho Itapirema depois de ter visitado Recife e seus arredores. No dia seguinte, ainda de madrugada e com o tempo chuvoso, partiu para visitar o Engenho Bujari. Ainda no mesmo dia, chegou à Goiana acompanhado por uma comitiva com quase quinhentos cavaleiros.

Na véspera todos os preparativos tinham sido realizados para receber o monarca a contento. O que havia de melhor nos engenhos foi trazido para o sobrado onde ele se hospedou. Vieram pessoas de todas as regiões circunvizinhas e a cidade estava empolgada com a visita real. Dom Pedro II conheceu as Igrejas e encantou-se com a beleza do Cruzeiro do Carmo, no centro da cidade.

Ele chegou a visitar também o Hospital, as repartições públicas, as escolas e elogiou o avanço dos alunos no latim. Mais tarde ainda participou de solenidade na Igreja da Matriz, onde escutou a Banda Curica e Banda Saboeira à porta, depois seguiu para o Tanquinho para ver como era feito o abastecimento de água da cidade e considerou a situação do porto fluvial aproveitando para discutir melhoramentos.

Heroínas de Tejucopapo

Em 1646, o ano do acontecimento, o distrito possuía apenas uma rua larga, quase uma praça, ladeada por casas simples, destacando-se ao final dela a Igreja de São Lourenço de Tejucopapo, de arquitetura jesuítica, como acontecia com as igrejas erguidas no início da colonização. Mesmo não se conhecendo com exatidão a data real de sua construção, os indícios existentes remontam a meados do século 16, sabendo-se, com segurança, que em 1630 ela já existia.

Naquele ano os holandeses já haviam praticamente perdido o domínio que durante algum tempo mantiveram sobre quase todo o território pernambucano, e como se encontravam cercados e necessitando desesperadamente de alimentos, cerca de 600 deles, saídos por mar do forte Orange, na ilha de Itamaracá, sob o comandado do almirante

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****02**

Lichthant, tentaram ocupar Tejucupapo, onde esperavam encontrar a farinha de mandioca e o caju que as circunstâncias do momento haviam transformado em produtos pelo qual valia a pena arriscar-se em combate. Segundo os historiadores, eles escolheram justamente o domingo para realizar a investida porque era nesse dia que os homens do vilarejo costumavam ir ao Recife, a cavalo, para vender nas feiras da capital os produtos da pesca. Sendo assim, a localidade estaria menos protegida, acreditavam os holandeses.

Mas foram frustrados em sua intenção porque, segundo alguns relatos, a informação de que se aproximavam iniciou a reação da pequena e valente população local, que tendo à frente quatro mulheres - Maria Camarão, Maria Quitéria, Maria Clara e Joaquina - lutou bravamente contra os invasores, enquanto os poucos homens que haviam permanecido na localidade ocupavam-se em emboscar os assaltantes, atacando-os à bala e não lhes dando sossego. Os registros informam que elas ferveram água em tachos e panelas de barro, acrescentaram pimenta, e escondidas nas trincheiras que haviam cavado, atacavam os holandeses com a mistura jamais esperada por eles. Seus olhos eram os principais alvos, e a surpresa o melhor ataque. Como saldo da escaramuça, mais de 300 cadáveres ficaram espalhados pelo vilarejo, sobretudo flamengos. A batalha durou horas, mas naquele 24 de abril de 1646 as mulheres guerreiras do Tejucopapo saíram vitoriosas.

A pesquisa arqueológica permitiu a recuperação do perímetro do fosso e a identificação da localização da paliçada que o cercava. No local do confronto há um obelisco (na ilustração, vestígio de um baluarte e de trecho do fosso que circundava a fortificação) implantado pelo Instituto Arqueológico. Sobre o fato histórico foram feitos os filmes "Tejucupapo" e "Epopéia das Heroínas de Tejucupapo". Atualmente, o seu território é formado pelos distritos Sede, Pontas de Pedra e Tejucupapo. Em Goiana o Cavalo-Marinheiro é mencionado, mas está como memória, grupo do Mestre Preá.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS**Goiana**

Casa de Ademar Tavares - Rua do Rei; Edifício Sede da Fraternidade Maçonaria de Goiana; Cine Teatro Politeama; Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos; Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; Igreja de Nossa Senhora da Conceição; Igreja de Nossa Senhora do Amparo; Igreja e Convento da Soledade Convento de Santo Alberto; Igreja Conventual, Ordem Terceira e Cruzeiro; Ruínas da Capela de Nossa Senhora do Rosário São Lourenço; Capela de Santana - Carne de Vaca; Capela de Santo Antônio Usina Maravilha; Igreja de Nossa Senhora do Ó; Igreja de Nossa Senhora dos Milagres; Igreja de Santana; Igreja de Santa Terezinha da Ordem 3ª do Carmo; Capela de Nossa Senhora da Penha - Barra de Catuama; Capela de Nossa Senhora do Ó - Vila de Ponta de Pedras; Capela de Santo Antônio - Catuama; Capela de São Benedito de Atapuz; Capela de Nossa Senhora do Rosário - Tejucupapo; Casario da Rua do Rio; Casario Sede; Vila Operária; Povoado de Catuama; Igreja de Santana - Engenho Miranda; Engenho Uruaé; Capela do Engenho Bujari; Casa-grande, capela e moita do Engenho; Casa-grande do Engenho Megaó de Baixo; Capela de Santo Antônio do Engenho Novo; Praia de Catuama; Praia de Carne de Vaca; Praia de Ponta de Pedras; Praia da Barra de Catuama; Praia de Atapuz; Ilha do Celeiro; Rio Goiana (proteção ambiental); Rio Magaó (proteção ambiental); Rio Itapessoca (proteção ambiental); Canal de Santa Cruz (proteção ambiental).

Macaparana

Prédio da Prefeitura; Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo; Igreja de Nossa Senhora das Dores, Capela São Sebastião - Sítio Ribeiro; Capela de Nossa Senhora da Conceição - Distrito de Poço Comprido; Capela de São Sebastião - Sítio Pau D'arco; Capela de Nossa Senhora de Lourdes - Usina, Capela de Nossa Senhora de Fátima - Vila Paquevira; Capela de Nossa Senhora da Conceição Distrito de Pirauá, Capela São Severino Ramos - Sítio Urucu; Capela de Santo Antônio - Lagoa Grande; Capela do Menino Deus - Sítio Pá-Seca; Capela do Engenho Monte Alegre; Casa-grande do Engenho Monte Alegre; Casa-grande do Engenho Macapá Velho; Casa-grande do Engenho Recanto; Casa-grande do Engenho Bonito; Casa-grande do Engenho Balanço; Casa-grande do Engenho Macapazinho; Casa-grande do Engenho União; Casa-grande do Engenho Três Poços; Casa-grande do Engenho Tanque das Flores; Casa-grande do Engenho Diligência, Casa-grande do Engenho Lagoa Dantas; Casa-grande do Engenho Conceição; Casa-grande do Engenho Cipó Branco; Cachoeira Cumaru.

Fonte:

http://www.mapacultural.pe.gov.br/inicial/livros/cartilha_mata_norte_2010.pdf

<http://www.goiania.go.gov.br/site/index.html>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****02****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE**

Quem financiava os lugares para as brincadeiras eram os donos, na época do mestre Preá e Zé Camelo as brincadeiras aconteciam na Rua Timbaúba/Goiana e nos sítios da Onça e Sítio novo em Macaparana respectivamente.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

Geralmente ocorre no ciclo natalino que está compreendido entre os meses de Dezembro e Janeiro. Festas durante o ano em meses variados aos sábados financiados pelos donos da brincadeira.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

José Galdino Figueiredo, conhecido como Mestre Preá, mestre do Cavalo-Marinho e de Pastoril na cidade de Goiana (PE). O pai trabalhava na Usina Boa Vista, a mãe trabalhava em casa. Começou a trabalhar com 16 anos de idade na enxada e depois de cozinheiro no Engenho Santa Elia. Nesse engenho ele comia na pá, nem prato tinha. A comida levava de casa: um pedacinho de charque, farinha. Recebia no dia de sábado à tarde. E não tinha nada de revoltas, porque se não descia o cacete. Depois da lavoura foi trabalhar na fábrica de Tecido de Goiana, vendia bebida e tinha jogo também. Hoje ele é aposentado, conseguiu pela idade. A vida na brincadeira começou com o Maracatu Cambinda Nova, depois veio o Pastoril e o Cavalo-Marinho. A história do Cavalo-Marinho de Goiana ele tem todo na cabeça, o primeiro foi do Seu Nuzia, depois, Mané de Lino, terceiro Juventino, quarto, Seu Miguel e o quinto foi o dele. O seu Cavalo-Marinho acontecia na rua Timbaúba, onde nasceu e cresceu. Lá também fez pastoril, cujas toadas lembra todas e canta. Mas Cavalo-Marinho é sua paixão.

Na atualidade o mestre Preá é falecido, mas sua esposa, dona Ivanete, nos concedeu algumas informações da época que seu Preá tinha Cavalo-Marinho e outros bens como Mamulengo e pastoril. Seu José Galdino foi um conhecido comerciante da Av. Timbaúba - Goiana, tinha bar, possuía várias casas, cabarés e era dono do famoso Forró do Preá. A brincadeira de Cavalo-Marinho acontecia praticamente todos os sábados no local citado acima, financiado por ele, que também mestrava o Cavalo-Marinho, era figureiro e toadeiro. Alguns mestres como seu Araújo e Inácio Lucindo fazem referência ao grande conhecimento da brincadeira que mestre Preá possuía (Parte dessas informações foi concedida por Beatriz Brusantin, em entrevista realizada na residência do senhor Preá em 2006).

Severino Camelo conhecido como Biú Camelo, na atualidade não tem mais Cavalo-Marinho, mas durante quase 40 anos ele atuou em grupos da região em que morava (Sítio da Onça e Sítio Novo). Ele brincava como mestre e figureiro. Nunca saiu da região para brincar em outras cidades, tem uma memória dos grupos que fez parte e descreve quais as particularidades dos grupos da região. Ainda, seu Biú Camelo não fazia parte de outras manifestações, sempre o Cavalo-Marinho que brincava desde criança.

José Claudino de Santana, conhecido respeitosamente entre muitos brincadores do Cavalo-Marinho Mestre Duda Bilau, nasceu no dia 27 de agosto de 1924 e faleceu com 85 anos de idade no dia 6 de agosto de 2010. Quando faleceu, saiu uma notícia no Diário do Pernambuco, na capa da edição do Viver do dia 7 de agosto de 2010. Vários brincadores do Cavalo-Marinho compareceram no enterro, tais como Mestre Araújo, mestre do arco Luiz Miguel e toadeiro e contra-mestre Totonho do Boi do Ouro de Pedras de Fogo, Fábio o filho do Mestre Inácio e primeiro galante do Estrela do Oriente de Camutanga (atualmente de Ferreiros), Mestre Antonio Teles e Nicinha do Estrela Brilhante, e outros figureiros Zé Mário e Amazonas de Condado. Junto aos três filhos que deixaram de brincar Cavalo-Marinho e os brincadores cantou e dançou várias toadas que o mestre gostava, em torno do tumba do mestre, em destaque a toada "Gameleira".

Duda Bilau começou a brincar Cavalo-Marinho no Engenho Peluri (município do Itambé) no ano 1949. Em 1970, formou seu primeiro grupo de Cavalo-Marinho no Engenho Guarani e no Engenho Gameleira (localizados entre o município de Goiana e Itambé). Nos últimos anos mestrava os galantes no grupo de mestre Inácio Lucindo Ferreiros;

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****02**

na década de 90 no grupo de mestre Araújo do município de Pedras de Fogo (PB) até 2003.

O mestre Duda Bilau era considerado como o melhor e o mais antigo mestre de Cavalo-Marinho da zona da Mata Norte de Pernambuco e Sul da Paraíba, por muitos mestres e brincantes do folgado e por estudiosos da cultura popular. Seu reconhecimento como mestre refere-se não somente ao fato de ter sido o dono de um grupo, mas também ao seu domínio em várias artes dentro da manifestação: encenação, dança e música. Duda Bilau era admirado, ainda, pelo fato de ser dos poucos mestres que ainda recordam figuras e toadas antigas, tornadas raras pela simplificação que os novos estão impondo ao folgado, portanto, um depositário sem par da cultura imaterial da região.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

As transformações que esses grupos sofreram foram efetivamente o fim de suas práticas enquanto folguedos ativos na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Nas entrevistas publicadas ou antigos brincadores dos grupos ou que conheceram alguns dos donos citados como referência, não sabem dizer ao certo o que levou o fim desses grupos de Cavalo-Marinho. No caso do Cavalo-Marinho de Preá de Goiana, sua esposa comentou que seu José Galdino, dono do grupo, ficou muito doente e vendeu os materiais do grupo. Esses objetos como Boi, Cavalo, Roupas e artefatos se dispersaram, não foi repassado para uma única pessoa que daria continuidade ao grupo, por exemplo. Seu Preá como era conhecido, foi um ativo comerciante nesta cidade e desta maneira era ele que financiava o seu grupo e as brincadeiras quinzenalmente na região. Segundo sua esposa, devido também a problemas com bebida ele vendeu alguns de seus bens como casa e o famoso bar e mudou da rua Timbaúba para a localidade de Nova Goiana em Goiana e lá já doente, faleceu.

Em Macaparana o grupo de Biu Camelo acabou ainda na década de 90, segundo seu Biu Camelo, o desinteresse nos mais novos em brincar e o falecimento ou migração de alguns antigos brincadores, se tornaram determinantes para o fim da brincadeira neste local.

Esses grupos permanecem na memória dos atuais brincadores que tiveram contato com os antigos donos e mestres.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Segundo a narrativa dos brincadores, donos e mestres da atualidade o mestre Duda Bilau e Mestre Preá são grandes referências para os mais novos. Estão vivos ainda na memória desses homens que conviveram com os mestres citados acima.

Desta maneira, para quem assistiu brincadeiras do mestre Preá, por exemplo, afirma que o grupo de Cavalo-Marinho Boi de Ouro do senhor Araújo, esteticamente, sobretudo no quesito toadas e loas foi muito influenciado pelo grupo de Goiana, hoje memória.

No forma e conhecimento de conduzir brincadores, “botar” figuras e “mestrar” um Cavalo-Marinho, a grande influência é o senhor Duda Bilau, sobretudo para os grupos das localidades 1 e 2 deste inventário. É comum ao assistir brincadeiras dos grupos dessas localidades citadas acima e o banco de músicos tocar um toada em homenagem ao mestre Duda Bilau, grande influência até o momento atual para os mestres e novos brincadores.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Década de 90	Fim do grupo de Biu Camelo
Década de 90	Duda Bilau ainda mestra o Cavalo-Marinho de Mestre Araújo
2003	Duda Bilau para de brincar

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****02****10. PRODUTOS PATRIMONIAIS****10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
-----	-----

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
José Galdino Figueiredo	Dono, mestre, figureiro e provedor das brincadeiras.
Severino Camelo conhecido	Figureiro

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	As brincadeiras de José Galdino – Mestre Preá - aconteciam na frente de sua residência na rua Timbaúba no município de Goiana. Seu Preá era o dono do Cavalo-Marinho e ele possuía alguns comércios na localidade, desta forma financiava todas as brincadeiras em sábado quinzenais, além de comida e bebida para os brincadores. Já o senhor Zé Camelo, também dono do Cavalo-Marinho, era o provedor das brincadeiras que aconteciam no sítio da Onça e Sítio novo no município de Macaparana – São Vicente Ferrer.
QUEM PROVÊ	José Galdino Figueiredo; Zé Camelo
FUNÇÃO	As brincadeiras desses grupos e mestres aconteciam na frente de suas residências ou no caso do Cavalo-Marinho de Biu Camelo em Macaparana, no sítio. Geralmente o comércio próximo, uma pequena barraca, era o suporte para os brincadores e espectadores que assistiam com a venda de algumas iguarias e principalmente bebidas alcoólicas como cachaça e em alguns casos cerveja fatores, até certo ponto, primordiais para a duração da brincadeira que durava a noite inteira.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----
DISPONIBILIDADE	-----

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	As comidas e bebidas que se referem à prática do bem, o dono do Cavalo-Marinho quem financia os alimentos. Geralmente a comida é preparada por uma mulher, dona Ivanete, esposa do Mestre Preá quem providenciava o alimento que era servido aos brincadores e músicos durante toda a noite. A bebida, boa parte dela alcoólica, também é servida aos músicos e brincadores e alguns expectadores homem.
QUEM PROVÊ	José Galdino Figueiredo; Zé Camelo
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As comidas geralmente são oferecidas aos brincadores e músicos do Cavalo-Marinho pelo dono do grupo. Os brincadores se concentram cedo na residência do dono do grupo para realizar um lanche ou uma alimentação mais "completa" como um jantar, por exemplo, desta maneira garantindo a energia para o brincador durante uma noite inteira. No caso das bebidas, na sua maioria é oferecido um líquido com teor alcoólico, cachaça, comum na região. Os músicos e alguns figureiros ingerem a bebida no decorrer da noite, mas de certa maneira controlada pelo dono, pois os excessos prejudicavam a dinâmica da brincadeira e terminava só no amanhecer do dia.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	-----
QUEM EXECUTA	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
José Galdino Figueiredo	Mestre Preá era o responsável por guardar todos os instrumentos, indumentárias, objetos, entre outros que pertenciam ao seu Cavalo-Marinho. A sede era sua residência na rua Timbaúba em Goiana. Nos outros dias da semana, ele administrava seus outros empreendimentos como seu bar e o forró do Preá.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☒	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☒	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Ainda não existe associação de Cavalo-Marinho, mas os grupos começaram a conversar para se organizar e fundar uma associação. Este diálogo foi iniciado no final de 2011, por iniciativa de Pedro Salustiano, no encontro de Cavalos-Marinhos que aconteceu na Casa da Rabeca.
--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cavalo-Marinho Boi de Ouro	Localidade 1 / Formas de Expressão - 02

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****02****15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q40 - Questionário de Identificação de Formas de Expressão		
PESQUISADOR(ES)	ROSELY TAVARES		
SUPERVISOR	João Paulo de França		
REDATOR	Rosely Tavares		DATA Fev. 2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F40	03
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Mestres
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não Possui
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

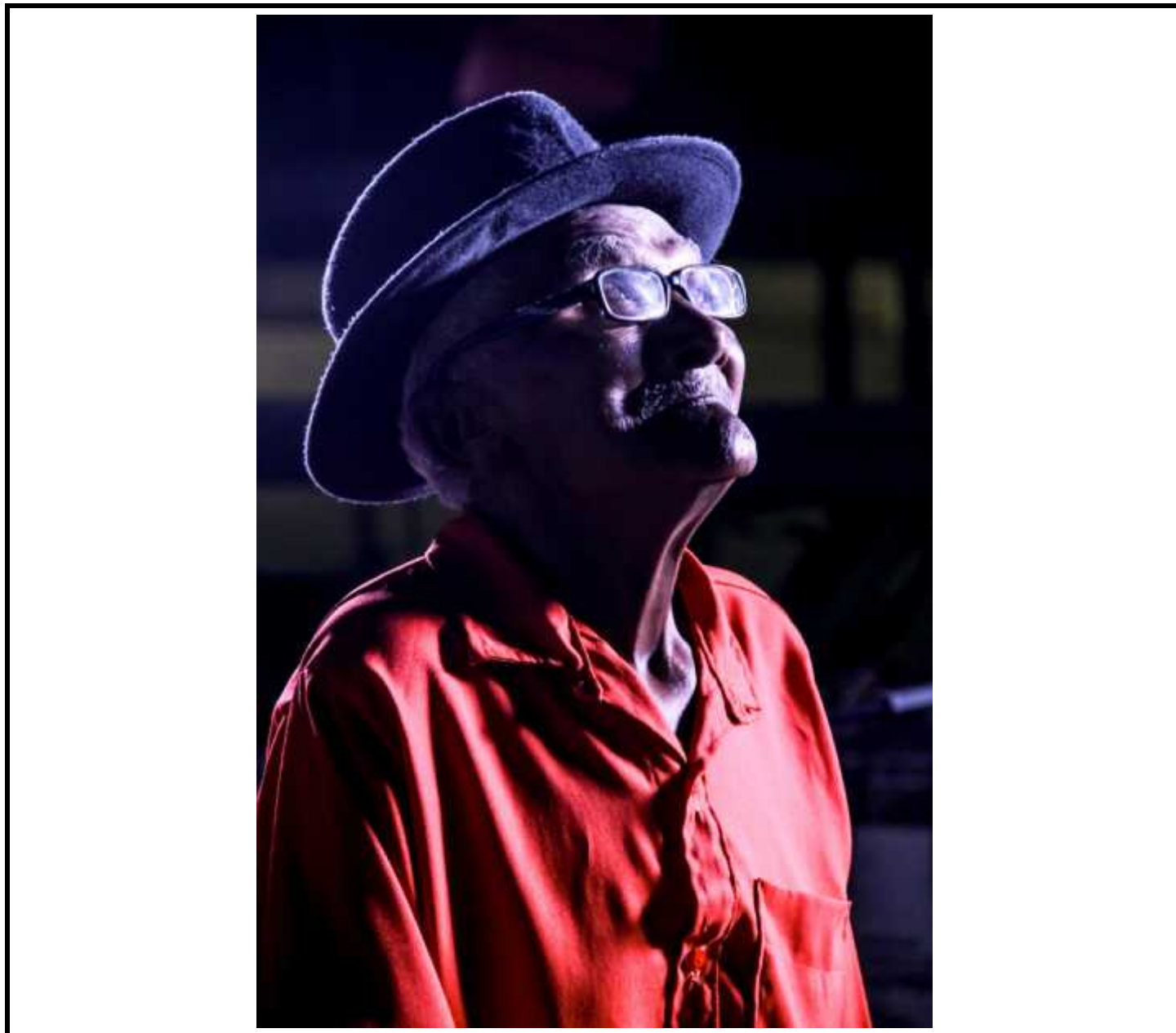
NOME	Mariano Teles Rodrigues	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	31
OCUPAÇÃO	Aposentado	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	17/05/42
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ APRENDIZ ☐ OUTRO	☐ PRODUTOR ☐ VENDEDOR	☐ PÚBLICO ☐ EXECUTANTE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Antônio Manuel Rodrigues	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	17
OCUPAÇÃO	Aposentado rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/02/34
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☒ OUTRO RABEQUEIRO E DONO DE CAVALO-MARINHO		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****03****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

A função de mestre possui grande relevância dentro do cavalo-marinho, assim como em todo contexto da cultura popular de tradição oral. É importante, entretanto, distinguir as funções de dono e mestre. O dono é o responsável pelos contratos das brincadeiras, sendo também o detentor dos instrumentos, indumentárias e demais acessórios de um grupo. O mestre, por sua vez, é o líder do cavalo-marinho, a grande referência de um grupo nos seus aspectos artísticos e simbólicos. As funções de dono e mestre podem ser realizadas por pessoas diferentes ou pela mesma pessoa, como é mais freqüente nos grupos de cavalo-marinho de Pernambuco. O dono de cavalo-marinho pode assumir essa posição ao comprar instrumentos, indumentárias, acessórios e disponibiliza-los aos brincadores, mas o *status* de mestre não pode ser “comprado”. É uma nomeação coletiva, fundamentada na experiência e vivência do indivíduo dentro do universo do cavalo-marinho. O mestre pode dirigir o cavalo-marinho assumindo a figura do capitão, posicionando-se ao lado do banco e recebendo as figuras durante uma noite de brincadeira, embora essa função não lhe seja obrigatória, podendo dirigir a brincadeira mesmo sem participar diretamente dela. Duas atribuições são fundamentais para um mestre de cavalo-marinho. A primeira delas é o conhecimento. Segundo mestre Antônio Teles, o que qualifica uma pessoa a ser mestre é a “sabedoria”, que envolve não só a compreensão, mas a capacidade de execução dos mais diversos elementos artísticos do folguedo. Antônio Teles se tornou mestre ainda jovem. O ato de puxar os arcos e “fazer tudo no cavalo-marinho”, mostrando conhecimento e desenvoltura nos mais diversos aspectos da brincadeira, levou as pessoas a lhe chamar de mestre. Para seu irmão, mestre Mariano Teles, o mestre precisa ter conhecimento, mas também responsabilidade para com o cavalo-marinho e seus brincadores, estando sempre atento a ensinar, corrigir e intermediar as relações internas do grupo. Ele assumiu a função de mestre após a desativação do cavalo-marinho de Batista em função do falecimento de seu dono. Foi a sua iniciativa de reativar o grupo e de restaurar suas indumentárias e acessórios que levaram as pessoas a lhe chamar de mestre.

“E aí o cavalo-marinho ficou parado, abandonado. Aí eu fui buscar as coisas que estavam acabadas e eu reformei as coisas do cavalo-marinho. Aí eu refiz as espadas, os arcos, as máscaras, o boi, as roupas. No fim sobrou pra mim pra mestrear o cavalo-marinho até a data de hoje” (Mariano Teles, 2012).

Em ambos os casos, o status de mestre não foi adquirido a partir de uma aut nomeação, mas a partir de uma nomeação coletiva em função do conhecimento, experiência e da responsabilidade assumida diante da tradição do cavalo-marinho.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Os locais físicos de atuação dos mestres são diversos: sua residência (onde ele recebe os brincadores e pesquisadores que lhe procuram para aprender sobre o folguedo e fazer entrevistas), a sede (onde ele organiza ensaios e reuniões) ou mesmo durante as brincadeiras, onde ele se posiciona ao lado do banco para coordenar, dirigir e orientar os brincadores durante a performance.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

As sedes dos grupos de cavalo-marinho são locais onde os mestres exercem sua liderança durante os ensaios, preparativos para as brincadeiras, reuniões e assumindo a responsabilidade quanto à utilização, administração e preservação do espaço.

Nas localidades 1 e 2 podemos encontrar as seguintes sedes:

Espaço Tradições Culturais (sede do cavalo-marinho Estrela Brilhante e Estrelas do Amanhã) em Condado

Sede do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro em Condado

Casa e Biblioteca de Mestre Batista (sede do Cavalo-Marinho Mestre Batista) em Chã de Camará.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****03****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE**

Antes do início da brincadeira, geralmente é o mestre que determina o local onde o grupo irá brincar. Sendo o principal responsável pela realização do cavalo-marinho em um determinado espaço, é o mestre que delega funções para os demais brincadores quando às atividades de limpeza e colocação da iluminação no local onde se posicionará o banco e a roda do cavalo-marinho.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

As atividades do mestre se estendem durante todo ano, especialmente nos períodos em que a brincadeira ocorre com maior frequência. Suas atribuições de liderança são permanentes enquanto ele mantém sua função de mestre.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA**Mestre Antonio Teles**

Nasceu pelas mãos da parteira local Severina Breda no engenho Caité, município de Aliança, Pernambuco, às quinze horas do dia 13 de fevereiro de 1934. Seu pai era o trabalhador rural Manuel Teles Rodrigues, e sua mãe, Severina Ferreira do Carmo, dedicava-se aos cuidados com a casa e a criação dos filhos. Foi batizado por seu padrinho como Antonio Manuel Rodrigues, mas desde cedo passou a ser chamado por Antonio Teles, o mesmo sobrenome pelo qual era conhecido seu pai na comunidade. Começou a trabalhar desde os dez anos com seu pai na roça e tangendo o gado. Com uma rotina de trabalho tão intensa, Antonio Teles não teve oportunidade para brincar e nem estudar durante sua infância, encontrando no Cavalo-Marinho um espaço de vivência lúdica, de descoberta de novas possibilidades de expressão e de desenvolvimento pessoal. Esse fato ressalta a importância do brinquedo popular no sentido de atender às necessidades de entretenimento e de auto-expressão, pois, no seio das comunidades rurais, normalmente as pessoas são submetidas desde cedo a uma vida de muito trabalho, pouca remuneração, a ausência de condições básicas de saneamento, educação, saúde, conforto e lazer.

Aos 12 anos, Antônio Teles anos foi chamado para brincar de Mateus no Cavalo-Marinho de Demézio e este lhe ensinou a colocar *figura*. Antonio Teles, por sua vez, convidou seu primo Zé Dionísio para brincar de Bastião, e juntos formaram uma “pareia” e iniciaram suas trajetórias de *brincadores* neste grupo do engenho Caité.

Antônio Teles brincou de Mateus por três anos no Cavalo-Marinho de Demézio, e aos 15 anos passou a brincar de galante. Depois de certo tempo começou a cantar no *banco*. A partir desse momento fortalece sua ligação com a música do Cavalo-Marinho. A primeira rabeça foi comprada em sociedade com seu irmão Luís, depois Antonio Teles vende sua parte na sociedade e fica sem rabeça por um tempo, mas não sem interesse em aprender a tocá-la. Músico de grande sensibilidade, autodidata, aprendeu a tocar a partir da observação de outros rabequeiros e de sua participação na *brincadeira* do Cavalo-Marinho.

Daí em diante, ele continuou a brincar no Cavalo-Marinho de Demézio, mas também começou a se interessar em conhecer outros grupos existentes nos engenhos da região.

Em 1964, passou a brincar no Cavalo-Marinho de Domício Pedro no engenho Natal (Aliança) já atuando como rabequeiro. Neste grupo brincou por apenas três anos, porque o próprio Domício foi chamado para brincar de mestre no Cavalo-Marinho de Batista em Chã de Camará, Aliança. Em 1975, fixou residência em Condado. Conforme seus relatos, a partir dessa mudança ele se integra no cavalo de Memézio (filho de Demézio), neste grupo brincou por onze anos. Posteriormente, passou a ser o rabequeiro do Cavalo-Marinho de Biu Alexandre e atuou neste Cavalo-Marinho por vinte e cinco anos.

Desde 1987 trabalha como fiscal da federação terreiro de umbanda São Jorge, adepto da jurema, uma vez que desde os 21 anos começou a desenvolver-se espiritualmente, e a sua religiosidade afro-ameríndia se estendeu também para dentro do Cavalo-Marinho manifestando-se expressivamente através da figura do caboclo de Arubá, uma figura

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****03**

especial por sua canalização de forças espirituais e que o mestre Antonio Teles tantas vezes as incorporou na brincadeira do Cavalo-Marinho.

Em 2004 finalmente conseguiu realizar o sonho de fundar o seu próprio Cavalo-Marinho, que se concretizou mediante o apoio primordial de sua filha Nice Teles.

Mestre Mariano Teles

Mariano Teles Rodrigues nasceu na cidade de Aliança, no dia 17 de maio de 1942. Desde sua infância, passou a ter contato com o cavalo-marinho a partir da vivência familiar, uma vez que ele assistia às brincadeiras em que seu irmão mais velho, Luiz Rodrigues, tocava rabeca e colocava a figura do Mateus. A partir de suas observações, ele passou a aprender a brincadeira e seu conteúdo artístico. Depois de participar durante longos anos de alguns grupos de cavalo-marinho, ele conheceu o cavalo-marinho de Batista, que lhe causou grande impressão pela qualidade com que esse grupo brincava. Por intermédio de seu irmão mais velho, ele apresentou-se a Batista, afirmando que queria brincar no seu cavalo-marinho. Desde então, Mariano Teles passou a fazer parte desse grupo, aprendendo de maneira mais intensa a brincadeira a partir do contato com Batista e com outros brincadores experientes.

Entretanto, com a morte de Batista, em 1991, o cavalo-marinho ficou desativado durante algum tempo. Com isso, Mariano Teles tomou a iniciativa de restaurar as máscaras, os bichos, os artefatos e as indumentárias que já se encontravam em estado de deterioração. Essa iniciativa conferiu à Mariano Teles a responsabilidade não só de tomar conta do material do grupo, mas assumir a liderança artística do cavalo-marinho, o que lhe garantiu o *status* de mestre, função que ele mantém até hoje.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES****Origens e sentidos**

Não é possível precisar as origens da função de mestre dentro do cavalo-marinho. Entretanto, sua função é de primordial importância, pois ele é o grande responsável pela condução artística de um grupo, e pela transmissão dos mais diversos saberes que envolvem o cavalo-marinho. É muito comum o mestre deixar suas marcas estéticas, ideológicas e comportamentais em um grupo de cavalo-marinho e nos seus componentes.

Transformações

Segundo os mestres de cavalo-marinho, a definição dessa função antigamente era mais criteriosa, fundamentada na vivência, experiência, responsabilidade e conhecimento do indivíduo. Eles afirmam que não é qualquer um que pode ser mestre de cavalo-marinho, mas que hoje *“quem não sabe de nada já é chamada de mestre. Basta puxar os arcos já é chamado: mestre, mestre. E aí vai deixando os mestres pra trás”* (mestre Antônio Teles). A partir desse discurso de mestre Antônio Teles e de outros mestres e brincadores, pode-se constatar muitos conflitos em torno da qualificação de uma pessoa enquanto mestre de cavalo-marinho. Se no passado, o *status* de mestre era uma nomeação exclusivamente interna entre os próprios brincadores, atualmente ela pode ocorrer de fora para dentro, a partir da influência de pesquisadores externos, que pode atribuir a função de mestre a um indivíduo, e esse discurso ser posteriormente incorporado pelos próprios brincadores.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****13****F40****03****9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES****Sobre as atribuições e qualificações do mestre de cavalo-marinho.**

“O mestre tem de ser uma pessoa competente, ter boa atenção, reparar o que é que faz pra não dar muito erro, se ligar bem pra fazer o que o cavalo-marinho merece, ensinar e explicar o modo geral de seguir o cavalo-marinho” (mestre Mariano Teles)

“Eu me tornei mestre de cavalo-marinho uma vez que procurei e não encontrei um mestre pra tomar conta desse cavalo-marinho. E o meu diploma foi me empenhar nele e me responsabilizar pro ato de tomar conta do cavalo-marinho e ser o mestre” (mestre Mariano Teles).

Para ser mestre de cavalo-marinho é preciso “ter sabedoria. Entender as coisas de cavalo-marinho. Conhecer tudo” (mestre Antônio Teles).

O mestre possui grande importância e representatividade para o cavalo-marinho e seus brincadores, pois ele é o grande detentor dos conhecimentos artísticos e simbólicos do folguedo e seu principal transmissor para as novas gerações, garantindo a continuidade das tradições associadas ao cavalo-marinho. Ele também assume uma posição de liderança social, não só dentro do grupo, mas na comunidade ao qual o grupo está inserido, resolvendo conflitos e mediando relações e dando conselhos aos que o procuram.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1934	Nascimento do mestre Antônio Teles no engenho Caité em Aliança.
1942	Nascimento do mestre Mariano Teles no engenho Marimbondo em Aliança.
1946	Mestre Antônio Teles passa a integrar o cavalo-marinho de Demézio
1964	Mestre Antônio Teles começa a atuar como rabequeiro no cavalo-marinho de Domício Pedro em Aliança
1975	Mestre Antônio Teles fixa residência na cidade de Condado, integrando o grupo de Memézio e posteriormente no cavalo-marinho de Biu Alexandre.
1991	Morte de Batista. Mariano Teles assume a função de mestre do cavalo-marinho em Chã de Camará
2004	Mestre Antônio Teles funda o Cavalo-Marinho Estrela Brilhante.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

O mestre é o grande responsável pelos aspectos estéticos e artísticos de um grupo de cavalo-marinho, sendo o principal detentor de saberes poéticos, coreográficos, cênicos e musicais residentes na sua memória e transmitida dentro de um grupo, contribuindo, dessa forma, para a sobrevivência desse patrimônio cultural.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Aquisição do cavalo-marinho	O mestre pode formar ou “comprar” um cavalo-marinho a partir da aquisição de instrumentos, indumentárias e acessórios necessários à brincadeira.
Intermediação dos contratos	O mestre, caso acumule também a função de dono do cavalo-marinho, é o intermediador entre os brincadores e os órgãos governamentais que contratam os grupos para realizar brincadeiras nas festas municipais ou em pólos culturais da cidade do Recife.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Mestre	Condução artística e liderança pessoal dentro de um grupo de cavalo-marinho.
Dono	É o detentor dos instrumentos, indumentárias e acessórios do cavalo-marinho. Também é o responsável pelos contratos do grupo.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	O cavalo-marinho sempre esteve envolvido com algum tipo de financiamento, e são os mestres ou os donos do cavalo-marinho os responsáveis pelas negociações em torno dos acordos financeiros das brincadeiras. Segundo mestre Antônio Teles, quando as brincadeiras ocorriam nos engenhos, as negociações eram travadas entre o mestre e o “bodegueiro”, ou o dono do jogo de “bozó”. Já no contexto das pequenas cidades da zona da mata norte de Pernambuco, o financiamento inicialmente era feito pelo dono do bar que entrava em acordo com o dono ou mestre do cavalo-marinho quanto à divisão dos lucros do bar obtidos durante a brincadeira. Atualmente os financiamentos para a ocorrência das brincadeiras é feito pelas prefeituras locais, ou mesmo por órgãos culturais como a FUNDARPE que entram em contato com o mestre ou dono do cavalo-marinho para estabelecer acordos quanto ao local, duração e valores financeiros das apresentações.
QUEM PROVÊ	Atualmente as prefeituras locais ou órgãos culturais como a FUNDARPE.
FUNÇÃO	Realização de brincadeiras

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Apito
QUEM PROVÊ	O próprio mestre ou o grupo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Dirigir a brincadeira, nos seus aspectos musicais (marcando o início e o final das toadas), cênicos (chamando e despedindo as figuras da roda), coreográfico (indicando o início e o fim das danças, bem como mudanças nas evoluções coreográficas) e poéticas (convocando figuras e galantes para a recitação das loas). O apito também é utilizado pelo mestre para correções ou chamar a atenção de algum brincador ou do grupo como um todo.
DISPONIBILIDADE	Os apitos são facilmente adquiridos comercialmente.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE 01 00 13 F40 03****10.6. COMIDAS E BEBIDAS**

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	O mestre pode atuar como figureiro, utilizando alguns artefatos associados às figuras que ele coloca. É o caso do mestre Biu Alexandre que utiliza a preaca quando coloca a figura do Caboclo de Arubá, ou quando o mestre Antônio Teles utiliza a espada quando coloca a figura do Valentão. Os mestres podem utilizar tantos objetos cênicos quanto necessário, de acordo com as figuras que eles eventualmente possam colocar durante uma brincadeira.
QUEM PROVÊ	Os artefatos geralmente são de posse do grupo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Função cênica.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	O mestre usa um figurino especial quando assume a função de Capitão durante a dança dos arcos: camisa branca de manga comprida e calça do mesmo tom, um paletó branco com alguns babados, uma gola bordada e por vezes um lenço também branco. O chapéu é feito de napa coberto por tecido (laquê ou veludo), enfeitado por miçangas, lantejoulas e pedrarias que são fixadas com cola e/ou costura.
QUEM PROVÊ	O grupo
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A indumentária do Capitão tem a função de diferenciá-lo das demais figuras do cavalo-marinho, dando-lhe um aspecto de autoridade.

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	Além de delimitar com seu apito o início e final das danças no cavalo-marinho, o mestre pode atuar e coordenar simultaneamente a danças dos arcos. Nesta ocasião, os galantes dançam com arcos enfeitados de fitas coloridas, fazendo evoluções sob o comando do mestre que indica os movimentos e as direções com os braços e o apito.
QUEM EXECUTA	Mestre e galantes
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Produzir efeitos de movimento e cores.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Embora o pandeirista seja o grande responsável por “puxar” as toadas, o mestre também pode exercer essa função, especialmente nas toadas de caráter mais solene e religioso, como ocorre com a toada da estrela (em homenagem aos santos reis do Oriente) e a toada do boi (onde misticamente o boi morre e ressuscita).
------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

QUEM PROVÊ	Mestre
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Devoção e elevação mística.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	O mestre também pode atuar como componente do banco tocando algum instrumento e cantando as toadas, como ocorre com o mestre Antônio Teles, que além de dirigir o seu brinquedo, exercendo sua função de mestre, também pode atuar como rabequeiro.
QUEM PROVÊ	Os instrumentos eventualmente tocados pelos mestres podem ser do grupo ou do próprio mestre.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Execução musical.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Mestre	Após a brincadeira, o mestre pode assumir a responsabilidade de coordenar a organização dos materiais utilizados na brincadeira (instrumentos musicais, artefatos, indumentárias), resolver os acordos financeiros com as pessoas ou instituições que contrataram o seu grupo ou mesmo tratar de qualquer problema interno que eventualmente ocorreu durante a brincadeira.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☐ TROCA ☐ OUTRO ☒		ESPECIFICAR	Embora o cavalo-marinho seja uma forma de ludicidade e devoção, é como a sua realização remunerada por meio de contratos com pessoas ou instituições ligadas à órgãos públicos, tornando-se uma fonte de renda alternativa para os brincadores.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☒		
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Ainda não existe associação de Cavalo-Marinho, mas os grupos começaram a conversar para se organizar e fundar uma associação. Este diálogo foi iniciado no final de 2011, por iniciativa de Pedro Salustiano, no encontro de Cavalos-Marinhos que aconteceu na Casa da Rabeca.
--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Banco de Músicos	Localidade 1 / Formas de Expressão - 01 Localidade 2 / Formas de Expressão - 01 Localidade 3 / Formas de Expressão - 01
Toadas	Localidade 1 / Formas de Expressão - 09 Localidade 2 / Formas de Expressão - 14 Localidade 3 / Formas de Expressão - 10
Figuras	Localidade 1 / Formas de Expressão - 06 Localidade 2 / Formas de Expressão - 11 Localidade 3 / Formas de Expressão - 07
Modos de Fazer Artefatos	Localidade 1 / Ofícios e Modos de Fazer - 01 Localidade 2 / Ofícios e Modos de Fazer - 01 Localidade 3 / Ofícios e Modos de Fazer - 01
Lôas	Localidade 1 / Formas de Expressão - 07 Localidade 2 / Formas de Expressão - 12 Localidade 3 / Formas de Expressão - 08

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2 – Registro Nº 49

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	00	13	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q40 - Questionário de Identificação de Formas de Expressão		
PESQUISADOR(ES)	PAULO HENRIQUE LOPES DE ALCÂNTARA		
SUPERVISOR	João Paulo de França		
REDATOR	Paulo Henrique Lopes de Alcântara		DATA Fev. 2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

Sítio
Ficha de Identificação
(F50)



INRC DO CAVALO-MARINHO
Inventário Nacional de Referências Culturais

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F50	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Casa da Cultura
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não possui
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	00	13	F50	01
---------------------------------	----	----	----	----	-----	----

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A casa da cultura de Pernambuco está localizada às margens do Rio Capibaribe. Este espaço é o maior pólo de comercialização de artesanato do Recife e um dos cartões postais do estado, também é um lugar de prática para as manifestações culturais do Estado do Pernambuco e cidades do interior, sobretudo Zona da Mata. O imponente prédio onde está instalada foi construído para abrigar a antiga Casa de Detenção do Recife, que permaneceu por mais de um século como a mais importante penitenciária de Pernambuco. Hoje, as antigas celas são ocupadas por lojas, associações culturais e lanchonetes. A Casa conta ainda com teatro e anfiteatro que acolhem ações formativas e espetáculos de teatro, música e danças promovidas ou apoiadas pelo Governo do Estado através da Fundarpe.

Inaugurada no dia 25 de abril de 1855, a antiga Casa de Detenção do Recife é uma das maiores edificações do século XIX, localizada próxima a duas expressivas obras desse século: a Estação Ferroviária do Recife e a Ponte 6 de Março (mais conhecida como a Ponte Velha). O projeto original é de autoria do engenheiro e urbanista José Mamede Alves Ferreira, responsável por outras obras importantes na cidade, como o Hospital Pedro II e o Ginásio Pernambucano. A construção de Mamede segue o modelo "panopticon", obedecendo aos padrões tradicionais de segurança das penitenciárias da época.

Após funcionar 118 anos como presídio, em 1973 o então governador Eraldo Gueiros Leite determinou o fechamento da Casa de Detenção do Recife. No mesmo ano, um plano de restauração do edifício foi elaborado e a partir de 1976 o prédio passou a ser conhecido como Casa da Cultura de Pernambuco. Essa mudança de penitenciária para centro cultural havia sido idealizada e planejada cerca de dez anos antes, pelo artista plástico Francisco Brennand, na época, chefe da Casa Civil do Governo do Estado. Convidados por Brennand, a arquiteta ítalo-brasileira Lina Bardi e o arquiteto Jorge Martins Júnior foram os responsáveis pela elaboração do projeto de renovação e adequação do edifício.

Hoje, a Casa da Cultura é visita obrigatória de todos os turistas que chegam ao Estado. E ao chegarem à Casa ficam deslumbrados com a variedade imensa do artesanato que vem de mais de 149 municípios.

As antigas celas - que também abrigaram personalidades como: Antonio Silvino, Gregório Bezerra, Paulo Cavalcanti, Graciliano Ramos, entre outros - foram transformadas em 150 lojas de artesanato, livrarias e lanchonetes – apenas uma, no raio leste, permanece exatamente como foi deixada pelos presos - e o pátio externo além de ter sido transformado em uma área para shows e manifestações populares e folclóricas também possui uma praça de alimentação a qual oferece as iguarias típicas da região: pamonha, canjica, tapioca, acarajé, água de coco, entre outras. A cultura gastronômica ainda tem seu espaço em um restaurante no raio sul que serve os principais pratos da culinária local: charque, arrumadinho, buchada, entre outros.

O local é o maior Centro da Cultura e Arte Pernambucana abrigando artesanato de todo o Estado, do litoral ao sertão. Peças em barro ou cerâmica na arte figurativa de Mestre Vitalino: desde bonecas, jogos de xadrez, jogos de damas, bumba-meu-boi, maracatu, frevo, até anjos e presépios etc. imagens sacras em terracota e santos em madeira, peças exclusivas em couro: bolsas, sandálias, chapéus e bordados em geral para cama, mesa e banho, confecções finas em renda renascença, confecções em algodão natural, e redes, mantas, cortinas, almofadas, artigos em fuxico, e retalhos, rendas em filé, xilogravuras, camisetas bordadas, moda praia, em biquínis, cangas, sandálias, e galeias de artes plásticas, quadros naiff, imãs de geladeira, chaveiros, e muitas lembranças de Recife e de Pernambuco. Ah! temos também o tradicional bolo-de-roló, hoje Patrimônio Imaterial do Estado (2008), castanhas e passas de caju, a rapadura de alfinis, o saboroso mel de engenho, a cachaça pernambucana, nossas lanchonetes, a comida típica e... lembrando a tapioca da d. Nicinha e a pamonha e canjica de D. Maria e o acarajé do Baiano. Além da única Livraria especializada em livros da história de Pernambuco e de autores pernambucanos. Venha conhecer a "Fortaleza da Cultura" e comprar arte em artesanatos de primeira qualidade por preços que cabem no seu bolso.

As suas antigas celas além de lojas artesanais também abrigam a única livraria especializada em livros de Pernambuco, Cybercafé, sala de pesquisa e cursos diversos, Teatro, Concha Acústica e Anfiteatro externo, além do Museu do Frevo e ainda várias entidades culturais como o Balé Popular do Recife, a Associação dos Lojistas da Casa da Cultura, Federação de Teatro de Pernambuco, Associação de Capoeira, entre outras, têm suas sedes instaladas na Casa.

Outras ações culturais também são realizadas na Casa da Cultura, sempre ligadas às raízes pernambucanas. A decoração acompanha os ciclos quaresmal, junino, folclórico, assim como os shows e apresentações artísticas.

O prédio passou por uma reforma em 2004 que recuperou a área externa e todas as instalações hidráulicas e elétricas, instalando três novos elevadores panorâmicos – alvo de muita polêmica entre os arquitetos já que alguns acreditavam que isso poderia descaracterizar o projeto arquitetônico original. Foi colocado um painel em cada um dos 3 portais de acesso e outros no saguão central representando a Revolução de 1817 e o martírio de Frei Caneca, primorosa obra pintada pelo pintor pernambucano radicado na França, Cícero Dias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES				PE	01	00	13	F50	01
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

A movimentação na Casa varia com os períodos de baixa estação – quando a média de visitantes fica em torno de 500 a 700 por dia – e os períodos de alta estação – quando a média de visitantes atinge 3000 pessoas por dia. Mas é importante lembrar que sua localização preciosa, no coração de Recife, ao lado da estação de metrô, termina atraindo os transeuntes. Muita gente que trabalha no centro e mora por perto visita a Casa no horário de almoço para relaxar aproveitando o ambiente agradável e fazer amizades.

Fontes:

MURPHY, John. **Performing a moral vision: an ethnography of cavalo marinho**, a Brazilian musical drama. 1994. Tese de Doutorado em Etnomusicologia, Columbia University, New York, 1994.

<http://www.casadacultura.pe.com.br/aCasa.php>

<http://www.fundarpe.pe.gov.br/>

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

A nova Casa de Detenção do Recife, atual casa da cultura do Recife com 8400 m² de área construída e 6000 m² de pátio externo terminou de ser construída em 1867 e seu projeto foi concebido segundo o modelo de penitenciária mais moderno existente na época, na França. Seguindo essa lógica, o edifício, inaugurado em 1855, apresenta o formato de cruz, e é composto por quatro raios correspondentes aos pontos cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste), todos com três pavimentos, que confluem para um saguão central, coberto por uma cúpula metálica – o Mirante.

As suas antigas celas além de lojas artesanais também abrigam a única livraria especializada em livros de Pernambuco, Cybercafé, sala de pesquisa e cursos diversos, Teatro, Concha Acústica e Anfiteatro externo, além do Museu do Frevo e ainda várias entidades culturais como o Balé Popular do Recife, a Associação dos Lojistas da Casa da Cultura, Federação de Teatro de Pernambuco, Associação de Capoeira, entre outras, têm suas sedes instaladas na Casa.

Na área central interna da casa da cultura do Recife, é montado um palco para as apresentações dos folguedos do ciclo natalino de Pernambuco, entre eles o Cavalo-Marinho.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

Esse espaço é um centro de artesanato na cidade do Recife, abrigando também em suas instalações pequenas livrarias e área de alimentação. Na área central no interior do prédio, tem um espaço que foi destinado para apresentações culturais e no período do ciclo natalino no mês de dezembro, a FUNDARPE financia grupos de diversos folguedos para a programação tais como: Pastoril, Reisado, Mamulengo e o Cavalo-Marinho.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O local atualmente é um dos maiores polos comerciais da cidade do Recife. Um centro cultural que possui diversas lojas de artesanato local, mas antes desse espaço ser ressignificado para abrigar um centro comercial, o espaço foi uma casa de detenção e foi considerada a mais importante prisão do Estado de Pernambuco.

Nos dias atuais, além de ser um espaço para a prática do comércio local, ainda é um local para a realização de eventos culturais do Estado de Pernambuco, sobretudo no período do ciclo natalino no mês de dezembro, período em que diversos grupos de Cavalo-Marinho se apresentam. Alguns grupos de Cavalo-Marinho no ano de 2011 tiveram apenas esta oportunidade para brincar e uma possibilidade de reestruturar o próprio grupo que estava em vias de esquecimento, por exemplo o Cavalo-Marinho Boi Coroado que enfrenta dificuldades de manutenção, primeiro porque é Mestre Aicão quem mantém o grupo com sua aposentadoria, depois porque ele é pouco solicitado para brincar. No ano de 2011 ele foi convidado apenas uma única vez: para se apresentar na Casa da Cultura, na semana do Natal, no evento “Luz nos Brinquedos Populares”, organizado pelo Governo do estado, Prefeitura de Recife e Associação dos Maracatus de Baque Solto”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	00	13	F50	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Na década de 1990, Manoel Salustiano Soares conhecido com Mestre Salu, trabalhava na casa da cultura atuando como mediador entre a Casa da cultura do Recife e os grupos de folguedos do interior (zona da mata). Segundo Jonh Murphy, Inácio Lucindo na ocasião, utilizou o patrocínio da festa da Casa da Cultura para solicitar também contratos nas festas de Ferreiros e Condado na Zona da Mata Norte, o que nos faz interpretar que este espaço serviu para legitimar a brincadeira de alguns grupos, inclusive constituindo uma autoridade para o dono do Cavalo-Marinho recorrer às representações municipais para se apresentarem em comemorações das referidas cidades. A casa da Cultura, ressaltando a descrição do pesquisador citado acima, na década de 1990, era o principal lugar para assistir o Cavalo-Marinho sem precisar ir até as cidades da Zona da Mata Norte. Ele identifica que o público era geralmente moradores da localidade (Recife e região metropolitana) que transitavam entre o centro da cidade e a estação do metrô, localizada próximo a Casa da Cultura, pois as brincadeiras aconteciam dia de semana no período da tarde, semelhante ao momento atual (ano 2011 – ver programação no site: <<http://www.nacaocultural.com.br/natal-da-cultura-luz-nos-brinquedos-populares>>) e noite na ocasião das festas de natal. Murphy enfatiza que tinha um palco para um apresentador anunciar os grupos que passariam no local em cada dia e que as apresentações duravam em média 50 a 60 minutos, estabelecidos previamente pela prefeitura do Recife. No dia que Mestre Salustiano estava presente 30 de dezembro de 1990, o Cavalo-Marinho dele, chamado Boi de Pedrinho, foi a mais longa apresentação.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Década de 1990	Apresentações de grupos de Cavalo-Marinho
30 dez. 1990	Presença de Manoel Salustiano ao evento
22 dez. 2012	Brincadeira do Cavalo-Marinho de mestre Aicão

6. USOS ATUAIS**6.1. USOS COTIDIANOS**

Na atualidade os antigos engenhos e as usinas são lugares de memória, as ruas citadas, moradias, e não acontecem mais festas de Cavalo-Marinho.

6.2. USOS CERIMONIAIS**7. BENS ASSOCIADOS**

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cavalo-Marinho Boi Coroado	Localidade 2 / Formas de Expressão - 03
Cavalo-Marinho Boi de Ouro	Localidade 1 / Formas de Expressão - 02
Cavalo-Marinho Boi Tirateima	Localidade 3 / Formas de Expressão - 03
Cavalo-Marinho Estrela do Oriente	Localidade 1 / Formas de Expressão - 03
Cavalo-Marinho Boi Matuto	Localidade 2 / Formas de Expressão - 04
Cavalo-Marinho Estrela Brilhante	Localidade 2 / Formas de Expressão - 07

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	00	13	F50	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Cavalo-Marinho Mestre Batista	Localidade 2 / Formas de Expressão - 06
Cavalo-Marinho Estrela de Ouro	Localidade 2 / Formas de Expressão - 08

1. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

2. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

2.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

2.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

2.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2 – Registro Nº 12

3. OBSERVAÇÕES

3.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

3.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

3.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não há outras observações relevantes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	 	00	13	F50	01
--	-----------	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q50 - Questionário de Identificação de Lugares					
PESQUISADOR(ES)	ROSELY TAVARES					
SUPERVISOR	João Paulo de França					
REDATOR	Rosely Tavares					DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin					Fev. 2013

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F50	02
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Terreiros e Ruas (Memória)
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Engenhos, Usinas, Praças e Ruas
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	00	13	F50	02
---------------------------------	----	----	----	----	-----	----

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAISⁱ

É possível conhecer um pouco mais da história e da prática do Cavalo-Marinho através de alguns lugares de memória como os engenhos, usinas e ruas de diferentes municípios da Zona da Mata Norte de Pernambuco, sobretudo as cidades de Goiana, Nazaré da Mata e Aliança.

O Cavalo-Marinho da zona da mata norte pernambucana está também associado ao cultivo da cana-de-açúcar e, conseqüentemente, aos vários engenhos que formavam a região. O engenho de açúcar era o nome dado às fazendas produtoras de açúcar no período do Brasil Colonial. Este nome era aplicado também à máquina que moía a cana-de-açúcar, bem como a outras instalações envolvidas no processo. Dentro dos engenhos havia também a casa-grande (habitação do senhor de engenho e sua família), a senzala (habitação dos escravos), capela, horta e canavial.

A região acima referenciada foi território de uma população significativa de negros escravos e livres, e muitos destes negros livres eram moradores que viveram nos engenhos em casas cedidas muitas vezes pelo dono da plantação. Surge uma relação de trabalho e trabalhadores como: os que recebiam um roçado de subsistência e em troca trabalhavam vários dias por semana no canavial, e os foreiros, que pagavam pelo uso de pequenas propriedades (sítios) com aluguel em dinheiro. Alguns participantes que brincaram o Cavalo-Marinho (desde o século XIX) e outros que atualmente fazem parte desse folguedo conheceram e vivenciaram essa dinâmica do trabalho.

Esses antigos engenhos na atualidade se traduzem em espaços de memória no que se refere à prática dos brincadores de Cavalo-Marinho. Nos dias atuais, as brincadeiras acontecem em praças públicas em algumas cidades da Zona da Mata Norte como Condado, Goiana, Itambé, Nazaré da Mata, Aliança, entre outras, nos terreiros das casas dos mestres e brincadores e ainda em espaços públicos e privados dos municípios de Recife e Olinda, como exemplo, Casa da Cultura e Casa da Rabeca do Brasil. Nos anos finais do século XIX e primeira metade do XX, essas brincadeiras aconteciam nos terreiros dos engenhos. Os homens cortadores da cana durante a semana, se transformavam em reis, palhaços, capitães, mulheres ou expectadores, nas noites de sábado quando aconteciam as brincadeiras nesses engenhos e só retornavam para suas residências no amanhecer do domingo.

Em nossas observações nas noites de brincadeira de Cavalo-Marinho, analisamos que parte dessa vida cotidiana nos engenhos se traduz em figuras, danças e loas do brinquedo. O rosto dos negros Mateus e Bastião são pintados de carvão; tem ainda a presença do Boi, o bicheiro, entre outros elementos que faziam parte daquele espaço que eram os engenhos na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Usina Maravilha

Situada no município de Goiana, foi fundada em 1889, por Diniz Peryllo de Albuquerque Melo. Era anteriormente um engenho de açúcar, fundado antes da invasão holandesa por Gaspar Pacheco. Confiscado, foi vendido pelos invasores, em 1637, a Hans Wilen Louisen.

Em 1925, foi vendida ao industrial Arthur de Medeiros Carneiro, que também era proprietário do Textifício Santa Maria Ltda – conhecida como a antiga Fábrica do Zumbi, fabricante de sacos de juta para embalar algodão e açúcar, e da Companhia Açucareira de Goiana.

Em 1929, possuía dez propriedades agrícolas, com condições de produzir 100.000 toneladas de cana. A variedade mais cultivada era a cana manteiga. Tinha capacidade para processar 700 toneladas de cana e produzir 10.000 litros de álcool em 22 horas. Na época da moagem trabalhavam na fábrica cerca de 100 operários. Possuía uma ferrovia de 60 quilômetros, 6 locomotivas e 115 vagões e carros e mantinha uma escola com frequência anual de 30 alunos.

A sua produção de açúcar (sacos de 60 Kg) foi de 76.404, na safra de 1933-1934; 173.627, na de 1953-1954; 265.650, em 1963-1964; 486.356, em 1973-1974 e 827.974. Produziu também 285.850 litros de álcool, em 1953-1954 e 410.100, em 1984. Arthur Medeiros Carneiros e seus filhos foram proprietários da usina durante setenta anos.

Na década de 1980, a Nossa Senhora das Maravilhas foi vendida ao Grupo Lundgren e, na década de 1990, passou a ser propriedade do Grupo Andrade Queiroz.

Usina Petribú

Brasil, período colonial, Pernambuco. Aqui, começava a se plantar o futuro do Estado pioneiro na produção de açúcar e da família Petribú.

O nome Petribú vem da palavra Tupi *Potraybú*, que significa “Fonte das Flores”. Esse era o nome de um pequeno riacho afluente do rio Capibaribe na época da colonização brasileira.

Ali perto, no ano de 1710, o Capitão João Cavalcanti de Albuquerque foi nomeado pelo Governador Manoel Alves da Costa ao posto de Capitão Mor da freguesia de Santo Antonio de Tracunhaém, onde se estabeleceu com a família. Durante a Guerra dos Mascates, marchou para o Recife e fez cerco aos fortes do Brum e das Cinco Pontas, em defesa

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	00	13	F50	02
---------------------------------	----	----	----	----	-----	----

do governador.

O Capitão Mor João Cavalcanti foi senhor do engenho Apuá, que até o século passado continuava no domínio da família. Seus descendentes tornaram-se senhores dos engenhos Volta do Cipó, Terra Vermelha, Goitá e Petribú, entre outros. A notícia mais antiga encontrada sobre o engenho Petribú data de 6 de novembro de 1729, com o registro de batizado de Thereza, filha legítima de Estevão de Azevedo e de sua mulher, D. Catharina de Oliveira, cujo assento está assinado e datado naquele lugar.

Em maio de 1909, o engenho foi modernizado e transformado na Usina Petribú, que na primeira

Outros espaços de memória foram as ruas e avenidas, locais de referências para os grupos atuais. Dois desses lugares se destacam na fala dos entrevistados para esse inventário: a Av. Timbaúba em Goiana e a rua do Maranhão em Condado.

A av. Timbaúba, localizada no município de Goiana (Zona da Mata Norte de Pernambuco), foi um local de ocorrência do Cavalo-Marinho do Mestre Preá durante quase três décadas. As brincadeiras ocorriam em frente à casa de número 70, onde residia o Mestre Preá e sua família. Essas brincadeiras ocorriam todas as noites de sábado entre os meses de julho e janeiro, sendo financiadas pelo próprio mestre, uma vez que ele era proprietário de uma bodega localizada no número 72 da mesma rua. Além de Cavalo-Marinho, podiam-se presenciar nesta rua outras manifestações populares como o mamulengo, caboclinho e pastoril. Nos últimos anos de sua existência, entretanto, essas brincadeiras passaram a ocorrer com menor frequência (a cada quinze dias), devido às dificuldades financeiras de seu mestre e mantenedor. As últimas brincadeiras do Cavalo-Marinho de Mestre Preá na av. Timbaúba ocorreram no início da década de 90, quando o grupo foi dissolvido de maneira definitiva.

A rua do Maranhão é bem larga, porém pequena em extensão com casas geminadas, coloridas e uma pequena praça ao centro, localizada nas proximidades do pátio onde acontece a feira de Condado-PE. É considerada uma rua importante para os brincadores da cidade e da região pois antigamente lá aconteciam muitas brincadeiras. É considerada por muitos brincadores a localidade mais importante para o Cavalo-Marinho na cidade de Condado, justamente por já ter acolhido inúmeros ensaios e brincadeiras de Cavalo-Marinho.

É a rua onde morava Onório, falecido brincador de Cavalo-Marinho do Estrela de Ouro. Na rua mora atualmente a maioria dos brincadores do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro, muitos deles da família de Mestre Biu Alexandre. Foi a localidade escolhida na ocasião da filmagem do DVD do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro.

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Existiam diversos marcos edificadas dos engenhos relacionados aos brincadores de Cavalo-Marinho e sua prática que foram destruídos com o tempo como as sedes da propriedade. Atualmente os espaços em que eram vivenciadas essas práticas, sobretudo o Cavalo-Marinho, se constitui apenas na memória. As grandes usinas, como a Petribu, arrendaram muitas terras para a monocultura da cana-de-açúcar; então todo o “cenário” das manifestações culturais foi destruído.

No que se refere às ruas, a Timbaúba localizada na cidade de Goiana terreiro do Mestre Preá, este local sofreu pequenas modificações. As residências que pertenciam ao senhor Preá foram vendidas para uma rede de supermercado e a casa dele, local de atividade do Cavalo-Marinho em sábado quinzinais, também foi modificada e agora é uma moradia que não pertence mais à família dele e um pequeno depósito de bebida.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

Os lugares de memória engenhos e usinas eram espaços de práticas de trabalho inseridas no cotidiano dos sujeitos que realizavam o Cavalo-Marinho. No século XIX, os escravos, ex- escravos e homens livres realizavam festas nos terreiros dos engenhos. No início do século XX, as usinas se configuram como esse lugar de atividades do trabalho e festividades com os seus trabalhadores.

As ruas, como a Timbaúba no município de Goiana, se configuram no período de transição dos espaços de prática do Cavalo-Marinho, quando essa brincadeira sai dos terreiros dos antigos engenhos e usinas, passa a acontecer nas ruas e praças a partir da década de 60. Desta maneira o público também se transforma, mulheres, crianças e pessoas que chegavam de outras cidades ou outros estados tinham mais oportunidade de assistir à brincadeira. O acesso também dos brincadores, antes para ir até as usinas por exemplo ao sábado, tinha que contratar um caminhão para levá-los até o terreiro, que geralmente ficava localizado muito distante geograficamente das casas dos donos e dos brincadores da noite. O trajeto era escuro, no meio do canavial e com muitos buracos, o que era divertido mas ao mesmo tempo perigoso.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES				PE	01	00	13	F50	02
---------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A zona da mata é uma região costeira úmida e fértil dividida em Norte e Sul. Essa região é uma área de produção açucareira inteiramente ligada à história do Cavalo-Marinho. A paisagem de grandes engenhos que era a unidade social principal na zona da mata desde o período colonial, território também de uma larga produção de açúcar, mas também produção de outros gêneros caracterizando uma policultura, sofreu diversas modificações no início do século XX com a instalação das usinas. Essas usinas começam a se estabelecer neste território no final do século XIX de maneira não homogênea, mas nos anos 20 e 30 do século seguinte a criação do IAA (Instituto do Alcool e do Açúcar) foi que a produção da monocultura da cana em larga escala se firmou. Ainda em períodos da transição do trabalho escravo para o livre no século XIX, Pernambuco teve uma população de negros livres bastante significativa e muitos destes eram moradores dos engenhos que viviam em casas cedidas pelo dono da plantação, estavam no que se chamava de morada de condição. Devido ao alto custo de permanecer com um escravo, essa mão de obra era substituída por esses moradores que recebiam em muitos casos roça de subsistência e em retorno trabalhavam vários dias por semana no canavial. Quem viveu esse sistema de morada nos engenhos foi a família do Mestre Salustiano no engenho Oiteiro Alto em Aliança e depois seus familiares mudaram para o engenho Palmeira em Condado, em seguida para o Engenho Ventura (ainda vigente a sede, mas atualmente arrendado à usina Petribu – Nazaré da Mata) e por ultimo antes de mudarem para Recife no engenho Cachoeira em Vicência. Seu Inácio Lucinho nasceu no engenho Paraná em Aliança e viveu durante algum tempo na rua de moradias do sítio Siqueira que fica próximo à cidade de Condado. Segundo Beatriz Brusantin desde o século XIX os trabalhadores da cana residentes nos engenhos mantiveram manifestações culturais ligadas ao Boi, como o Cavalo-Marinho e o Maracatu Baque Solto.

Atualmente esses locais foram se transformando, principalmente com a mudança dos municípios mencionados com a implantação das usinas e a formação de pequenos centros urbanos nas cidades de Condado, Goiana, Itambé, Nazaré da Mata, Aliança, entre outras. Famílias migram dos sítios e antigos engenhos para novas moradias e os locais de festa também sofrem modificações. As brincadeiras acontecem nas pontas de ruas e na frente das residências dos donos de Cavalo-Marinho, ruas que se tornam muito significativas por sua importância enquanto local da prática do Cavalo-Marinho e outras manifestações, assim como o cotidiano dos mestres e donos de grupos que hoje estão apenas na memória da história do folguedo.

A Rua Timbaúba localizada em Goiana foi palco de muitas brincadeiras comandadas pelo Mestre Préa. Ele era um comerciante em Goiana, possuía algumas casas de aluguel e um bar; com o dinheiro Préa era o provedor do seu brinquedo que brincava entre as décadas de 60 e 70 do século XX quinzenalmente na frente da sua casa na rua mencionada. O Mestre financiava as roupas, artefatos, bichos, sapatos, chapéus para os brincadores que se aglomeravam na rua Timbaúba para brincar além de prover comida e bebida para depois da festa que geralmente começava por volta das 22:00 e terminava ao amanhecer do dia.

5.1. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A brincadeira de Cavalo-Marinho tem variadas histórias, sobretudo quando se refere à sua possível origem. Destacamos a que se refere aos engenhos e a mais difundida entre os brincadores atuais. Segundo Maria Ascerald, a brincadeira teria se originado nas Senzalas. Assim como a Capoeira, o Boi e o Coco. Segundo muitos brincadores, o Cavalo-Marinho foi a primeira brincadeira de todas em território brasileiro. Teria surgido com a intenção de amenizar a vida dos escravos, estabelecer relações mais solidárias entre eles e restituir a dignidade através da recuperação de seus cantos e danças. Tornando-se cada vez mais frequente, a ponto de realizar-se quase todos os sábados, a “confusão” teria chamado tanto a atenção do senhor de engenho que, em represália, ele teria exigido a retirada de algumas figuras e a inclusão de outras, como condição para que a brincadeira pudesse continuar a acontecer. Esta explicação justifica a presença de um Capitão, que lembra quem é o verdadeiro dono das terras, e dos Galantes que, para muitos brincadores, representam a família real portuguesa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	00	13	F50	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO
Década de 1950	Muitos brincadores se referem à mudança dos lugares de prática do Cavalo-Marinho, devido à transformação que a cidade sofre com a decaída dos engenhos, passando para as usinas, também os trabalhadores, principalmente cortadores de cana que passam a morar nos pequenos centros urbanos que surgem na década de 50 com emancipação de algumas cidades, como Condado por exemplo. Esses brincadores, sobretudo os mais velhos que hoje são conhecidos como mestres, trouxeram o Cavalo-Marinho do período das usinas ou formaram novos grupos em seus quintais ou ruas; ressignificaram os terreiros.
Década de 1990	Na rua Timbaúba não existe mais Cavalo-Marinho, pois o mestre Preá mudou deste local na década de 90 quando finalizou as atividades com o bem e o seu pequeno comércio na localidade, foi residir em Nova Goiana, no município de Goiana.
2012	Em nosso registro de campo, nenhum brincador, os que ainda estão vivos dois ou três no máximo, continuou com a prática do Cavalo-Marinho.

6. USOS ATUAIS

6.1. USOS COTIDIANOS
Na atualidade os antigos engenhos e as usinas são lugares de memória: as ruas citadas, moradias; não acontecem mais festas de Cavalo-Marinho.

6.2. USOS CERIMONIAIS

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cavalo-Marinho Estrela de Ouro	Localidade 2 / Formas de Expressão - 08

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	PE	01	00	13	F50	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2 – Registro Nº 10

10. OBSERVAÇÕES**10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q50 - Questionário de Identificação de Lugares		
PESQUISADOR(ES)	ROSELY TAVARES		
SUPERVISOR	João Paulo de França		
REDATOR	Rosely Tavares	DATA	Fev. 2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

ⁱ MURPHY, John. Performing a moral vision: an ethnography of Cavalo-Marinho, a Brazilian musical drama. 1994. Tese de Doutorado em Etnomusicologia, Columbia University, New York, 1994.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. Viva a liberdade! As festas e as resistências dos trabalhadores rurais da zona da mata de Pernambuco. (Brasil) texto disponível no site, consulta dia 25/06/2010 <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llil/ilassa/2009/brusantin>

Sítio
Ficha de Identificação
(F60)



INRC DO CAVALO-MARINHO
Inventário Nacional de Referências Culturais

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F60	01
	UF	SÍTIOS	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Artesão de Rabeca
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Construtor de Rabecas e Fabricante de Rabecas
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	José Alexandre da Silva	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	05
OCUPAÇÃO	Marceneiro / Fabricante de rabeca	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	04/09/1959
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☒ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

PE 01 | 00 13 F60 01

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.



5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

A atividade de fabricação de rabecas é existente em diversas regiões brasileiras, porém, em Pernambuco, tendo como referência as cidades de Ferreiros, Goiana, Garanhuns, Glória do Goitá, Paulista, Arcoverde e Recife, é um ofício tradicional, eminentemente masculino, no qual, cada artesão desenvolve um conjunto de saberes que envolve a prática artesanal de fabricação da rabeca que é fortemente presente na brincadeira do Cavalo-Marinho. Conforme o depoimento de alguns artesãos, além do Cavalo-Marinho, eles percebem que a rabeca antigamente era utilizada com mais frequência em outras manifestações culturais como os reisados, os bailes de forró, as cerimônias de casamentos, batizados e em ritos católicos como procissões e benditos.

O ofício faz parte de uma realidade ecológica, social e cultural construída historicamente através da chegada dos portugueses no Brasil que durante séculos de colonização disseminaram vários pontos de influência de sua cultura musical sincrética, marcada pela reunião de tradições medievais cristãs, islâmicas, hispânicas, entre outras, e que resultou para a cultura brasileira em um complexo fascinante composto por danças, músicas e instrumentos musicais.

Em Pernambuco há registros da presença da rabeca e do seu artesão, consta que o instrumento foi introduzido no início da colonização e que sua difusão local se deu através de uma cultura musical de tradição ibérica. Em especial na zona da mata norte encontra-se toda uma cultura musical e de fabricação artesanal da rabeca cujos conhecimentos disseminaram-se por meio da tradição oral, certamente esse sistema de transmissão se desenvolveu historicamente sujeito a profundos processos de mudanças e ressignificações.

Sobre os padrões utilizados na construção deste instrumento o que tem sido registrado em pesquisas é que não há padrões universais de construção, o que há é uma diversidade quanto ao modo de fazer, o que possibilita às rabecas uma sonoridade peculiar, devido às variações causadas pelas diferenças de tamanho, a textura interna da caixa de ressonância, os tipos de madeira, o trabalho de acabamento, entre outras especificidades.

Os artesãos de maneira geral têm construído a rabeca a partir de uma técnica tradicional baseada no conhecimento prático e na experiência acumulada ao longo de muitos anos de trabalho, transmitido de geração a geração. O modelo mais comum de rabeca existente em Pernambuco identifica-se por apresentar a forma sinuosa do violino, tendo em

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

sua construção partes separadas: tampo frontal, tampo de fundo e as faixas laterais; cravelhas encaixadas horizontalmente, voluta e cavalete ajustado um pouco acima das cavidades laterais. Os construtores tradicionais de rabeca em Pernambuco costumam nomear as partes do instrumento de forma a assemelhar o instrumento com o corpo humano, alguns usam termos como: testos, cintura, braço, orelhas, língua, umbigo e alma. Há ainda termos como “caracol” para identificar o que no violino chama-se voluta; termo como “os esses” serve para identificar duas aberturas no testos (tampo) frontal da rabeca que parece o formato da letra (s) minúscula.

Estes conhecimentos são de grande importância, pois constituem um extraordinário legado devido às características do modo de fazer peculiares para cada artesão. Observa-se que há uma maneira mais tradicional de trabalho e que atualmente os artesãos vêm realizando muitas mudanças no material utilizado, o que por fim atualizam também os procedimentos no modo de fazer.

O ofício da fabricação artesanal da rabeca é uma herança cultural que está há séculos sendo transmitida pelos sucessivos grupos sociais que vêm ocupando o estado de Pernambuco, e seu conjunto de saberes e práticas dependem da manutenção da cadeia de transmissão desses artesãos para sua continuidade como bem cultural.

Há registro da presença de construtores de rabeca em todo Brasil, pois o instrumento faz parte de algumas manifestações culturais, tais como: Cavalo-Marinho, mamulengo, fandango, folia de reis, reisado, São Gonçalo, entre outras. Consequentemente, na região onde há rabequeiros atuando, geralmente, encontra-se também a presença de construtores de rabeca. Atualmente, observa-se o aumento do número de fabricantes de rabeca em Pernambuco.

As informações sobre o ofício de artesão da rabeca que constam registradas nesta ficha de identificação pertencem ao construtor Zé de Neninha residente em Ferreiros, Pernambuco. Segue abaixo uma lista dos atuais representantes do ofício de fabricação artesanal da rabeca em Pernambuco: **Ferreiros:** Zé de Neninha; Mongó; **Goiana:** Fred da Rabeca; **Paulista (Tabajara):** Dinda Salu; **Glória do Goitá:** Biu de Doia; **Arcoverde:** Alberone; **Alagoas:** Nelson da Rabeca; **Natal (RN):** Damião; **Recife:** Júlio Rocha; Abílio; **Garanhuns:** Márcio Viana.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O lugar da atividade é uma oficina que foi criada a priori para se trabalhar exclusivamente com a fabricação de rabecas, posteriormente, começou-se a fazer reforma de móveis. A oficina consta de uma sala onde constam equipamentos, máquinas elétricas (serra, serrote, lixadeiras, plainas, boleadores, furadeira), madeiras, ferramentas, moldes para fabricar rabecas, móveis.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Ferreiros - PE

É uma cidade referenciada historicamente pela presença marcante de manifestações culturais tradicionais como a Ciranda, o Mamulengo (também chamado de Babau) e especialmente pelos brinquedos de Cavalo-Marinho, no âmbito daqueles grupos formaram-se muitos figureiros e tocadores, com destaque para os rabequeiros e construtores de rabeca, que podemos citar como exemplo alguns dos mais antigos fabricantes deste instrumento, tais como: Mané Pitunga (*in memorian*), Mário de Prancha, Mongol e Zé de Neninha.

Centro Cultural Manoel Pitunga e a **Praça do Centro Cultural Manoel Pitunga** são espaços públicos localizados na Rua São José, S/N, Centro – Ferreiros (Pernambuco). São espaços que foram construídos em 2010 para homenagear o rabequeiro e luthier de rabecas Mané Pitunga que faleceu em 2002.

A **Oficina Som da Terra** do artesão Zé de Neninha localizada na Rua Santo Antônio, nº 54 – Ferreiros – PE, é um espaço relacionado à fabricação e venda de rabeca.

Recife - PE

A “Só Instrumentos” é a loja de instrumentos musicais do artesão e músico Abílio Sobral - é um espaço relacionado à fabricação e vendas de rabecas. Abílio fabrica suas próprias rabecas e também intermedia a comercialização de rabecas feitas por outros fabricantes da região. A loja situa-se na Avenida Norte, 5600 – Casa Amarela – Recife – PE.

Endereço eletrônico: www.soinstrumentos.com.br

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Das observações de campo o que se pode anotar é que o espaço para a atividade de fabricação da rabeca varia de acordo com as condições econômicas da cada artesão, e estas condições dependem também do fluxo de comercialização da rabeca em cada município. Comumente, a atividade é realizada na própria residência do fabricante, ocupando um cômodo da casa, como por exemplo, o terraço, a sala ou o quintal.

Há também construtores como é o caso do artesão e rabequeiro Biu de Doia (Severino Joventino dos Santos), residente no Sítio Ribeiro Fundo, Glória do Goitá (PE), que no quintal de sua casa edificou um pequeno quarto para instalar sua oficina; nesta constam todas as ferramentas que ele utiliza para confeccionar as rabecas e também os bonecos do seu grupo de Mamulengo. Por fabricar as rabecas de modo tradicional ele utiliza basicamente facas, uma foice pequena, martelo, presas artesanais feitas de madeira e um arco de serra no processo de trabalho. No espaço não há mesa, ele senta-se em um banco e todo o material a ser utilizado fica disposto no chão. Os moldes da rabeca ficam pendurados na parede, assim como os bonecos que ficam pendurados por cordas fixadas no telhado. Tem uma caixa de papelão no chão para guardar os artesanatos inacabados. A rabeca inacabada pode ficar pendurada na parede ou por cima da caixa. Os bojos de madeira a serem descavados ou quando a madeira está cortada em pranchas elas são trabalhadas na área externa da oficina, essa etapa do trabalho pode ser feita no quintal.

No caso do construtor Fred da Rabeca, residente em Goiana (PE), este utiliza uma garagem de sua casa como sua oficina de trabalho, usa uma mesa para executar o trabalho, sobre esta deixa suas ferramentas elétricas (serra tico-tico, furadeira de impacto, furadeira de bancada, lixadeira) e as ferramentas manuais (formões, estiletes, serra de arco, martelo, presas, lixas). No espaço há um banco alto que utiliza para sentar-se durante a atividade, se for necessário.

O fabricante Zé de Neninha, por exemplo, visando trabalhar profissionalmente no ofício de artesão da rabeca investiu na instalação de uma oficina que está situada ao lado de sua residência. A oficina foi organizada pelo artesão Zé de Neninha e sua esposa (Ivanilda Alexandre Barbosa), e chama-se O Som da Terra, que é o mesmo nome que ele dá às suas rabecas. Como nesta mesma oficina ele também exerce o ofício de marceneiro, há no espaço algumas máquinas apropriadas para a fabricação e reforma de móveis. Para que possa executar o trabalho de fabricação dentro do espaço, ele utiliza uma mesa, seleciona os moldes da rabeca, as ferramentas e os equipamentos necessários para as etapas de trabalho. Inicialmente eles obtiveram muitas encomendas e se sentiram estimulados a investir no ofício de fabricação de rabecas. Porém, relatam que há alguns anos os pedidos de encomenda do instrumento decaíram bastante, para poder manter-se financeiramente, o Zé de Neninha vem migrando para o ofício de marceneiro e o espaço está sendo utilizado com mais frequência para reforma de móveis.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE

Observa-se que não há um período fixo que seja mais favorável para a ocorrência do ofício, os construtores de rabeca praticam o trabalho artesanal de fabricação de acordo com a quantidade de encomendas que lhe são solicitadas. A periodicidade é bastante variável. A divulgação do trabalho do artesão também é um fator que promove o aumento da produção e da vendagem do instrumento.

Zé de Neninha, por exemplo, começou a fabricar rabecas há 12 anos (2000), vivenciou alguns anos de boa produção atendendo a um bom número de encomendas mensais. Porém, no período da entrevista (julho/2012) ele relatou que estava com baixa produção, obtendo poucas encomendas e conseqüentemente, realizando a atividade de fabricação com pouca frequência. O fabricante Biu de Dóia até o momento não tem conseguido investir no ofício no sentido de estabelecer para si um mercado para vender suas rabecas; ele fabrica de forma esporádica, no entanto, recebe com certa frequência encomendas para fabricar os bonecos de mamulengo e bichos para os grupos de Cavalo-Marinho, atualmente é o mais ativo bonequeiro daquela localidade.

Outro exemplo é o fabricante Fred da Rabeca, que realiza por meio de rede social uma divulgação de suas rabecas, o que torna o seu trabalho mais conhecido, e talvez, por isso atraia mais um público interessado em adquirir uma rabeca.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001											
2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

José Alexandre da Silva, mais conhecido como Zé de Nininha, natural de Camutanga, nasceu em 04/09/1959. Durante sua infância passou a residir em Ferreiros. Relata que quando criança sua mãe o levava para assistir as apresentações dos grupos de Cavalo-Marinho e assim aprendeu a apreciar o som da rabeca, tornou-se um grande apreciador da brincadeira do Cavalo-Marinho e principalmente do instrumento musical. Lembra que naquelas ocasiões ainda menino ficou conhecido na comunidade por dançar os baiões de Cavalo-Marinho e era incentivado pelo público que o assistia e pagava para vê-lo dançar em determinados momentos da brincadeira.

Conta que sempre teve vontade de aprender a tocar a rabeca, mas, ainda não conseguiu fazê-lo, no entanto, canalizou esse interesse para a luteria desse instrumento.

Entre 1999 e 2000 resolveu investir mais nesse desejo e se dedicou a pesquisar o trabalho dos construtores que já trabalhavam nesse ofício em Ferreiros, principalmente o saudoso Mané Pitunga, mas também, pesquisou o modo como o Mario de Prancha e o Mongol fabricavam o instrumento. Em 2000 construiu sua primeira rabeca, que segundo sua opinião “ficou péssima”, porém, continuou fazendo suas experimentações com o intuito de desenvolver o seu próprio estilo, e conta que a partir da quarta rabeca fabricada ele já percebeu que alcançou um bom resultado, tanto que vendeu a rabeca, e sabia que agora teria um longo caminho a percorrer na área de fabricação desse instrumento.

Considera que em doze anos de prática do ofício já dominou um tanto a arte de fabricação da rabeca, mas ele ainda sente que tem muito para aprender, por isso está sempre pesquisando e estudando sobre o assunto. Já transmitiu para muitas pessoas seus conhecimentos, e atualmente, lamenta que o projeto de oficina de confecção de rabeca ministrado por ele esteja já há alguns anos praticamente inativo por falta do apoio político e financeiro da prefeitura de Ferreiros.

Ressente-se pela falta de apoio cultural por parte dos órgãos públicos e vem se mantendo na atividade de construtor com muitas dificuldades, o que por vezes lhe deixa desanimado, e tal situação o obriga a investir mais no ofício de marceneiro por causa da falta de políticas públicas que promovam meios que viabilizem a continuidade da arte da construção da rabeca nordestina.

Zé de Nininha e sua esposa (Ivanilda Alexandre Barbosa, que o auxilia na fabricação da rabeca) investiram na criação de uma oficina para trabalharem exclusivamente na fabricação e na comercialização do instrumento. Inicialmente eles obtiveram muitas encomendas e se sentiram estimulados a investir no ofício. Porém, relatam que há alguns anos os pedidos de encomenda do instrumento decaíram bastante, para poder manter-se financeiramente, o Zé de Nininha vem migrando para o ofício de marceneiro e o espaço está sendo utilizado também para reforma de móveis, por isso, atualmente, na oficina constam os maquinários e ferramentas apropriadas para a fabricação de móveis, bem como, estão guardados os equipamentos, ferramentas, materiais e os moldes utilizados para a fabricação das rabecas.

Zé de Nininha durante esses doze anos de ofício desenvolveu um modo de fazer rabeca bem pessoal, decidiu batizar suas rabecas e as chama de “som da terra”, porque para ele “uma rabeca tem que ter o som da cana-de-açúcar da zona da mata norte. Como será o som da cana-de-açúcar? O som da cana quando o vento balança a folha da cana faz aquele som estranho (...) é o som da rabeca”.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES
Segundo os relatos de Zé de Nininha, a Rebeca sempre esteve presente em sua vida, desde pequeno: “Quando eu me entendi de gente, veja só, quando eu me entendi de gente, eu com seis anos, em 1964, eu comecei a conhecer os primeiros sons de rabeca, porque minha mãe me levava pra o Cavalo-Marinho. Era uma festa! Era uma festa. 1964, 65, 66, 67 até chegar em 70, era o auge de Ferreiros de Cavalo-Marinho. (...) Parecia até competição de Cavalo-Marinho, a gente ia pra onde tinha mais gente. (...) E a Rabeca estava em todas as partes.”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 | 00 13 F60 01**

Conviver, portanto, com o instrumento na brincadeira do Cavalo-Marinho levou-o a começar a se interessar pela construção da rabeca. Conta-nos seu processo de aprendizagem do ofício.

“Aprender mesmo, eu acho que a gente ainda tá aprendendo, né? [fala rindo] O como veio essa ideia de aprender a construir Rabeca foi através do próprio Cavalo-Marinho, eu via a Rabecano banco do Cavalo-Marinho, mas, meu desejo mesmo era fazer uma Rabecapra mim. Eu não tinha nenhum interesse de fazer uma Rabecapra vender, de botar ela no comércio pra vender. Que primeiro eu tinha outra atividade, não tinha tempo assim para fazer. Então, a primeira Rabeca que eu fiz ficou péssima, não prestava pra nada. No meu ponto de vista essa Rabecanão prestava pra nada porque ficou muito feia. Mal acabada, acabamento, ficou meia tronxa, até a terceira ainda saía tronxa. Mas alguém viu essa rabeca. [pausa] Alguém viu essa rabeca. E essa mesma pessoa que me incentivava muito na rabeca, chegou aqui viu a Rabecae disse: - Ficou boa Zé! (...) Foi Roselania, uma pessoa que me ajudou muito. (...) Aí comecei pegar gosto pela coisa. Eu procurei Pitunga e Pitunga disse que não ensinava, porque não levava jeito pra ensinar. Mas ele tinha um livretozinho (...) e a gente tinha ele aqui. Pensei, fui em Mongol umas vezes, depois fui lá em Mario de Prancha também, mas eu achava a Rabecade Pitunga era muito mais bem acabada, muito mais bem feita e fiquei na mente, com a mente gravada com a Rabecade Mané Pitunga na minha cabeça, aí comecei ver no livro, o livrozinho que ele tinha, que esse livro ensinava como é que era que fazia as peças. Através daquele livro, eu não largava aquele livro, o livro ficou até com as pagininha estragada de tanto eu tá com ele olhando, vendo. A partir da quarta Rabecapor aí a fora, aí ela começou a ficar mais bonitinha, né? E apareceu uma pessoa e me comprou essa rabeca. E veio numa situação que eu tava precisando de dinheiro e vendi a rabeca. Comecei tomar gosto e durante esse tempo nunca mais parei”.

Hoje, Zé de Nininha é um dos luthies mais importantes da região que mantém viva a tradição de fazer rabeca. Importante ressaltar que ele faz Rabecapara rabequeiros que tocam nos Cavalo-Marinheiros de Pernambuco, portanto, ele também contribui diretamente para manutenção deste instrumento no brinquedo.

AS MOTIVAÇÕES

Como destacado anteriormente, a vida de Zé de Nininha foi marcada pela presença do Cavalo-Marinho. Junto deste, como brincador, Nininha foi se afeiçoando pelo universo da brincadeira e pela rabeca. As motivações, então, para continuar no ofício, fazendo rabeca, têm raízes na sua própria história de vida. Sua ligação com a arte começou cedo. Como nos contou Zé de Nininha:

“Eu não paro porque eu tenho paixão pela rabeca. (...) O incentivo maior é o amor pela arte. É você fazer uma coisa que você gosta. Infelizmente a situação é essa que eu tô falando, mas é você gostar da coisa. Eu gosto das minhas rabecas.”

Esta paixão, obviamente, reflete também na sua ação como transmissor deste saber. Vê-se aqui um processo extremamente importante e diretamente atrelado a salvaguardar a Rabecae sua sonoridade como parte integrante do Cavalo-Marinho. Assim, para Nininha:

“(…) Dos meus alunos que eu já tive, de toda a minha história desses doze, vai fazer treze anos já, eu quero que os alunos que eles cresçam mesmo, que eles cheguem até onde eu não consegui ainda. Que eles tenham criação.”

SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Zé de Nininha além de ser um importante luthier da região, ele também é um criador de métodos próprios para fazer a rabeca. Seu processo é uma mistura de muitos modos de fazer. Podes considerar que Zé de Nininha realizou uma pesquisa própria de como fazer Rabecae em cima disso criou seu modo de fazer. Conta ele:

“Eu juntei de três pra fazer a minha. Eu pesquisava a de Mario, pesquisava a de Mongol e pesquisava a de Pitunga. Só que eu queria fazer a minha independente da deles três. Porque a Rabecade Mario tinha uma coisa que eu não queria. Ou a Rabecade Pitunga tinha uma

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

coisa que eu não queria. E eu comecei tirando aquilo que eu não queria, e que eu achava daquele jeito que eu ia fazer ficava melhor. E assim eu fabriquei a minha e daí por diante já veio umas encomendas e ainda hoje sempre vem, o pessoal sempre liga pra cá. Eu comecei a fazer a minha rabeca.”

Ele, portanto, traz um caminho próprio que carrega transformações e inovações, sem perder, no entanto, o “som da cana”, como ele mesmo costumar dizer ao se referir a sonoridade das rabecas que produz. Este som da cana, no entanto, não é exclusividade do brinquedo do Cavalo-Marinho, para ela a Rabeca é um instrumento para todos os estilos. Observa, portanto, como um instrumento musical de forma ampla e versátil. Assim, ainda que ele contribua de forma decisiva para a existência da Rabeca do Cavalo-Marinho, ele afirma:

“Eu vejo que a Rabeca não é só um instrumento do Cavalo-Marinho”.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Há depoimento coletado em entrevista (01/06/2012) em que Fred da Rabeca (construtor de rabeca residente em Goiana-PE) reconhece o Zé de Nininha como um mestre do ofício de fabricação artesanal da rabeca; relata que ele lhe transmitiu informações importantes sobre o modo de fazer a rabeca que foram úteis para o seu aprendizado. Considera Zé de Nininha uma importante referência nesta área.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1999-2000	Em 2000, Zé de Nininha construiu a sua primeira rabeca, porém, foi a partir da quinta rabeca construída que ele passou a se agrandar do som do instrumento que produzia, desde então começou a fabricar e a comercializar as suas próprias rabecas e a denominá-las pelo nome de “som da terra”. Nesse período seu processo de construção se caracterizava pela utilização de uma técnica mais manual, as ferramentas utilizadas eram faca, formão, lixa.
2000	Fabricou 14 rabecas para formar uma orquestra de rabeca para o município de Pedras de Fogo – PE
2004	Esse ano realizou mudanças no modo de fazer as rabecas, Zé de Nininha passou a utilizar ferramentas elétricas o que resultou em um avanço na fabricação do instrumento, conta que a partir dessa mudança conseguiu fabricar uma quantidade maior de rabecas com mais agilidade. Explica que ele não deixou de utilizar as ferramentas anteriores, mas que apenas acrescentou novas ferramentas elétricas. Algumas ferramentas ele inventou e/ou adaptou para poder atender as necessidades do trabalho de confecção. As ferramentas que foram acrescentadas nesse período foram: serra elétrica; serrote elétrico (tico-tico); plaina; lixadeira.
2005	Fabricou 25 troféus para a secretaria de turismo de Olinda com formato de rabeca.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Zé de Nininha não chegou a quantificar quantas rabecas ele já fabricou.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****| 00****13****F60****01****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
1ª Etapa: Preparar os testos Duração: 3 dias	Escavar com formão a madeira para dar forma aos testos; utilizando-se de uma lixadeira elétrica adaptada, a meta é lixar e bolear toda a superfície da madeira (praíba); uma sub-etapa é lixar usando lixa para madeira visando realizar um acabamento mais minucioso nos testos, para polir as arestas e contornar a madeira. Técnicas utilizadas: - Escavação - Lixamento - Bolear
2ª Etapa: Fazer os braços Duração: 1 dia e meio	1) Traçar os braços; 2) Transferir o molde do braço para a madeira; 3) Modelar utilizando técnicas de lixamento e entalhe na madeira (sub-etapa de acabamento final); Técnicas utilizadas: - Modelar - Lixamento - Entalhe em madeira
3ª Etapa: Montagem da rabeca Duração: 1 dia e meio	1) Unir os dois testos com a base do umbigo, usando cola, fazer a caixa de ressonância; 2) Colar o braço; 3) Colar as quatro colunas e uma alma; 4) Colar a língua e fazer o alinhamento da rabeca; 5) “Sistema de aro: primeiro botar a bunda; depois o ombro do lado esquerdo e o suvaco; observar, olhar se a caixa de ressonância está bem colada; depois montar o lado direito, ombro direito, conferir e lixar anivelado botar o suvaco;” 6) Suposta umbigo e lacraia sobre uma “base defensora que é o apoio da lacraia”; 7) Depois do cavalete pronto, colocar os cordões de nylon espera uns dias; 8) Bota-se o lado direito (parte de baixo) do arco para no dia seguinte dar o acabamento final, colar à parte os fios de crina na parte superior, são exatamente 100 fios de crina, penteia com um pente largo para desembaraçar; Obs.: Na preparação do arco é preciso fazer um pino de madeira para “os fios (crinas) ficar esticados e o arco ficar bem afinado”. Técnica utilizada: - Colagem
4ª Etapa: Acabamento Duração: 3 horas	1) Lixar 2) Envernizar com goma laca (“Para não tirar a tradição da rabeca”); Técnica: -Lixamento -Envernizamento

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Artesão ou fabricante de rabeca	Cada artesão confecciona a rabeca conforme seu estilo de fabricação, tendo como base um modo de fazer artesanal aprendido através da tradição oral, utilizando-se de matéria-prima natural, tais como as madeiras específicas para esse fim; utiliza as ferramentas e/ou equipamentos necessários para a aplicação das técnicas usuais para este trabalho de construção. Após a fabricação o artesão busca comercializar para os interessados o seu produto.
Ajudante	Auxiliar o artesão nas etapas de fabricação da rabeca.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	- Instalação: Recursos financeiros foram investidos para a criação da oficina destinada a ser o espaço para a fabricação das rabecas. Recursos financeiros são investidos na compra de equipamentos e matéria-prima visando viabilizar o trabalho de fabricação das rabecas. - Despesas com matéria-prima: madeiras, cola, goma laca, cordões de nylon, crinas de cavalo, arames, folhas de lixa madeira. - Despesas com equipamentos/maquinário/ferramentas: traçador, furadeira, plaina, boleador, serra de fita elétrica, serrote elétrico, torno manual, lixadeira, faca, facão, formão. - Produto da atividade: Rabeca ou rebeca
QUEM PROVÊ	O artesão ou fabricante de rabecas.
FUNÇÃO	Viabilizar a manutenção da oficina, dos equipamentos e ferramentas para continuar realizando a atividade de fabricação e comercialização das rabecas. Remunerar o trabalho do auxiliar, caso exista.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	RABECA (CONFEÇÃO POR PARTES): 1ª Etapa: Preparar os testos 2ª Etapa: Fazer os braços 3ª Etapa: Montagem da rabeca 4ª Etapa: acabamento MATÉRIA-PRIMA: - Madeira: praíba - Arame ("mola do imbigo"); - Cordões de nylon; - Crina de cavalo; - Cola (tipo: cascorez adesivo PVA); - Goma laca FERRAMENTAS: - lixadeira (adaptada); - furadeira; - faca; - formão; - Lixa madeira
------------------	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	- faca; - 01 pedaço de cabo de vassoura colado com uma folha de lixa madeira amarela colada ao cabo com cola de sapateiro; Nesta etapa não utiliza ferramentas, a cola é o material principal para fazer a montagem da rabeca. - folhas de lixas para madeira;
QUEM PROVÊ	O construtor provê todas as ferramentas e matérias-primas necessárias para a fabricação das rabecas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A rabeca é um instrumento que faz parte da cultura musical do Cavalo-Marinho, por sua origem árabe representa historicamente a presença da cultura ibérica que veio impregnada com os colonizadores portugueses. Musicalmente, a sonoridade deste instrumento, a forma como é tocada apoiada ao peito e também a música (as escalas modais) produzida por ela no Cavalo-Marinho são características das influências ibéricas presentes na cultura musical nordestina.
DISPONIBILIDADE	- As madeiras são compradas de proprietários de sítios, ou seja, são madeiras coletadas das áreas da mata atlântica existentes na região; - As crinas são fornecidas diretamente pelos criadores de cavalos; - As ferramentas e os materiais (tais como: cola, lixa, cordões, arame, goma laca) estão disponíveis nos armazéns de construção do comércio local;

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	_____
QUEM PROVÊ	_____
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	_____

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	_____
QUEM PROVÊ	_____
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	_____

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	_____
QUEM PROVÊ	_____
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	_____

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	-----
QUEM EXECUTA	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	A Rabeca ou Rebeca é um instrumento musical singular dentro da brincadeira do Cavalo-Marinho, produzido exclusivamente de forma artesanal com a utilização de matérias-primas naturais existentes na Região Nordeste do Brasil. É parte de uma realidade eco-sócio-cultural, há uma prática tradicional quanto ao modo de fazer desse instrumento, mas também, o que se observa é que cada artesão desenvolve um modo de fazer próprio que está relacionado com o seu contexto social, o processo de aprendizagem vivenciado e os recursos naturais disponíveis. A Rabeca está vinculada a um conjunto de saberes e práticas que se sustêm por meio de uma cadeia de transmissão de conhecimentos que promovem o exercício do ofício e do modo de fazer e garantem a sua presença na cultura musical do Cavalo-Marinho.
QUEM PROVÊ	O artesão garante a manutenção do próprio ofício e do modo de fazer a rabeca.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A rabeca é um instrumento que faz parte da cultura musical do Cavalo-Marinho, por sua origem árabe representa historicamente a presença da cultura ibérica que veio impregnada com os colonizadores portugueses. Musicalmente, a sonoridade deste instrumento, a forma como é tocada apoiada ao peito e também a música produzida por ela no Cavalo-Marinho são características culturais típicas deste folgado.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Artesão e/ou ajudante	Limpar o espaço (varrer, recolher o lixo produzido); recolher e guardar as ferramentas.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☒	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☒

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐
--------------------------------	---	---	--

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Ainda não existe associação de Cavalo-Marinho, mas os grupos começaram a conversar para se organizar e fundar uma associação. Este diálogo foi iniciado no final de 2011, por iniciativa de Pedro Salustiano, no encontro de Cavalos-Marinheiros que aconteceu na Casa da Rabeca.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Modos de Fazer Rebeca	Sítio / Ofícios e Modos de Fazer - 02
Rebequeiro	Sítio / Ofícios e Modos de Fazer - 03

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2 – Registro Nº 01

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Faz-se de grande importância realizar estudos para registrar, identificar, classificar e aprofundar conhecimentos sobre o ofício de artesão ou fabricante rabeca.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 - Questionário de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer				
PESQUISADOR(ES)	MARIA CRISTINA BARBOSA				
SUPERVISOR	João Paulo França				
REDATOR	Maria Cristina Barbosa				DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin				Fev. 2013

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F60	02
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Modos de Fazer Rebeca
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Rabeca
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	José Alexandre da Silva	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	05
OCUPAÇÃO	Marceneiro/fabricante de rabeca	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	04/09/1959
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☒ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☒ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****| 00****13****F60****02**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 | 00 13 F60 02****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

O instrumento foi introduzido no Brasil desde o início da colonização e aportou em Pernambuco trazido pelos portugueses que difundiram localmente muitos elementos musicais de tradição ibérica. O modelo mais comum de Rabeca existente em Pernambuco identifica-se por apresentar a forma sinuosa do violino, tendo em sua construção partes separadas: tampo frontal, tampo de fundo e as faixas laterais; cravelhas encaixadas horizontalmente, voluta e cavalete ajustado um pouco acima das cavidades laterais. Os construtores tradicionais de Rabeca em Pernambuco costumam nomear as partes do instrumento de forma a assemelhar o instrumento com o corpo humano, alguns usam termos como: testos, cintura, braço, orelhas, língua, umbigo e alma. Há ainda termos como “caracol” para identificar o que no violino chama-se voluta; termo como “os esses” serve para identificar duas aberturas no testo (tampo) frontal da Rabeca que parece o formato da letra (s) minúscula.

Em Pernambuco, mais especificamente na brincadeira do Cavalo-Marinho, observa-se que o instrumento é geralmente chamado por *rebeca*, mas também é ocorrente a denominação *rabeca*. A Rabeca ou Rebeca é um instrumento muito importante para a música do Cavalo-Marinho porque assume a função de tecer a base melódica que interligará as cenas durante toda a brincadeira. A melodia executada através da Rabeca serve para favorecer a afinação do toadeiro (que faz a primeira voz ao puxar as toadas) e dos tocadores de bage que fazem a segunda voz ao responder as toadas. A base melódica tocada através da Rabeca serve também para estruturar toda a parte harmônica da música, porque oferece a melodia sobre a qual as vozes construíram os acordes. Na Rabeca pode ser executado todo o repertório de toadas (as partes cantadas) e baianos (são estruturas melódicas instrumentais geralmente compostas por ostinatos), que compõem a parte musical da brincadeira do Cavalo-Marinho que é entremeada por diálogos, encenações e danças.

A Rabeca é um instrumento artesanal, sua principal matéria-prima é a madeira e para sua confecção vários tipos de madeiras são utilizados na fabricação. Podemos citar o mulungu que é uma madeira muito usada, mas que está em extinção; a praíba também não está fácil de conseguir devido à extração desordenada, mas, é considerada entre os luthiers como uma madeira muito boa para a fabricação dos tampos ou testos, do braço e do aro; a mutamba é destinada para a confecção do arco; o jenipapo para a cravilha, o cavalete, a lacraia e o umbigo; o pau d'arco, a sucupira e o cedro são madeiras duras ideais para a confecção das almas.

No Brasil, a Rabeca alcançou um grau de popularidade e vem sendo utilizada em diversos contextos musicais, que não apenas o das músicas de culturas tradicionais. Em Pernambuco, a Rabeca vem desde a década de 1990 despertando o interesse dos jovens que buscam se dedicar para aprender a tocar e/ou fabricar o instrumento. Este processo de reconhecimento público da Rabeca se deu através da divulgação da manifestação do Cavalo-Marinho que tornou conhecidos muitos rabequeiros e também construtores, não podendo deixar de citar o ilustre rabequeiro e construtor de rabecas, o saudoso Mané Pitunga que faleceu em Ferreiros em 2002. Famoso pelo seu estilo musical inconfundível e por ser um exímio luthier de rabecas. Seu trabalho marcou a história do ofício e do modo de fazer rabecas em Pernambuco.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O espaço é uma oficina que foi utilizada inicialmente para a fabricação de rabecas, posteriormente, começou a fazer reforma de móveis. A oficina consta de uma sala onde constam equipamentos, máquinas elétricas (serra, serrote, lixadeiras, plainas, boleadores, furadeira), madeiras, ferramentas, moldes para fabricar rabecas, móveis.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Ferreiros

É uma cidade referenciada historicamente pela presença marcante de manifestações culturais tradicionais como a Ciranda, o Mamulengo (também chamado de Babau) e especialmente pelos brinquedos de Cavalo-Marinho; no âmbito daqueles grupos formaram-se muitos figureiros e tocadores, com destaque para os rabequeiros e construtores de rabeca, e podemos citar como exemplo alguns dos mais antigos fabricantes deste instrumento, tais como: Mané Pitunga (*in memorian*), Mário de Prancha, Mongol e Zé de Nininha.

Centro Cultural Manoel Pitunga e a Praça do Centro Cultural Manoel Pitunga são espaços públicos localizados na Rua São José, S/N, Centro – Ferreiros (Pernambuco). São espaços que foram construídos em 2010 para homenagear o rabequeiro e luthier de rabecas Mané Pitunga que faleceu em 2002.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O espaço da atividade foi montado pelo luthier Zé de Nininha e sua esposa (Ivanilda Alexandre Barbosa), para investir principalmente na construção e comercialização das rabecas. Inicialmente eles obtiveram muitas encomendas e se sentiram estimulados a investir no ofício de fabricação de rabecas. Porém, relatam que há alguns anos os pedidos de encomenda do instrumento decaíram bastante, para poder manter-se financeiramente, o Zé de Nininha vem migrando para o ofício de marceneiro e o espaço está sendo utilizado também para reforma de móveis, por isso, atualmente constam de maquinários e ferramentas apropriadas para a fabricação de móveis, bem como, estão guardados os equipamentos, ferramentas, materiais e os moldes utilizados para a fabricação das rabecas.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE

Observa-se que não há um período fixo que seja mais favorável para a ocorrência do ofício, os construtores de Rabeca praticam o trabalho artesanal de fabricação de acordo com a quantidade de encomendas que lhe são solicitadas. A periodicidade é bastante variável. A divulgação do trabalho do artesão também é um fator que promove o aumento da produção e da venda do instrumento.

Zé de Neninha, por exemplo, começou a fabricar rabecas há 12 anos (2000), vivenciou alguns anos de boa produção atendendo a um bom número de encomendas mensais. Porém, no período da entrevista (julho/2012) ele relatou que estava com baixa produção, obtendo poucas encomendas e, conseqüentemente, realizando a atividade de fabricação com pouca frequência.

O fabricante Biu de Doia até o momento não tem conseguido investir no ofício no sentido de estabelecer para si um mercado para vender suas rabecas; ele fabrica de forma esporádica, no entanto, recebe com certa frequência encomendas para fabricar os bonecos de mamulengo e bichos para os grupos de Cavalo-Marinho, atualmente é o mais ativo bonequeiro daquela localidade.

Outro exemplo é o fabricante Fred da Rabeca, que realiza por meio de rede social uma divulgação de suas rabecas, o que torna o seu trabalho mais conhecido, e talvez, por isso atraia mais um público interessado em adquirir uma rabeca.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. BIOGRAFIA

José Alexandre da Silva, mais conhecido como Zé de Nininha, natural de Camutanga, nasceu em 04/09/1959. Durante sua infância passou a residir em Ferreiros. Relata que quando criança sua mãe o levava para assistir às apresentações dos grupos de Cavalo-Marinho e assim aprendeu a apreciar o som da rabeca, tornou-se um grande apreciador da brincadeira do Cavalo-Marinho e principalmente do instrumento musical. Lembra que naquelas ocasiões ainda menino ficou conhecido na comunidade por dançar os baiões de Cavalo-Marinho e era incentivado pelo público que o assistia e pagava para vê-lo dançar em determinados momentos da brincadeira.

Conta que sempre teve vontade de aprender a tocar a rabeca, mas, ainda não conseguiu fazê-lo, no entanto, canalizou esse interesse para a luteria desse instrumento.

Entre 1999 e 2000 resolveu investir mais nesse desejo e se dedicou a pesquisar o trabalho dos construtores que já trabalhavam nesse ofício em Ferreiros, principalmente o saudoso Mané Pitunga, mas também, pesquisou o modo como o Mario de Prancha e o Mongol fabricavam o instrumento. Em 2000 construiu sua primeira rabeca, que segundo sua opinião “ficou péssima”, porém, continuou fazendo suas experimentações com o intuito de desenvolver o seu próprio estilo, e conta que a partir da quarta Rabeca fabricada ele já percebeu que alcançou um bom resultado, tanto que vendeu a rabeca, e sabia que agora teria um longo caminho a percorrer na área de fabricação desse instrumento.

Considera que em doze anos de prática do ofício já dominou um tanto a arte de fabricação da rabeca, mas ele ainda sente que tem muito para aprender, por isso está sempre pesquisando e estudando sobre o assunto. Já transmitiu para muitas pessoas seus conhecimentos, e atualmente, lamenta que o projeto de oficina de confecção de Rabeca ministrado por ele esteja já há alguns anos praticamente inativo por falta do apoio político e financeiro da prefeitura de Ferreiros.

Ressente-se pela falta de apoio cultural por parte dos órgãos públicos e vem se mantendo na atividade de construtor com muitas dificuldades, o que por vezes lhe deixa desanimado, e tal situação o obriga a investir mais no ofício de marceneiro por causa da falta de políticas públicas que promovam meios que viabilizem a continuidade da arte da construção da Rabeca nordestina.

Zé de Nininha durante esses doze anos de ofício desenvolveu um modo de fazer Rabeca bem pessoal, decidiu batizar suas rabecas e as chama de “som da terra”, porque para ele “uma Rabeca tem que ter o som da cana-de-açúcar da zona da mata norte. Como será o som da cana-de-açúcar? O som da cana quando o vento balança a folha da cana faz aquele som estranho (...) é o som da rabeca”.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

ORIGENS

Segundo os relatos de Zé de Nininha, a Rabeca sempre esteve presente em sua vida, desde pequeno:

“Quando eu me entendi de gente, veja só, quando eu me entendi de gente, eu com seis anos, em 1964, eu comecei a conhecer os primeiros sons de rabeca, porque minha mãe me levava pra o Cavalo-Marinho. Era uma festa! Era uma festa. 1964, 65, 66, 67 até chegar em 70, era o auge de Ferreiros de Cavalo-Marinho. (...) Parecia até competição de Cavalo-Marinho, a gente ia pra onde tinha mais gente. (...) E a Rabeca estava em todas as partes.”

Conviver, portanto, com o instrumento na brincadeira do Cavalo-Marinho levou-o a começar a se interessar pela construção da rabeca. Conta-nos seu processo de aprendizagem do ofício.

“Aprender mesmo, eu acho que a gente ainda tá aprendendo, né? [fala rindo] O como veio essa ideia de aprender a construir Rabeca foi através do próprio Cavalo-Marinho, eu via a Rabeca no banco do Cavalo-Marinho, mas, meu desejo mesmo era fazer uma Rabeca pra mim. Eu não tinha nenhum interesse de fazer uma Rabeca pra vender, de botar ela no comercio pra vender. Que primeiro eu tinha outra atividade, não tinha tempo assim para fazer. Então, a primeira Rabeca que eu fiz ficou péssima, não prestava pra nada. No meu ponto de vista essa Rabeca não prestava pra nada porque ficou muito feia. Mal acabada, acabamento, ficou meia tronxa, até a terceira ainda saía tronxa. Mas alguém viu essa rabeca. [pausa] Alguém viu essa rabeca. E essa mesma pessoa que me incentivava muito na rabeca, chegou

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 | 00 13 F60 02**

aqui viu a Rabeca e disse: - Ficou boa Zé! (...) Foi Roselania, uma pessoa que me ajudou muito. (...) Aí comecei pegar gosto pela coisa. Eu procurei Pitunga e Pitunga disse que não ensinava, porque não levava jeito pra ensinar. Mas ele tinha um livretinho (...) e a gente tinha ele aqui. Pensei, fui em Mongol umas vezes, depois fui lá em Mario de Prancha também, mas eu achava a Rabeca de Pitunga era muito mais bem acabada, muito mais bem feita e fiquei na mente, com a mente gravada com a Rabeca de Mané Pitunga na minha cabeça, aí comecei ver no livro, o livretinho que ele tinha, que esse livro ensinava como é que era que fazia as peças. Através daquele livro, eu não largava aquele livro, o livro ficou até com as pagininha estragada de tanto eu tá com ele olhando, vendo. A partir da quarta Rabeca por aí a fora, aí ela começou a ficar mais bonitinha, né? E apareceu uma pessoa e me comprou essa rabeca. E veio numa situação que eu tava precisando de dinheiro e vendi a rabeca. Comecei tomar gosto e durante esse tempo nunca mais parei”.

Hoje, Zé de Nininha é um dos luthies mais importantes da região que mantêm viva a tradição de fazer rabeca.

Importante ressaltar que ele faz Rabeca para rabequeiros que tocam nos Cavalo-Marinheiros de Pernambuco, portanto, ele também contribui diretamente para manutenção deste instrumento no brinquedo.

AS MOTIVAÇÕES

Como destacado anteriormente, a vida de Zé de Nininha foi marcada pela presença do Cavalo-Marinho. Junto deste, como brincador, Nininha foi se afeiçoando pelo universo da brincadeira e pela rabeca. As motivações, então, para continuar no ofício, fazendo rabeca, têm raízes na sua própria história de vida. Sua ligação com a arte começou cedo. Como nos contou Zé de Nininha:

“Eu não paro porque eu tenho paixão pela rabeca. (...) O incentivo maior é o amor pela arte. É você fazer uma coisa que você gosta. Infelizmente a situação é essa que eu tô falando, mas é você gostar da coisa. Eu gosto das minhas rabecas.”

Esta paixão, obviamente, reflete também na sua ação como transmissor deste saber. Vê-se aqui um processo extremamente importante e diretamente atrelado a salvaguardar a Rabeca e sua sonoridade como parte integrante do Cavalo-Marinho. Assim, para Nininha:

“(…) Dos meus alunos que eu já tive, de toda a minha história desses doze, vai fazer treze anos já, eu quero que os alunos que eles cresçam mesmo, que eles cheguem até onde eu não consegui ainda. Que eles tenham criação.”

SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Zé de Nininha além de ser um importante luthier da região, ele também é um criador de métodos próprios para fazer a rabeca. Seu processo é uma mistura de muitos modos de fazer. Pode considerar que Zé de Nininha realizou uma pesquisa própria de como fazer Rabeca e em cima disso criou seu modo de fazer. Conta ele:

“Eu juntei de três pra fazer a minha. Eu pesquisava a de Mario, pesquisava a de Mongol e pesquisava a de Pitunga. Só que eu queria fazer a minha independente da deles três. Porque a Rabeca de Mario tinha uma coisa que eu não queria. Ou a Rabeca de Pitunga tinha uma coisa que eu não queria. E eu comecei tirando aquilo que eu não queria, e que eu achava daquele jeito que eu ia fazer ficava melhor. E assim eu fabriquei a minha e daí por diante já veio umas encomendas e ainda hoje sempre vem, o pessoal sempre liga pra cá. Eu comecei a fazer a minha rabeca.”

Ele, portanto, traz um caminho próprio que carrega transformações e inovações, sem perder, no entanto, o “som da cana”, como ele mesmo costuma dizer ao se referir a sonoridade das rabecas que produz. Este som da cana, no entanto, não é exclusividade do brinquedo do Cavalo-Marinho, para ela a Rabeca é um instrumento para todos os estilos. Observa, portanto, como um instrumento musical de forma ampla e versátil. Assim, ainda que ele contribua de forma decisiva para a existência da Rabeca no Cavalo-Marinho, ele afirma:

“Eu vejo que a Rabeca não é só um instrumento do Cavalo-Marinho”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Há depoimento coletado em entrevista (01/06/2012) em que Fred da Rabeca (construtor de Rabeca residente em Goiana-PE) reconhece o Zé de Nininha como um mestre na construção de rabecas; relata que ele lhe transmitiu informações importantes sobre o modo de fazer de Rabeca que foram úteis para o seu aprendizado. Considera Zé de Nininha uma importante referência nesta área.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1999-2000	Em 2000, Zé de Nininha construiu a sua primeira rabeca, porém, foi a partir da quinta Rabeca construída que ele passou a se agrandar do som do instrumento que produzia, desde então começou a fabricar e a comercializar as suas próprias rabecas e a denominá-las pelo nome de “som da terra”. Nesse período seu processo de construção se caracterizava pela utilização de uma técnica mais manual, as ferramentas utilizadas eram faca, formão, lixa.
2000	Fabricou 14 rabecas para formar uma orquestra de Rabeca para Pedras de Fogo – PE
2004	Esse ano realizou mudanças no modo de fazer as rabecas, Zé de Nininha passou a utilizar ferramentas elétricas o que resultou em um avanço na fabricação do instrumento, conta que a partir dessa mudança conseguiu fabricar uma quantidade maior de rabecas com mais agilidade. Explica que ele não deixou de utilizar as ferramentas anteriores, mas que apenas acrescentou novas ferramentas elétricas. Algumas ferramentas ele inventou e/ou adaptou para poder atender às necessidades do trabalho de confecção. As ferramentas que foram acrescentadas nesse período foram: serra elétrica; serrote elétrico (tico-tico) (“que corta redondo”); plaina; lixadeira.
2005	Fabricou 25 troféus para a secretaria de turismo de Olinda com formato de rabeca.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Zé de Nininha não conseguiu quantificar quantas rabecas ele já fabricou.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
1ª Etapa: Preparar os testos Duração: 3 dias	Escavar com formão a madeira para dar forma aos testos; utilizando-se de uma lixadeira elétrica adaptada, a meta é lixar e bolear toda a superfície da madeira (praíba); uma sub-etapa é lixar usando lixa para madeira visando realizar um acabamento mais minucioso nos testos, para polir as arestas e contornar a madeira. Técnicas utilizadas: - Escavação - Lixamento - Boleamento

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2ª Etapa: Fazer os braços Duração: 1 dia e meio	1) Traçar os braços; 2) Transferir o molde do braço para a madeira; 3) Modelar utilizando técnicas de lixamento e entalhe na madeira (sub-etapa de acabamento final); Técnicas utilizadas: - Moldagem - Lixamento - Entalhe em madeira
3ª Etapa: Montagem da rabeca Duração: 1 dia e meio	1) Unir os dois testos com a base do umbigo, usando cola, fazer a caixa de ressonância; 2) Colar o braço; 3) Colar as quatro colunas e uma alma; 4) Colar a língua e fazer o alinhamento da rabeca; 5) “Sistema de aro: primeiro botar a bunda; depois o ombro do lado esquerdo e o suvaco; observar, olhar se a caixa de ressonância está bem colada; depois montar o lado direito, ombro direito, conferir e lixar anivelado botar o suvaco;” 6) Suposta umbigo e lacraia sobre uma “base defensora que é o apoio da lacraia”; 7) Depois do cavalete pronto, colocar os cordões de nylon espera uns dias; 8) Bota-se o lado direito (parte de baixo) do arco para no dia seguinte dar o acabamento final, colar à parte os fios de crina na parte superior, são exatamente 100 fios de crina, penteia com um pente largo para desembaraçar; Obs.: Na preparação do arco é preciso fazer um pino de madeira para “os fios (crinas) ficar esticados e o arco ficar bem afinado”. Técnica: - Colagem
4ª Etapa: Acabamento Duração: 3 horas	1) Lixar 2) Envernizar com goma laca (“Para não tirar a tradição da rabeca”); Técnicas utilizadas: - Lixamento - Envernizamento

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Artesão ou fabricante de rabeca	Confeccionar a Rabeca conforme seu estilo de fabricação, tendo como base um modo de fazer artesanal aprendido através da tradição oral, utilizando-se de matéria-prima natural, como as madeiras específicas para esse fim, e também as ferramentas e/ou equipamentos necessários para a aplicação das técnicas usuais para este trabalho de construção. Após a fabricação o artesão busca comercializar para os interessados o seu produto.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****| 00****13****F60****02****10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES**

DESCRIÇÃO	- Instalação: Recursos financeiros foram investidos para a criação da oficina destinada a ser o espaço para a fabricação das rabecas. - Capital (em dinheiro): recursos financeiros são investidos na compra de equipamentos e matéria-prima visando viabilizar o trabalho de fabricação das rabecas. - Capital (valor em matéria-prima): madeiras, cola, goma laca, cordões de nylon, crinas de cavalo, arames, folhas de lixa madeira. - Capital em equipamentos/maquinário/ferramentas: traçador, furadeira, plaina, boleador, serra de fita elétrica, serrote elétrico, torno manual, lixadeira, faca, facão, formão. - Capital (em produto para venda): Rabecas
QUEM PROVÊ	O artesão ou fabricante de rabeca
FUNÇÃO	Viabilizar a manutenção da oficina, dos equipamentos e ferramentas para continuar realizando a atividade de fabricação e comercialização das rabecas. Remunerar o trabalho do auxiliar, caso exista.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	RABECA (CONFECÇÃO POR PARTES): 1ª Etapa: Preparar os testos 2ª Etapa: Fazer os braços 3ª Etapa: Montagem da rabeca 4ª Etapa: acabamento MATÉRIA-PRIMA: - Madeira: praíba - Arame ("mola do imbigo"); - Cordões de nylon; - Crina de cavalo; - Cola (tipo: cascorez adesivo PVA); - Goma laca FERRAMENTAS: - lixadeira (adaptada); - furadeira; - faca; - formão; - Lixa madeira - faca; - 01 pedaço de cabo de vassoura colado com uma folha de lixa madeira amarela colada ao cabo com cola de sapateiro; Nesta etapa não utiliza ferramentas, a cola é o material principal para fazer a montagem da rabeca. - folhas de lixas para madeira;
QUEM PROVÊ	O construtor provê todas as ferramentas e matérias-primas necessárias para a fabricação das rabecas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A Rabeca é um instrumento que faz parte da cultura musical do Cavalo-Marinho, por sua origem árabe representa historicamente a presença da cultura ibérica que veio impregnada com os colonizadores portugueses. Musicalmente, a sonoridade deste instrumento, a forma como é tocada apoiada ao peito e também a música (as escalas modais) produzida por ela no Cavalo-Marinho são características das influências ibéricas presentes na cultura musical nordestina.
DISPONIBILIDADE	- As madeiras são compradas de proprietários de sítios, ou seja, são madeiras coletadas das áreas da mata atlântica existentes na região; - As crinas são fornecidas diretamente pelos criadores de cavalos; - As ferramentas e os materiais (tais como: cola, lixa, cordões, arame, goma laca) estão disponíveis nos armazéns de construção do comércio local;

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	-----
QUEM EXECUTA	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	O repertório de toadas (as partes cantadas) e os baianos (as estruturas melódicas instrumentais geralmente compostas por ostinatos) compõem a parte musical da brincadeira que é entremeada por diálogos, encenações e danças. O rabequeiro e o toadeiro/pandeirista criam uma base musical que garante que os tocadores de bage (que geralmente fazem a “segunda” voz) e o tocador de mineiro ouçam “as referências rítmicas e melódicas fundamentais” para que respondam com precisão a sua parte, complementando a estrutura musical. Neste contexto musical, o rabequeiro em conjunto com as outras vozes oferece, através da rabeca, o suporte melódico para que se estruture toda a parte harmônica da música do Cavalo-Marinho.
QUEM PROVÊ	O banco (grupo de músicos do Cavalo-Marinho)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	- Tocar o repertório de toadas e baianos que compõem a parte musical da brincadeira; - Dar sentido à encenação e aos diálogos realizados pelas figuras.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	1. Rabeca: instrumento de cordas tangido por arco, feito de forma artesanal, matéria-prima: madeira. 2. Pandeiro: de 12 polegadas; pele sintética (plástico); de fabricação industrial. 3. Bages: são instrumentos percussivos, idiofônicos, feitos de taboca por meio e fabricação artesanal, cujo som é produzido por raspagem por meio de uma vareta de madeira. 4. Mineiro: é classificado como um idiofone executado por agitação e consiste de um tubo de metal em formato cilíndrico, preenchido com pequenas esferas.
QUEM PROVÊ	Pertencem ao dono do Cavalo-Marinho e/ou aos tocadores do Cavalo-Marinho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Promover que os músicos formem o banco para executar o repertório musical do Cavalo-Marinho.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTES	ATIVIDADES
Rabequeiro	Geralmente o rabequeiro possui seu próprio instrumento, após a execução o tocador guarda sua Rabeca e junto com os outros tocadores guarda o banco.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐		VENDE ☒	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR		SIM ☒ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☒			
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO		DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****| 00****13****F60****02****12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES**

Ainda não existe associação de Cavalo-Marinho, mas os grupos começaram a conversar para se organizar e fundar uma associação. Este diálogo foi iniciado no final de 2011, por iniciativa de Pedro Salustiano, no encontro de Cavalos-Marinheiros que aconteceu na Casa da Rebeca.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Rebequeiro	Sítio / Ofícios e Modos de Fazer - 03
Artesão de Rebeca	Sítio / Ofícios e Modos de Fazer - 01

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Anexo 2 – Registro Nº 135

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2 – Registro Nº 01

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	02
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 - Questionário de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer		
PESQUISADOR(ES)	MARIA CRISTINA BARBOSA		
SUPERVISOR	João Paulo de França		
REDATOR	Maria Cristina Barbosa		DATA Fev. 2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	13	F60	03
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Zona da Mata Norte / Paulista
LOCALIDADE	Extremo Norte e Limítrofes / Norte-Centro e Paulista / Sul-Oeste
MUNICÍPIO / UF	Ferreiros, Camutanga, Itambé, Aliança, Condado, Goiana, Nazaré da Mata, Feira Nova, Glória do Goitá; Lagoa de Itaenga, Olinda e Paulista / PE Pedras de Fogo / PB

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Rabequeiro
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Rebequista
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Antônio Manoel Rodrigues	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	17
OCUPAÇÃO	Trabalhador rural (aposentado)	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/02/1934
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☒ OUTRO <u>RABEQUEIRO</u>		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

PE 01 | 00 13 F60 03

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Os Rabequeiros (ou Rabequistas) do Cavalo-Marinho de Pernambuco

Os relatos dos rabequeiros tradicionais do Cavalo-Marinho a respeito do modo como eles aprenderam a tocar mostram que a aprendizagem musical aconteceu de forma autodidata, por meio da observação, da imitação e da experimentação da rabeca. As práticas musicais de tradição oral, como as dos rabequeiros tradicionais, indicam que a transmissão dos saberes pode ocorrer de muitas formas, mas geralmente, constituem-se num processo contínuo, no qual, os rabequeiros desenvolvem uma capacidade de assimilar e guardar na memória visual as posições dos dedos, a maneira de movimentar o arco; registram por meio da memória auditiva, a melodia e a rítmica de uma toada ou um baiano, e vão com muito esforço e dedicação aprendendo a tocar. Esse modo de aprender é ainda mais intenso quando estão tocando no contexto da brincadeira.

Comumente a formação de um rabequeiro ocorre por meio de um processo de construção do conhecimento determinado pela vivência da brincadeira, vendo e ouvindo outro rabequeiro tocar por uma noite inteira, ou seja, as etapas desse processo de trabalho acontecem geralmente no cotidiano dos brincadores quando esses assumem entre si uma relação de ensino-aprendizagem, onde geralmente um rabequeiro de grande saber e prática decide ensinar a outro. Porém, é importante considerar que nem sempre esse processo de transmissão é uma situação combinada entre aquele que sabe e aquele que quer o saber, o conhecimento não é ensinado passo a passo para que o outro aprenda, há casos de rabequeiros em que a relação de aprendizagem ocorreu à revelia daquele que estava na condição de ensinar; temos como exemplo o caso do rabequeiro Luís Paixão, que relata que aprendeu por iniciativa própria, memorizou uma melodia e foi buscando descobrir os sons da rabeca, até meio que escondido, e de forma totalmente autônoma conseguiu aprender. É bastante comum nos depoimentos dos rabequeiros esse tipo de relato, no qual, afirmam terem aprendido sem uma intervenção direta de um rabequeiro mais experiente e sim de forma autodidata, que por meio da observação e da imitação desenvolveram seu próprio modo de aprender. Esta é uma característica bastante comum no contexto das manifestações culturais de tradição oral.

Sobre o repertório musical que os rabequeiros tradicionais de Cavalo-Marinho são detentores o que se sabe é que até

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 | 00 13 F60 03**

o momento não foi realizado um trabalho de identificação, classificação e quantificação completa do repertório musical do Cavalo-Marinho. O rabequeiro de Cavalo-Marinho detém todo um repertório de toadas (as partes cantadas) e baianos (são estruturas melódicas instrumentais geralmente compostas por ostinatos), que compõem a parte musical da brincadeira que é entremeada por diálogos, encenações e danças. Essa percepção integral da música que é capaz de interligar as partes e dar significado ao todo é alcançada pelo rabequeiro após muitos anos de vivência lúdica e de convivência comunitária, tocando, articulando saberes e expressando suas práticas noites a dentro. Cada rabequeiro aprende o repertório musical de seu contexto sociocultural de origem, considerando as possíveis variações que ocorrem dentro de uma mesma região, e também, de uma região para outra. Com isso, pode-se notar o quanto é extenso o repertório do Cavalo-Marinho, bem como reconhecer que o tempo e a dedicação que os rabequeiros investiram para aprender essa cultura musical foram fundamentais para a preservação e continuidade desse patrimônio.

Durante a década de 1990, ocorreu uma forte divulgação da brincadeira do Cavalo-Marinho em Pernambuco, foi quando a rabeca e o ofício de rabequeiro ressurgiram na mídia e foram inseridos em um novo contexto cultural, através de pesquisadores que passaram a realizar pesquisas sobre o Cavalo-Marinho e/ou músicos que começaram a utilizar a rabeca em seus trabalhos artísticos, como o realizado por Siba (da extinta banda Mestre Ambrósio), que colocou em evidência a rabeca e alguns rabequeiros da zona da mata norte, o que lhes garantiu acesso a novos palcos e espaços dentro da comunidade musical urbana.

Passada a década de 1990, em pleno século XXI, em meio às mudanças culturais vigentes, o ofício de rabequeiro no Cavalo-Marinho não vem sendo exercido, exclusivamente, por aquele rabequeiro tradicional que faz parte da comunidade do Cavalo-Marinho, agora, o sentido geográfico de comunidade também se altera e se amplia. Os espaços para a atuação desses músicos também sofreram grandes mudanças, os rabequeiros tradicionais relatam que antigamente eles eram mais solicitados a tocar em outros tipos de manifestações culturais; além do Cavalo-Marinho, tinham mais oportunidades para tocar nos bailes de forró, nos grupos de mamulengo ou nos ternos de pífano, e lamentam que atualmente esses espaços musicais sejam cada vez mais raros.

A falta de rabequeiros locais é uma realidade premente; percebe-se que atualmente ainda há poucos rabequeiros em formação no âmbito das comunidades onde estão localizados os grupos de Cavalo-Marinho; talvez isso ocorra, entre outros fatores, por ser a rabeca considerada um instrumento de difícil execução, devido à técnica e também ao amplo repertório de toadas e baianos que um rabequeiro precisa dominar para poder tocar no Cavalo-Marinho.

Observa-se, na atualidade, a inserção de jovens músicos que vivem na área urbana e que aprenderam a tocar, geralmente, através de aulas particulares de rabeca, serem chamados para assumir a função de rabequeiro nos cavalos-marinhos tradicionais, mesmo sem fazer parte do contexto comunitário daqueles grupos. Porque não há no entorno dos grupos tradicionais de Cavalo-Marinho rabequeiros em número suficiente para suprir a demanda dos grupos. Como no caso dos grupos de Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga e Feira Nova, onde, atualmente, há apenas um rabequeiro para atender a três grupos de Cavalo-Marinho. Ainda comenta-se sobre a falta de interesse dos jovens da comunidade em participar da brincadeira. Essa realidade é um dado relevante para pesquisa mais aprofundada, para que seja possível compreender quais são os fatores pertinentes ao contexto de cada um destes grupos.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O terreiro é o lugar da atividade desenvolvida pelo rabequeiro que realiza suas atividades musicais no ato da brincadeira, compõe o banco e ao lado dos outros tocadores desenvolve o repertório musical típico do folgado. O rabequeiro assume uma relação importante com os outros tocadores do banco – nos grupos das localidades 1 e 2, – é o primeiro tocador que compõe a formação do banco, visto que a ordem dos instrumentos musicais é respectivamente: rabeca, pandeiro, bage e mineiro. Nos grupos de Cavalo-Marinho da localidade 3, a formação do banco é outra, a ordem dos instrumentos musicais é: bombo, mineiro e rabeca. Em ambos os casos, a atividade principal do rabequeiro quando ele está no banco é tecer a base melódica que interliga as cenas durante toda a brincadeira.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 | 00 13 F60 03****6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS**

Os diversos engenhos existentes na Zona da Mata Norte podem ser considerados como marcos edificados, pois possuem fortes ligações com o Cavalo-Marinho. Pode-se considerar que a maioria dos brinquedos se formou no contexto político, social e cultural dos engenhos. Com a paulatina desestruturação dos engenhos e a destruição das propriedades, bem como as mudanças provocadas por fatores econômicos, muito da cultura do Cavalo-Marinho também foi sofrendo profundas transformações culturais. Atualmente, os espaços onde se originaram os mais antigos grupos de Cavalo-Marinho estão presentes apenas na memória dos brincadores veteranos. As grandes usinas, como a Petribu, arrendaram muitas terras para a monocultura da cana-de-açúcar, então todo o “cenário” das manifestações culturais foi destruído com tempo.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Os elementos necessários que integram o espaço para que os rabequeiros realizem suas atividades musicais durante a brincadeira é o banco (objeto de madeira) peça fundamental para a delimitação geográfica do espaço onde será formado o terreiro. O banco é o marco principal para a existência do terreiro enquanto o lugar da atividade (a brincadeira). O terreiro (espaço semicircular) formado a partir do banco e todas as encenações e danças ocorridas dentro do terreiro são elementos fundamentais para a atuação musical do rabequeiro e também a dos outros tocadores.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

O período mais propício para a atuação do rabequeiro de Cavalo-Marinho é tradicionalmente o período natalino, por ser o mais favorável para os grupos vivenciarem seus saberes e práticas culturais e também conseguirem apresentações remuneradas.

Geralmente nos meses de agosto até novembro acontecem os preparativos para o período natalino através dos ensaios que são realizados em espaços comunitários onde esses grupos estão localizados.

Durante esse período de ensaios os grupos buscam se articular para conseguir contratos de apresentações. No mês de dezembro há a possibilidade de serem contratados pelas prefeituras para a programação festiva do município local e também de outros municípios. Geralmente o Cavalo-Marinho conclui no dia de Reis (6 de janeiro) o seu calendário festivo mais tradicional. Porém, observa-se que durante o ano acontece a realização de eventos promovidos por órgãos públicos e/ou produtores independentes que incluem os grupos mais conhecidos de Cavalo-Marinho e, conseqüentemente, promovem que esses grupos possam se apresentar por um período que vai além do calendário festivo tradicional do brinquedo.

Deste modo, os rabequeiros têm tido acesso a um mercado de trabalho mais amplo, pois além de brincar/tocar no Cavalo-Marinho, em alguns casos, os rabequeiros podem ser convidados para tocar com outros artistas, realizando trabalhos musicais paralelos ao do seu grupo de Cavalo-Marinho; podem ser contratados para oferecer oficinas para ensinar interessados a tocar rabeça; produzir música para espetáculos de grupos de dança; entre outras possibilidades de trabalhos que estão disponíveis no mercado musical atualmente.

7.1. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

PE 01 | 00 13 F60 03

8. BIOGRAFIA

Mestre Antônio Teles

Nasceu pelas mãos da parteira local Severina Breda no engenho Caité, município de Aliança, Pernambuco, às quinze horas do dia 13 de fevereiro de 1934. Seu pai chamava-se Manuel Teles Rodrigues, era um trabalhador rural e sua mãe Severina Ferreira do Carmo dedicava-se aos cuidados com a casa e a criação dos filhos. Foi batizado por seu padrinho como Antônio Manuel Rodrigues, mas desde cedo passou a ser chamado por Antônio Teles, o mesmo sobrenome pelo qual era conhecido seu pai na comunidade. Começou a trabalhar quando criança, aos 10 anos já trabalhava com seu pai na roça e tangendo o gado. Com uma rotina de trabalho tão intensa, Antônio Teles não tinha oportunidade para brincar livremente em sua infância, também não teve oportunidade de estudar, então, quando conheceu o Cavalo-Marinho esse passou a ser um espaço de vivência lúdica, de descoberta de novas possibilidades de expressão e de desenvolvimento pessoal, o que ressalta também a importância do brinquedo popular no sentido de atender às necessidades de ludicidade e de autoexpressão, pois, no seio das comunidades rurais, normalmente as pessoas são submetidas desde cedo a uma vida de muito trabalho. Em 1946, Antônio Teles aos 12 anos foi chamado para brincar de Mateus no Cavalo-Marinho de Demézio e este lhe ensinou a colocar a figura. Antônio Teles por sua vez convidou seu primo Zé Dionísio para brincar de Bastião e juntos formaram uma “parêia” e iniciaram suas trajetórias de brincadores neste grupo do engenho Caité.

O mestre explica que nesse tempo a brincadeira não tinha um nome personalizado como acontece atualmente, o brinquedo era simplesmente chamado de Cavalo-Marinho. Neste período a formação do banco era João Salu na rabeca; na viola Zé Antônio, Mané Pedro que foi sucedido posteriormente por Chico Carlo*; Mané Prezantino* no pandeiro; o tocador de bage [na entrevista ele não citou o nome do baigista]. E relata que neste tempo não havia mineiro em Cavalo-Marinho.

Antônio Teles brincou de Mateus por três anos no Cavalo-Marinho de Demézio, aos 15 anos passou a brincar de galante, depois de certo tempo começou a cantar no banco. A partir desse momento fortalece sua ligação com a música do Cavalo-Marinho. A primeira rabeca foi comprada em sociedade com seu irmão Luís, depois Antônio Teles vende sua parte na sociedade e fica sem rabeca por um tempo, mas não sem interesse em aprender a tocá-la. Músico de grande sensibilidade, autodidata, aprendeu a tocar a partir da observação de outros rabequeiros e de sua participação na brincadeira do Cavalo-Marinho.

Daí em diante, ele continuou a brincar no Cavalo-Marinho de Demézio, mas também começou a se interessar em conhecer outros grupos; se aproximou dos grupos existentes em outros engenhos, citou o de Zé Moreira, de Chico Coqueiro, de Mané Vieira, de João Vital, o de Marcio Galdino e João Galdino.

Em 1964, passou a brincar no Cavalo-Marinho de Domício Pedro no engenho Natal (Aliança) já atuando como rabequeiro, neste grupo brincou por apenas três anos, porque o próprio Domício foi chamado para brincar de mestre no Cavalo-Marinho de Batista na Chã de Camará em Aliança. Em 1975, fixou residência em Condado. Conforme seus relatos, a partir dessa mudança ele se integra no cavalo de Memézio (filho de Demézio), neste grupo brincou por onze anos. Posteriormente, passou a ser o rabequeiro do Cavalo-Marinho de Biu Alexandre e atuou neste Cavalo-Marinho por vinte e cinco anos.

Desde 1987, trabalha como fiscal da federação de terreiros de umbanda São Jorge; adepto da jurema, desde os 21 anos começou a desenvolver-se espiritualmente, a sua religiosidade afro-ameríndia se estendeu também para dentro do Cavalo-Marinho e se manifestou expressivamente através da figura do caboclo de Arubá, uma figura especial por sua canalização de forças espirituais e que o mestre Antônio Teles tantas vezes as incorporou na brincadeira do Cavalo-Marinho.

Em 2004, finalmente conseguiu realizar o sonho de fundar o seu próprio Cavalo-Marinho o que se concretizou mediante o apoio primordial de sua filha Nice Teles. Em novembro de 2011 foi inaugurado o Espaço Tradições Culturais com recursos do prêmio do Ministério da Cultura, atualmente o espaço serve para ser a sede do Cavalo-Marinho, onde guardam o acervo de peças, indumentárias, bicharia e instrumentos musicais do Cavalo-Marinho. Também é um espaço para a realização de eventos culturais e oficinas aberto para a participação comunitária, bem como iniciativa de formação de grupo cavalo voltado para a inclusão social e cultural de crianças e jovens da comunidade. Essa ação é coordenada por Nice Teles e conta com o apoio e participação de seus filhos; ela vem conduzindo a direção do Cavalo-Marinho Estrela Brilhante, dando apoio fundamental ao mestre Antônio Teles.

O mestre Antônio Teles possui uma excelente memória apesar de sua idade avançada e das dificuldades para falar; sua narrativa é clara e organizada, conta com precisão detalhes de sua história; ao resgatar da memória a sua própria trajetória, ele retrata também o cenário da brincadeira do Cavalo-Marinho dentro dos engenhos nas décadas de 1940 até a atualidade, pois ele ainda vem fazendo a sua história através de seus netos que recebem dele os conhecimentos sobre a brincadeira do Cavalo-Marinho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 | 00 13 F60 03****9. ATIVIDADE****9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Em Pernambuco, tratando mais especificamente da brincadeira do Cavalo-Marinho, a prática musical dos rabequeiros tradicionais é bastante antiga, a atividade faz parte de um sistema de transmissão oral que é repassado de geração a geração, de forma de que não há como precisar uma data que comprove como e quando se deu a sua origem. Para o rabequeiro Antônio Teles, a brincadeira do Cavalo-Marinho e também sua cultura musical já era praticada desde o período colonial brasileiro. Para ele, o Cavalo-Marinho surgiu em Portugal, criado pelos negros da senzala, não os que trabalhavam no corte da cana, e sim os negros que trabalhavam nos cafezais, no tempo de rei e rainha, sinhô e sinhá. Eles brincavam escondidos e eram prejudicados pelos capitães de campo que iam atrás deles, porque brincavam, eles apanhavam e eram amarrados pelos troncos. A rabeca também veio de Portugal para o Brasil e daí chegou na zona da mata norte.

MOTIVOS E TRANSFORMAÇÕES

As motivações para a atividade de rabequeiro de Cavalo-Marinho encontram suas justificativas tanto no sentido lúdico quanto nas possibilidades para obter certa remuneração que sirva como um meio de vida que os ajude a complementar a renda familiar. Observa-se que atualmente essas duas possibilidades se apresentam fortemente para o rabequeiro de Cavalo-Marinho e que este, geralmente, procura tocar também em outras manifestações culturais como forma de lazer e também de sobrevivência. Por isso, muitos rabequeiros (principalmente os mais jovens) demonstram interesse em desenvolver uma carreira artística visando tornar-se um artista reconhecido na mídia e consequentemente ganhar mais dinheiro e melhorar as suas condições de vida.

No âmbito dos grupos de rabequeiros de Cavalo-Marinho, é possível destacar o rabequeiro Luís Paixão, como um homem já de meia idade, de origem rural, agricultor, que quando jovem por incentivo de seu primo, José Alves, um respeitado rabequeiro, iniciou seu aprendizado na rabeca, brincando no Cavalo-Marinho da comunidade onde vivia. A prática de Paixão como rabequeiro esteve sempre restrita ao universo rural da zona da mata norte com seus engenhos, sítios, a lida com o corte da cana e a agricultura para subsistência da família.

Passa o tempo e na década de 1990, Luís Paixão, este brincador de Cavalo-Marinho, começa a percorrer uma trajetória incomum. Através da divulgação alcançada pelo Cavalo-Marinho em Pernambuco, ele começa a ser reconhecido dentro do mercado midiático da música em ascensão naquele período. E assim, tornou-se um rabequeiro famoso nos grandes centros urbanos e teve oportunidade participar de dezenas de projetos artísticos em nível nacional e internacional, quando em 2001, começou a fazer parte da banda da cantora Renata Rosa. Em 2005, do amadurecimento como instrumentista e compositor lança seu primeiro cd solo, Pitu com Pimenta. Mesmo com uma agenda de compromissos artísticos em Recife e Olinda, continuou tocando como rabequeiro no Cavalo-Marinho de Biu Roque (João Soares da Silva); com o falecimento deste em 2010, Luís Paixão assumiu ser o dono do Cavalo-Marinho Boi Brasileiro, que se encontra situado em sua residência em Condado.

Rabequeiros como José Alves, Mané Pereira, Mané Pitunga (estes já falecidos), e os ainda presentes na atualidade, como o Antônio Teles, Luís Paixão e Biu de Dóia, entre outros, se formaram em um contexto histórico, social e cultural que foi radicalmente transformado nas últimas décadas. Os rabequeiros citados aqui como exemplo aprenderam exclusivamente por meio da tradição oral, inseridos no meio rural e motivados pela sua ligação com a brincadeira, que era a principal fonte de lazer e um espaço para expressar sua visão de mundo.

A maioria destes rabequeiros precisou assumir os riscos de aprender a tocar, por vezes, a contragosto da família, para isto esforçaram-se e buscaram desenvolver por si mesmos um modo de aprender que era sustentado por uma cadeia de transmissão que conectava o conjunto de saberes e práticas culturais, e ao mesmo tempo relacionava todo o grupo de brincadores e mestres do Cavalo-Marinho, integrando processualmente as gerações. Logo, ao estudar a trajetória de vida desses rabequeiros, observa-se que as narrativas deles contam a história de um tempo passado. A narrativa revela também uma rica memória sobre as gerações que sustentaram por séculos a tradição do Cavalo-Marinho, bem como descrevem um cenário político e sociocultural de Pernambuco no século passado.

Considerando que qualquer sistema cultural está em processo contínuo de mudança, a pesquisa indica que ocorrem novas relações quanto aos interesses e modo de aprender a tocar, os rabequeiros estão se formando em um novo contexto social, no qual as motivações (tanto dos rabequeiros mais velhos quanto dos mais novos) para continuarem brincando no Cavalo-Marinho estão entremeadas por fortes influências da globalização na contemporaneidade que provocam transformações na forma como estes rabequeiros se relacionam com a tradição e as possibilidades de ascensão como artista no contexto midiático, buscando se estabelecer em meio aos conflitos e entraves surgidos desta relação.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****| 00****13****F60****03****9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES****REPRESENTAÇÕES**

O rabequeiro é ofício bastante reconhecido no universo social do Cavalo-Marinho, bem como em ambiência nacional e estrangeira. Alguns rabequeiros como Luis Paixão do Cavalo-Marinho Boi Brasileiro e/ou Cláudio Rabeca do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro além de serem rabequeiros do s respectivos brinquedos eles também possuem uma carreira como músico com repercussão nacional e internacional.

Dentro do brinquedo do Cavalo-Marinho o rabequeiro também é muito valorizado, pois é parte essencial para sua realização. Como é raro encontrar rabequeiros que toquem Cavalo-Marinho normalmente os rabequeiros disponíveis são disputados e bastante valorizados. Segundo relatos dos mesmos o rabequeiro é o músico que recebe o maior valor em cachê quando se realiza a brincadeira através de contratos com capital. Os rabequeiros são considerados músicos representativos da brincadeira do Cavalo-Marinho e também é reconhecido pela público me geral como “peça” fundamental da brincadeira. Infelizmente, são poucos os rabequeiros em atividade, e existem poucos jovens que querem seguir este ofício.

Observemos algumas narrativas de alguns rabequeiros de Cavalo-Marinho:

Antônio Teles (Cavalo-Marinho Estrela Brilhante)

Sobre as diferenças e semelhanças entre a forma de brincar no passado e na atualidade ele relata:

“Não era semelhante, a coisa era mais diferente, era melhor ainda, não tinha besteira. Os galantes desse tempo, eu comparo assim: galante com vereador. Nesse tempo nem ganhava galante, nem ganhava vereador. Era os galantes pra segurar uma micharia, os vereador pra segurar uma besteira também. Era tudo igual.”

Transmissão

“Antigamente era melhor, não precisava tá ensinando a ninguém. A gente tava botando Cavalo-Marinho, às vez chegava um velhote assim,...depois entrava na trança, botava a máscara na cara e dava o positivo. Os toadeiro era bom, tinha uns toadeiros muito bom”

Sobre as mudanças musicais:

“Era diferente no jeito de cantar, hoje em dia as toadas era tudo diferente. Hoje em dia o pessoal faz uma mistura, não sabe fazer. (...) Foi num foi eu ensino meus netos aqui, e digo: as toadas é essa aqui!”

“O ritmo era mais quente. Agora o margulho que é, que nem hoje em dia, o margulho era diferente, era mais calmo.
era mais calmo”.

Biu de Doia (Cavalo-Marinho Tira Teima, Ventania e Boi Teimoso)

O artesão Biu de Doia é bem reconhecido em sua comunidade, é prestigiado por ser um excelente construtor de bonecos de mamulengo e bichos de Cavalo-Marinho, além de ser atualmente o produtor mais atuante deste tipo de artesanato, ele também é o único rabequeiro da localidade 3, toca a rabeca nos grupos de Cavalo-Marinho de Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga e Feira Nova. O depoimento do mestre Borges Lucas ratifica o seu valor:

“Admiro muito. Dou muito valor. Dessa região aqui pra fazer a bicharada do jeito que ele faz o campeão é ele mesmo.

O trabalho dele é muito bom, faz porque sabe fazer. Biu de Dóia é o nosso rabequeiro.”

Luis Paixão (Cavalo-Marinho Boi Brasileiro)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 | 00 13 F60 03**

“Uma brincadeira é muito bom. Cavalo-Marinho, Babau, espetáculo, palhaço... É muito bonito. Desde criança que eu vivo mexendo com isso, com música. Eu sou de brincadeira. Eu me sinto muito bem vendo a turma brincando do terreiro, e eu sentado tocando.”

Referência: <http://conexao2011-artistas.blogspot.com.br/2011/11/Cavalo-Marinho-boi-brasileiro-luiz.html>

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Década de 1970	O rabequeiro Mario de Prancha (de Ferreiros – PE) participou do Movimento Armorial.
1990-1991	O etnomusicólogo americano John Patrick Murphy realizou pesquisa na zona da mata norte que resultou na tese de doutorado (que depois foi publicada como: O Cavalo-Marinho pernambucano). O trabalho é uma etnografia musical da prática do Cavalo-Marinho. Nestes anos de trabalho ele pesquisou também sobre a vida e a obra do artesão de rabecas e rabequeiro Mané Pitunga, falecido em 2002, Ferreiros – PE. Siba Veloso (na época estudante da graduação em música na Universidade Federal de Pernambuco) é contratado pelo professor John Murphy para trabalhar como assistente de pesquisa na pesquisa que estava realizado sobre o Cavalo-Marinho.
1993	Siba Veloso realiza um projeto de iniciação científica (UFPE), escreve a monografia intitulada “A Rabeca na Zona da Mata Norte de Pernambuco (Levantamento e Estudo)”. Nesta divulga os principais rabequeiros de Cavalo-Marinho atuantes no período de realização da pesquisa e também registra informações sobre antigos rabequeiros que são importantes referências na memória de alguns brincadores da zona da mata.
1992	Siba Veloso em parceria com um grupo de músicos fundou a banda Mestre Ambrósio, o nome do grupo é uma referência a uma figura do Cavalo-Marinho. Com esta banda Siba conseguiu trazer alguns grupos de Cavalo-Marinho para se apresentarem no Recife, o que promoveu uma forte divulgação do brinquedo inicialmente em Pernambuco e depois nacionalmente. Muitos rabequeiros passaram a ser conhecidos em Recife, com destaque para rabequeiros como: Salustiano (falecido), Mané Pitunga (falecido) e rabequeiro Luís Paixão.
2001	Ano que destaca o rabequeiro Luís Paixão como exemplo de artista tradicional, antes fixado na área rural da zona da mata norte, mas que passa a percorrer uma trajetória incomum, ascender dentro do mercado midiático da música pernambucana e em nível nacional e internacional. A partir dos anos 1990 a arte do rabequeiro Luiz Paixão passa a se tornar conhecida nos grandes centros urbanos, antes um tocador de rabeca restrito ao universo da zona da mata norte, do Cavalo-Marinho e de outros eventos culturais onde pudesse tocar sua rabeca, passou em 2001 a tocar na banda da cantora Renata Rosa, tendo oportunidade de participar de dezenas de projetos em Pernambuco, no Brasil.
2006	Destaca-se também como compositor e lança seu primeiro CD solo, intitulado Pimenta com Pitu e torna-se o primeiro rabequeiro de Cavalo-Marinho da zona da mata norte a desenvolver carreira solo como instrumentista, levando a arte de tocar rabeca a ser apreciada por um público consumidor diversificado e utilizando dos recursos da internet para divulgar seu trabalho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Geralmente, os rabequeiros tocam em outras manifestações culturais além do Cavalo-Marinho, na localidade 3, por exemplo, é uma prática comum a presença de rabequeiros tocando em grupos de mamulengo.

Nas localidades 1 e 2, por sua vez observa-se que os rabequeiros têm atuado também em grupos de forró pé de serra; tocando com artistas e bandas de música regional. Os rabequeiros mais antigos contam que era comum um rabequeiro tocar em cerimônias como batizado, casamento; animar festas; mamulengo.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Processo de transmissão dos saberes e práticas	Podemos considerar que há um processo de trabalho relacionado aos rabequeiros no que se refere aos processos de transmissão dos saberes e práticas em torno desse bem cultural, analisando que as etapas desse processo de trabalho acontecem geralmente no cotidiano dos brincadores quando esses assumem entre si uma relação de ensino-aprendizagem, onde geralmente um mestre ou um figureiro de grande saber e prática decide ensinar a outros. Há também depoimentos de brincadores que afirmam terem aprendido sem uma intervenção direta de um mestre, e que de forma autodidata, por meio da observação e da imitação desenvolveram seu próprio processo de aprender. O que sabemos é que o processo é vivenciado no cotidiano e principalmente na prática da brincadeira. Devemos considerar que esse processo de aprender depende muito do contexto social de cada grupo (brincadores), por isso varia de um grupo para outro. Atualmente essa transmissão vem sendo feita não só se valendo da oralidade, mas também de recursos tecnológicos.
Observação	Assistir as brincadeiras, observar os figureiros botando as figuras e construindo as cenas, pois a música está relacionada com a encenação das figuras e a dança. Realizar uma observação intencional, focando a atenção especial para a música: o banco; o rabequeiro; o repertório musical.
Imitação	Geralmente os rabequeiros contam que depois de observar por um tempo, passaram a começar a treinar com a rabeça e imitar o movimento das mãos, do arco, o ritmo e a melodia, uma etapa que exige a percepção musical, a memória auditiva e imagética.
Guardar na memória	Processo cognitivo de acumulação e maturação das informações. Podemos supor que as informações são referente a tudo aquilo que o rabequeiro vivenciou, são: as imagens, as toadas, os baianos ou baiões, o som de cada instrumento musical, as loas, os diálogos memorizados, os movimentos e gestos das figuras, os sons que fazem parte da brincadeira (as vozes cantando, o apito, os gritos, a paisagem sonora da rua, etc.), os passos das danças, entre outras possíveis impressões captadas pelo brincador.
Praticar	O ápice do processo: a vivência coletiva. Participar das brincadeiras tocando a rabeça no banco.
Comercialização	O dono do Cavalo-Marinho procura comercializar as apresentações fazendo a divulgação através de um currículo de apresentação sobre seu grupo. Entrega do material de divulgação; fazem contatos por telefone/via internet; aguardam as propostas para apresentações; fechado o contrato, realizam as apresentações; do pagamento recebido remunera os figureiros; os tocadores do banco e investe em melhorias no material do grupo.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Rabequeiro	Executar o repertório musical do Cavalo-Marinho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****| 00****13****F60****03****10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES**

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO	-----

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----
DISPONIBILIDADE	-----

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	-----
QUEM PROVÊ	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	-----
-----------	-------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

QUEM EXECUTA	-----
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	-----

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	O repertório de toadas (as partes cantadas) e os baianos (as estruturas melódicas instrumentais geralmente compostas por ostinatos) compõem a parte musical da brincadeira que é entremeada por diálogos, encenações e danças. O rabequeiro e o toadeiro/pandeirista criam uma base musical que garante que os tocadores de bage (que geralmente fazem a “segunda” voz) e o tocador de mineiro ouçam “as referências rítmicas e melódicas fundamentais” para que respondam com precisão a sua parte, complementando a estrutura musical. Neste contexto musical, o rabequeiro em conjunto com as outras vozes oferece, através da rabeca, o suporte melódico para que se estruture toda a parte harmônica da música do Cavalo-Marinho.
QUEM PROVÊ	O banco (grupo de músicos do Cavalo-Marinho)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	- Tocar o repertório de toadas e baianos que compõem a parte musical da brincadeira; - Dar sentido à encenação e aos diálogos realizados pelas figuras;

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	1. Rabeca: instrumento de cordas tangido por arco, feito de forma artesanal, matéria-prima: madeira. 2. Pandeiro: de 12 polegadas; pele sintética (plástico); de fabricação industrial. 3. Bages: são instrumentos percussivos, idiofônicos, feitos de taboca por meio e fabricação artesanal, cujo som é produzido por raspagem por meio de uma vareta de madeira. 4. Mineiro: é classificado como um idiofone executado por agitação e consiste de um tubo de metal em formato cilíndrico, preenchido com pequenas esferas.
QUEM PROVÊ	Pertencem ao dono do Cavalo-Marinho e/ou aos tocadores do Cavalo-Marinho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Promover que os músicos formem o banco para executar o repertório musical do Cavalo-Marinho.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Rabequeiro	Geralmente o rabequeiro possui seu próprio instrumento, após a execução o tocador guarda sua rabeca e junto com os outros tocadores guarda o banco.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☒	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☒

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	13	F60	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒	INTERMEDIÁRIO ☒	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐
--------------------------------	---	--	--

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Ainda não existe associação de Cavalo-Marinho, mas os grupos começaram a conversar para se organizar e fundar uma associação. Este diálogo foi iniciado no final de 2011, por iniciativa de Pedro Salustiano, no encontro de Cavalos-Marinhos que aconteceu na Casa da Rabeca.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Artesão de Rebeca	Sítio / Ofícios e Modos de Fazer - 01
Modos de Faze Rebeca	Sítio / Ofícios e Modos de Fazer - 02

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Anexo 2 – Registro Nº 57

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
As informações coletadas são suficientes para inventariar o referido bem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	 	00	13	F60	03
---	-----------	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há outros bens a serem identificados nesta ficha.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há outras observações relevantes.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 - Questionário de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer		
PESQUISADOR(ES)	MARIA CRISTINA BARBOSA		
SUPERVISOR	João Paulo França		
REDATOR	Maria Cristina Barbosa		DATA Fev. 2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Coordenador Institucional: Associação Respeita Januário Coordenadora da Pesquisa: Beatriz Brusantin		



Realização

Respeita Januário



Secretaria de
Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

Apoio



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA